UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS EM INGLÊS

Patricia de Aquino Prudente

Em busca da inocência - O percurso identitário de Hugo Hamilton em suas memórias *The Speckled People* e *The Sailor in the Wardrobe*

(Exemplar corrigido)

São Paulo
2014

PATRICIA DE AQUINO PRUDENTE

Em busca da inocência - O percurso identitário de Hugo Hamilton em suas memórias *The Speckled People* e *The Sailor in the Wardrobe*. (Exemplar corrigido)

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de mestre em Letras.

Orientadora: Profª. Drª Laura Patricia Zuntini de Izarra

De acordo:

Laura Patricia Zuntini de Izarra

São Paulo
2014

Nome: PRUDENTE, Patricia de Aquino
Título: Em Busca da Inocência - O Percurso Identitário de Hugo Hamilton em suas Memórias *The Speckled People* e *The Sailor in the Wardrobe*.

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de mestre em Letras.

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof. Dr.:_____ Instituição:_____

Julgamento:_____ Assinatura:_____

Prof. Dr.:_____ Instituição:_____

Julgamento:_____ Assinatura:_____

Prof. Dr.:_____ Instituição:_____

Julgamento:_____ Assinatura:_____

A Osmar e Arilda

AGRADECIMENTOS

À Universidade de São Paulo.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por conceder a bolsa de pesquisa a essa dissertação.

A todos do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas.

À Cátedra de Estudos Irlandeses William Butler Yeats e à Associação Brasileira de Estudos Irlandeses por me oferecer oportunidades de estudo, por todo o apoio e colaboração.

À Profª Drª Laura Patricia Zuntini de Izarra, por ser uma orientadora tão dedicada, por acreditar nos meus projetos, por todas as oportunidades que me deu até hoje e por extrair sempre o melhor de mim.

Ao Profº Drº Lynn Mario Trindade Menezes de Souza, por ser um grande educador e mestre e pelos aprendizados que mudaram a minha vida.

Ao Profº Drº Daniel Púglia, por ter me ajudado e me apoiado tanto no processo de ingresso do mestrado, por ser um professor amigo e humano.

Ao Profº Drº Eammon Hughes, da Queen's University Belfast, pelas oportunidades a mim concedidas e pelas discussões enriquecedoras a respeito do meu trabalho.

A Profª Drª Munira Mutran por ter iniciado esse lindo trabalho de estudos irlandeses no Brasil e por se esforçar tanto para a continuidade e expansão desse campo de estudo.

Ao escritor Hugo Hamilton, pela gentileza, pela convivência, pelas entrevistas, pelo apoio e incentivo tão especial.

À Mariana Bolfarine, pelo carinho e dedicação em me ajudar a conseguir a bolsa de pesquisa dessa dissertação.

À Arilda de Aquino e ao Osmar Prudente, minha mãe e meu pai, por absolutamente tudo o que fizeram por mim em todos esses anos de estudos, por acreditarem em mim e dedicarem a suas vidas ao meu sonho.

A Gustavo Prudente e Simone Caires, meu irmão e minha cunhada, pelo carinho, participação e apoio.

A Guilherme Carneiro Prudente, meu sobrinho, por encher o meu coração de alegria e amor.

Ao Quinzinho, por ser meu companheirinho, por me ensinar sobre a vida, pela superação e alegria infinita.

À Gilda Araújo, por sua amizade, dedicação e apoio.

À Adriana Pissaia e Leandro Dona, amigos e companheiros de trabalho, que sempre acreditaram muito em mim e fizeram o possível sem titubear para me ajudar.

À Nathalia Horvath, por sua amizade tão rara e especial, por estar comigo em todos os momentos sem exceção, por me compreender, me respeitar e me apoiar.

À Jessica Souza, por acreditar em mim e me incentivar em tempo integral, por me dar seu carinho e por estar tão perto, mesmo distante.

À Marcelle Meisen, por sua compreensão e por me alegrar sempre.

Aos amigos queridos, Aryana Souza, Marta Fernandes, Nathália Polachini, Taís de Oliveira, Luiz Fernando Calandrino, Dennys Yamaguti e Fabiana Savoya, pela companhia, carinho, apoio e participação.

A todos os colegas e amigos da pós-graduação e do grupo de estudos irlandeses, especialmente a Alysson Oliveira, Caroline Eufrasino e Rodrigo Moreira Pinto, pelas discussões, pela participação e pelo grande carinho.

A Deus, por ter me permitido o encontro e as vivências com todos acima, por ser a minha força e por seu infinito amor.

RESUMO

As memórias *The Speckled People* e *The Sailor in the Wardrobe*, lançadas em 2003 e 2006 respectivamente, narram de forma ficcional a infância, adolescência e início da vida adulta do escritor irlandês Hugo Hamilton. A narrativa relata a complicada formação identitária do autor-personagem no período de grandes transformações depois da Segunda Guerra Mundial e em meio as suas ascendências alemã e irlandesa. O ponto de partida desta pesquisa é a afirmação de que a identidade herdada de seus pais é como um pecado original e que ele deve crescer para encontrar a sua inocência. Essa afirmação inicia um projeto de transformação identitária. O objetivo da presente dissertação de mestrado é analisar e problematizar o percurso de transformação identitária vivido pelo personagem. Entendemos que há um sentimento de culpa, individual e histórica, em sua relação as suas identidades herdadas. Dessa forma, buscamos averiguar como esse sentimento o interpela em sua busca pela inocência e por um novo tipo de identidade. Além disso, nos propomos também a estabelecer um diálogo com várias perspectivas teóricas acerca do conceito de identidade para compreender os possíveis desdobramentos desse percurso e constatar se o personagem consegue encontrar a inocência que deseja através da reformulação de sua identidade hereditária.

Palavras-chave: Hugo Hamilton, identidade, identidade irlandesa, identidade alemã, culpa, culpa histórica.

ABSTRACT

The memoirs, *The Speckled People* and *The Sailor in the Wardrobe*, written by the Irish writer Hugo Hamilton and published in 2003 and 2006, narrate the author's complex process of identity formation, considering his German, Irish and English ancestry in a period of great transformations after the World Wars. According to the author, his identity was inherited at birth and he carried the Irish and German traditions, "like an original sin". He says he wants to grow up and gain his innocence. This marks the beginning of his project to transform his identity. The objective of this M.A. dissertation is to analyse the process of his identity transformation. As we see it, there is an individual and historical feeling of guilt attached to his inherited identity. Therefore, we seek to understand how this feeling interferes in his pursuit of innocence and of a new kind of identity. In order to do so, this work aims to establish a dialogue with various theoretical perspectives in relation to the concepts of identity to understand the possible effects of this process of his self-assertion and whether he can eventually gain his innocence.

Key-words: Hugo Hamilton, identity, Irish identity, German identity, guilt, historical guilt.

SUMÁRIO

1. Introdução.....10

2. Narrativas da Identidade
2.1 A questão da identidade e as concepções filosóficas.....26
2.2 A identidade nacional e a identidade do indivíduo.....38

3. As diferenças e a culpa como constituição da identidade
3.1 A descoberta das diferenças.....52
3.2 Língua, cultura e violência.....60
3.3 A resistência à culpa histórica.....71

4. Transformações da identidade pela arte e o espaço
4.1 A arte como refúgio.....83
4.2 A não-identidade no não-lugar.....91
4.3 Exílio.....100

5. Conclusão.....111

6. Referências Bibliográficas.....119

7. Anexo.....125

1. Introdução

O escritor irlandês Hugo Hamilton afirmou em uma entrevista recente que sua escrita era uma tentativa de explorar a difícil questão do pertencimento (Randolph, 2010). Em seu ensaio intitulado *Speaking to the Walls in English,* Hamilton (s.d.) explica que também almeja responder a algumas perguntas, tais como: "haverá uma única língua vencedora no final? Grupos de pessoas irão desaparecer? Culturas desaparecerão?". O autor declara que estabelecer quem são os vencedores e perdedores, os sobreviventes e os extintos, na história ainda é fundamental nos dias de hoje. Segundo ele, tal prática está no cerne da história alemã e foi a base da aspiração nazista que queria dominar o mundo e exterminar outras raças. Além disso, esta prática também caracteriza as histórias coloniais britânica e irlandesa nas quais línguas foram forçadas à extinção, primeiramente pelo uso da força bruta e depois por sucessivas ondas de pobreza, fome e emigração que exterminaram comunidades linguísticas inteiras[1].

Hugo Hamilton publicou sete romances, uma coletânea de contos e dois livros de memórias. Em 1992, Hamilton foi ganhador do prêmio Rooney Prize for Irish Literature (Enright, 2011). Seus três primeiros romances, *The Surrogate City* (1990), *The Last Shot* (1991), *The Love Test* (1995) e um dos seus mais recentes romances, *Disguise* (2008), se passam na Europa Central, principalmente na Alemanha. A sequência *Headbanger* (1996) e *Sad Bastard* (1998), sua coletânea de contos *Dublin Where the Palm Tree Grows* (1996), seus dois livros de memórias, *The Speckled People* (2003) e *The Sailor in the Wardrobe* (2006), e *Hand in Fire* (2010) se passam em Dublin, na Irlanda. Finalmente, seu mais recente romance, *Every*

---

[1] Neste trecho, Hamilton faz referência a alguns dos efeitos do processo colonial na Irlanda. Segundo Goodby (2003), o uso da força bruta como medida de extermínio da língua irlandesa inicia-se em 1649 com a conquista territorial de Oliver Cromwell, general inglês que ganhou o título de Lorde Protetor da Inglaterra. Neste período, populações católicas tiveram suas terras confiscadas, foram exterminadas e forçadas a ocupar as terras hostis do oeste da Irlanda. Cerca de quarenta anos mais tarde, a segunda medida drástica seria tomada, a criação das Leis Penais. Estas leis foram criadas para impedir que a população católica, majoritariamente falante de língua irlandesa, tivesse qualquer influência na vida social. Algumas das proibições eram não poder possuir armas, terras, deixar o país, ter acesso à educação, participar do governo e das práticas legais. Estas medidas forçaram a população a se assumir protestante e a falar a língua inglesa; ou a viver à margem da sociedade. O último grande marco para a redução drástica de falantes da língua irlandesa foi a Grande Fome, ocorrida em meados do século XIX, em que cerca de um milhão de pessoas morreram e mais dois milhões emigraram para outros países. Estima-se que no início do século XIX, havia cerca de três milhões e meio de falantes de língua irlandesa. Por volta de 1850, esta população já havia caído para um milhão e meio.

Single Minute (2014) faz uma ponte entre Irlanda e Alemanha ao narrar a viagem que Hamilton fez com a escritora e amiga Nuala O' Faolain antes de sua morte.

Ao tratar de divisões culturais, deslocamentos e conflitos linguísticos, a obra de Hugo Hamilton dialoga com alguns dos principais temas e perspectivas da literatura irlandesa contemporânea. O crítico cultural irlandês Fintan O'Toole (2009) explica que a literatura irlandesa desde o início do século XX tem vivido transformações temáticas e estéticas que podem ser definidas em quatro eixos. O primeiro deles, que marcou o período do início do século passado, é representado pela afirmação de James Joyce, em seu livro o *Retrato do Artista Quando Jovem*, de que a consciência artística nacional está no "silêncio, na astúcia e no exílio" [2]. Essas três características marcam a produção artística até a década de 60 na Irlanda. O silêncio, manifestado não na forma artística, mas na forma pública e social, representa a recusa do artista em dar voz aos assuntos concernentes aos movimentos políticos da época. O'Toole explica que o silêncio veio a ser característico da literatura irlandesa do período, de qualquer maneira, pela condição imposta pela censura[3]. O artista teria de usar sua astúcia para contornar a censura oficial do país em sua obra. Por último, o exílio, tanto físico como espiritual, arrebatava a grande maioria dos artistas.

O segundo eixo apresentado por O'Toole confronta diretamente a tríade joyceana. Este novo eixo é inspirado no trabalho do escritor e intelectual Daniel Corkery da década de 30 o qual, em seu livro *Synge and The Anglo-Irish Literature*, define três características para o artista nacional: terra, religião e nacionalidade. A primeira característica tem a ver com o relacionamento com a terra e com o fato de que a maioria da população irlandesa era rural. A religião aparece como representação do catolicismo e defesa da sua relação com a nacionalidade irlandesa. De acordo com Corkery, essa tríade representa um elogio à conexão com a terra, com o povo e com a nação.

---

[2] Tradução da frase "silence, cunning and exile" retirada da versão em português do livro de James Joyce, *O Retrato do Artista Quando Jovem,* pela editora Objetiva, 2006.

[3] A censura na Irlanda foi oficialmente instituída em 1923 com o Ato de Censura a Filmes e em 1929 com o Ato de Censura a Publicações. A comissão de censura era apontada pelo Ministro da Justiça e buscava banir valores contrários aos princípios revolucionários e católicos ou qualquer produção artística que apoiasse a divisão territorial irlandesa. Apesar dos protestos de muitos escritores e artistas do período, como W.B. Yeats ou Bernard Shaw, quase toda a ficção moderna irlandesa foi banida e quase todos os escritores consideravam questão de honra ter pelo menos um de seus livros banido. A censura começou a diminuir em 1967, mas existe ainda hoje (Goodby, 2003). Há cerca de dez livros ainda proibidos na Irlanda, todos relacionados ao tema do aborto ou sexualidade (Bohan, 2012).

Para O'Toole, um novo eixo temático surge na década de 80. Os novos escritores não estão mais tão interessados nos dois primeiros eixos, mas agora estão focados nas culturas urbanas e na conjunção da literatura com novas formas artísticas na Irlanda, como o cinema. Escritores como Dermot Bolger e Roddy Doyle representam as culturas suburbanas e são afetados em suas obras pelo cinema, pelo rock 'n roll e pela chegada do sexo como elemento cultural na Irlanda. Dessa forma, O'Toole representa o novo eixo temático como "sexo, drogas e rock 'n roll". É um eixo artístico que começa a dialogar com o processo de globalização.

Por fim, o eixo temático mais recente da literatura irlandesa resulta do processo de hiperglobalização vivido pelo país desde a década de 90. Com o Tigre Celta[4], a economia irlandesa se tornou próspera, ou pelo menos manteve a aparência de prosperidade, e gerou uma nova tríade: migração, prosperidade e conflito. A história da Irlanda e sua literatura sempre foram marcadas pela presença do exílio, da diáspora, da emigração. No entanto, neste novo período, a emigração cessa e a imigração surge com força pela primeira vez na história do país ocasionando uma grande reviravolta na cultura. A emigração e a pobreza sempre foram parte da identidade irlandesa. Encarar artisticamente a imigração e a pobreza vivenciadas pelo estrangeiro na Irlanda se tornou a novidade. O'Toole pergunta: "o que fazer quando você se torna rico e a sua identidade é sobre ser pobre?" (p.104). Como lidar com as tensões geradas pela presença deste outro, estranho, que ocupa um lugar que de alguma forma sempre foi o do irlandês? Os conflitos, como a última característica desta tríade, ganham visibilidade. Além do fator econômico, as diferenças políticas entre católicos e protestantes na Irlanda do Norte determinam outro motivo para o tema do conflito. O acordo de paz em 1998 coloca um fim oficial aos *Troubles*[5], no entanto, ainda deixando muitas ambiguidades a serem resolvidas.

---

[4] Tigre Celta é o nome dado ao período de crescimento econômico singular da Irlanda iniciado no final da década de 1980. Neste período o crescimento do PIB irlandês atingiu a média de 9,4% ao ano até 2001 e de 15% depois deste ano, comparado a média de 2,6% ao ano da União Europeia e superando o da Inglaterra em 1997. A taxa de desemprego no período era menor do que 4% na Irlanda, contra a média de 8% na UE. A Irlanda deixou de ser um país de economia basicamente agrícola para atingir seu desenvolvimento na indústria e no setor de serviços. Tornou-se o terceiro maior exportador do mundo (Goodby, 2003). A partir da crise mundial de 2008, o Tigre Celta deixa de existir e uma situação de recessão se instaura no país.

[5] *Troubles* é o nome dado ao período de cerca de trinta anos de conflitos armados na Irlanda do Norte. Iniciado em 1968, os conflitos deixaram 3.376 mortos e 42.000 feridos (*Ibid,* p. 243*)*. As razões que levaram aos conflitos remetem ao passado colonial, à ocupação territorial para assentamentos agrícolas por parte dos colonizadores ingleses majoritariamente no norte e à divisão do território irlandês em 1922, com a independência e criação da República com apenas 26 dos seus 32 condados. O principal motivo que disparou os conflitos no final da década de 60 foi a luta por

Declan Kiberd (1996) sugere que o desafio da nova literatura irlandesa seja traduzir o passado recente, os esplendores e as decepções com a Renascença Literária Irlandesa[6], para o presente do novo século. Kiberd alega que os escritores contemporâneos estão mais alerta para o perigo de suprimir as diferenças de classe, região ou língua em nome da formação de uma consciência literária nacional. Para melhor explicar esta transformação na literatura nacional, o autor nos mostra através de uma metáfora que os artistas atuais, ao invés de envolverem a bandeira verde[7] ao redor da famosa personagem de Yeats, Cathleen ní Houlihan, costuram um *kilt* de muitas cores, todas belas e distintas, ainda que conectadas. Kiberd defende que na experiência cultural irlandesa atual nenhum elemento pode ser subordinado ou assimilado pelo outro: irlandês ou inglês, rural ou urbano, gaélico ou anglo.

Semelhantemente, Terence Brown (2004) conclui, em seu livro *Ireland – a Social and Cultura History,* que um dos principais assuntos da atualidade cultural na Irlanda seja lidar com as diferenças. A vida cultural e intelectual da República na década de 90 em diante se engajou em tratar da identidade irlandesa de forma mais inclusiva, buscando renovação com a inserção no contexto internacional. Com o crescimento econômico, algumas perguntas surgiram: "como se relacionar e comemorar o próprio passado? Qual o papel da mulher na história nacional? Como lidar com a língua irlandesa e as tradições num período de multiculturalismo?" (p. 398-99). A identidade irlandesa já não poderia mais culpar o passado colonial inglês e teria de buscar novos caminhos. Brown explica que a nova expressão artística encontrou espaço em produções culturais ambíguas e obscuras. O autor aponta para o livro *The Butcher Boy* de Patrick McCabe como exemplo. A história, que se passa numa pequena cidade provinciana, cenário convencional da ficção irlandesa; é construída com um olhar violento para a realidade de um jovem que se vê vítima

---

igualdade de direitos civis por parte da comunidade católica, uma minoria populacional remanescente da divisão territorial ocorrida com a independência. Eles lutavam contra os protestantes, maioria numérica residente nessa região, descendente da elite colonial inglesa.

[6] A Renascença Literária Irlandesa, ou o movimento chamado Irish Literary Revival, corresponde ao período de enorme produtividade cultural na Irlanda entre 1880 e 1920. Durante esses anos, muitos escritores, como William Butler Yeats, Lady Gregory e J.M.Synge, devotaram seu trabalho de forma consciente para definir e construir uma literatura nacional (Goodby, 2003). O ápice deste projeto se realiza na fundação do teatro Abbey Theater que, conforme Lady Gregory (1913) comenta em seu manifesto, tem como objetivo "fundar um escola dramática com caráter tipicamente celta e irlandês e trazer ao palco as emoções e pensamentos mais profundos da Irlanda" (p.378).

[7] Neste trecho, Declan Kiberd faz referência à bandeira que foi utilizada na Rebelião de 1798 liderada pelo grupo United Irishmen, que segundo Goodby (2003) contava com um exército de 280.000 homens e com o auxílio de revolucionários franceses em luta pela independência da Irlanda. A bandeira era verde, com o desenho de uma harpa no centro e com a frase Erin Go Bragh (Irlanda para sempre) escrita embaixo (ANEXO A).

inconsciente de uma sociedade doente. O livro apresenta uma desconstrução da imagem da vida pacata interiorana, da sagrada instituição familiar e também revela os problemas no interior do catolicismo, ao retratar a situação de abuso sexual entre o padre e o jovem personagem principal.

Além disso, houve uma tendência após a década de 80 de memorializar o passado. Como parte do processo de lidar com as diferenças e construir uma cultura irlandesa plural, muitos escritores contemporâneos, como Seamus Deane com seu livro *Reading in the Dark*, *Angela's* Ashes de Frank McCourt e de *Bend for Home* de Nuala O'Faloin, se interessam em contar seus passados para compor uma versão não revelada da história do país. Esta característica memorialista da literatura contemporânea irlandesa é definida como revisionismo.

Brown comenta também sobre o papel da obra de Hugo Hamilton no contexto apresentado acima. Ele cita o romance *Sad Bastard* em que imigrantes romenos se envolvem com a criminalidade e são perseguidos por um policial nacionalista que quer deportá-los do país. Segundo o crítico, esse exemplo, dentre muitos outros na obra de Hamilton, reflete um novo viés da literatura irlandesa contemporânea por tratar dos temas referentes às dificuldades experienciadas pelos estrangeiros no novo país.

As características propostas pelos quatro eixos temáticos de Fintan O'Toole, bem como a tradução da tradição passada para o presente sugerida por Kiberd e a ênfase nas diferenças e pluralidades conforme proposto por Brown, compõem as grandes perspectivas da literatura irlandesa atual.

Liam Harte (2009), ao comentar sobre algumas das principais obras da contemporaneidade irlandesa, compara as memórias de Hugo Hamilton com a autobiografia de John Walsh, *The Fallen Angels: an Irish Romance*, e a de Seamus Deane, *Reading in the Dark*, as quais tratam de experiências culturais cindidas que levam as personagens a construir o senso de lar como um lugar mítico e com paradigmas identitários mais plurais. A obra de Walsh retrata a ambivalente experiência do ser que está eternamente em trânsito entre um lugar e outro e nunca encontrando um lar final. Segundo Harte, Hamilton, por sua vez, enfatiza a possibilidade de uma identidade pós-nacional em que dissonância e hibridismo são elementos mandatórios e progressistas. Para o autor, há uma tendência nos escritores contemporâneos da República da Irlanda em quererem romper com os desgastantes binarismos e com as mistificações do nacionalismo. A tendência

apresentada pelo personagem de Hugo Hamilton em sua afirmação, “eu quero deixar o passado para trás, a consciência, a memória; quero fugir de casa, da minha família, da minha história”; remete à persistente preocupação de escritores como Dermot Bolger, Colm Tóibín, Sebastian Barry, Roddy Doyle e Anne Enright que desejam contestar as visões recebidas sobre a nação como uma comunidade imaginada homogênea (p.209).

Harte analisa a obra desses escritores e apresenta algumas das visões trazidas por eles. Desde a década de 80, o poeta e romancista Dermot Bolger reclamava da ideia simplista de nacionalidade a qual não comportava a realidade da divisão interna do seu país. Em sua obra, desafiou a dominação da estética nacionalista, muito presente na tradição literária irlandesa, reimaginando a história através da perspectiva de emigrantes, da classe trabalhadora suburbana e da minoria protestante. O desejo de Bolger de dar voz as múltiplas identidades culturais e sexuais da Irlanda como uma forma de contra-atacar as tendências homogeneizantes do nacionalismo é ampliado pelo trabalho de Barry, Enright e Toíbín. A escolha pela forma narrativa pós-moderna e não linear por parte da escritora Anne Enright é vista como uma estratégia para desmistificar a estética irlandesa, renegociar significados de nacionalidade e comunidade de modo a promover rupturas. Harte cita o crítico cultural Fintan O’Toole para explicar que os personagens de Kevin Barry são os estranhos e imprevisíveis da história. Já o escritor Colm Tóibín tem sido um crítico veemente da retórica exclusivista do nacionalismo republicano e do catolicismo conservador. O escritor afirma que ambiguidade é a necessidade da Irlanda atual. Roddy Doyle revisita o histórico de marginalização e vitimização dentro da cultura irlandesa para desafiar o esquecimento e abandono para com os estrangeiros na experiência da Irlanda multicultural. Ao se voltar para os excluídos, Doyle dá espaço àqueles que foram deixados de lado pela globalização.

Portanto, de acordo com as perspectivas críticas apresentadas acima, a obra de Hugo Hamilton se insere no contexto da literatura irlandesa atual com um papel atuante. Seguindo a divisão de eixos temáticos proposta pelo crítico Fintan O’Toole, a obra do autor, por contar histórias que se passam no pós-guerra ou na contemporaneidade, revisita e reformula a experiência contida em todos esses eixos temáticos. Ainda que o primeiro tenha sido predominante até a década de 60, a influência da tríade joyceana parece estar bastante presente, especialmente em

suas memórias. Ao tratar de conflitos linguísticos, o escritor também destaca o papel do silêncio como forma de comunicação e significação para aqueles que estão em deslocamento e, especialmente, no exílio. Ele revisita o segundo eixo temático, “terra, religião e nacionalidade”, de modo a investigar a importância e a reinvenção desses elementos na sociedade contemporânea. Por fim, os últimos dois eixos propostos por O’Toole já se encaixam mais naturalmente sob uma perspectiva temporal.

Em relação aos posicionamentos de Terence Brown e Declan Kiberd, a obra de Hamilton, por tratar de pessoas de diferentes nacionalidades em deslocamento e por focar questões de identidade, enfatiza aspectos das discussões sobre diferenças, especialmente as nuances que ultrapassam as caracterizações rígidas e homogêneas das identidades nacionais. Finalmente, Harte demonstra como a tendência apresentada por Hamilton, ao tentar escapar da memória, da história e da família e buscar uma reformulação, define a preocupação de vários escritores contemporâneos na Irlanda.

Além disso, as questões e os temas que permeiam a obra de Hugo Hamilton também refletem sua própria história de vida, narrada em seus dois livros de memórias, *The Speckled People* e *The Sailor in the Wardrobe*[8]*.* Nelas, o autor relata sua experiência crescendo em Dublin nas décadas de 50 e 60 com uma mãe alemã e um pai irlandês, um nacionalista fervoroso que proibia seus filhos de falar inglês e de fazer parte de tudo o que fosse relativo à cultura em língua inglesa (Gouez, 2008).

Suas memórias foram aclamadas pelo público e pela crítica. Hamilton ganhou uma bolsa cultural de um ano para escrever *The Speckled People.* O livro esteve na lista de livros mais notáveis do ano do jornal de The New York Times e ganhou diversos prêmios, dentre eles o prêmio *Prix Femina Étranger,* por sua tradução francesa e o *Prêmio Berto*, por sua tradução italiana em 2004. *The Speckled People* evoca o estilo das primeiras páginas do *Retrato do Artista Quando Jovem* de James Joyce ao narrar, de forma ficcional e com um toque de inocência, o mundo sob o olhar de uma criança (Lee, 2003). Em 2011, *The Speckled People* ganhou o patrocínio do banco de Ulster para ter sua adaptação para o teatro, teve sua

---

[8] As memórias do escritor Hugo Hamilton ainda não foram traduzidas para o português. Os trechos traduzidos presentes nessa dissertação são de minha autoria e fazem parte de um projeto em andamento para a tradução definitiva dessas obras.

primeira encenação no evento *Ulster Bank Dublin Theatre Festival*[9] e ficou em cartaz por uma temporada no Gate Theatre em Dublin.

A sequência *The Sailor in the Wardrobe,* segundo Terry Eagleton (2006) é uma obra encantadora que relata a tentativa de Hamilton de fugir da sua identidade, de escapar da história e se tornar um ninguém, seguindo a tradição do “ninguém beckettiano”. Eagleton explica que se no primeiro livro de memórias os conflitos de Hamilton estão fincados nos âmbitos privado e familiar; no segundo, uma década mais tarde, seus conflitos estão totalmente conectados com os conflitos locais, na Irlanda do Norte, e mundiais, com a Guerra do Vietnã e com os Movimentos de Direitos Humanos liderados por Martin Luther King (Eagleton, 2006).

Para Hamilton, escrever suas memórias era a única forma de explicar a profunda confusão de sua infância. Foi só por volta dos 40 anos de idade, depois de muito fugir, que encontrou através da escrita o caminho para dizer as coisas que não podia publicamente, para lidar com o silêncio, com o mistério de seu passado e para liberar sua família (Izarra; Prudente, 2013).

A proibição de falar inglês o fez ver as línguas como um desafio. Quando pequeno, Hamilton conta que falava com as paredes em inglês, repetindo secretamente e ensaiando as frases que ele ouvia na rua. Ele e seus irmãos eram as crianças "saudosas de casa"[10] lutando desde cedo com a ideia de identidade e com as histórias irlandesa e alemã (Hamilton, s.d.). Segundo ele, não havia com quem discutir sobre sua identidade mista, meio alemã e meio irlandesa. Não havia naquele tempo outras crianças como ele e tampouco algum grupo étnico ao qual pudesse se afiliar. Ele queria saber quem ele era, irlandês ou alemão. Como escritor de suas memórias, o autor entende que seu maior desafio não era simplesmente contar sob os olhos de uma criança as estranhas anedotas que marcaram sua infância, mas principalmente interpretar os eventos históricos e recriar a batalha linguística imposta pelo seu pai (Randolph, 2010). Além disso, seus livros foram escritos em inglês, a língua que o autor considera "proibida" e "estrangeira". Essa era a língua das pessoas do outro lado da rua, do "país fora da sua casa", e era com elas que Hamilton queria dialogar (Izarra; Prudente, 2013, p. 57).

---

[9] *In:* http://www.gate-theatre.ie/production/TheSpeckledPeople.

[10] Tradução livre e adaptação da expressão “the homesick children” utilizada por Hugo Hamilton para descrever a condição que caracterizava a experiência que ele e seus irmãos viviam na infância.

Os livros de memórias transcrevem a biografia do autor, de forma episódica e não cronológica, e apresentam uma problemática central: a (des)construção de sua identidade[11].

Hugo Hamilton nasceu em Dublin em 1953. Sua mãe, Irmgard, refugiou-se na Irlanda como peregrina ao término da Segunda Guerra Mundial, depois de ter servido involuntariamente o exército de Hitler pela Liga das Garotas Germânicas (Bund Deutscher Mädel) [12]. Nascida na pequena cidade de Kempen[13] na região noroeste do Rio Reno[14], ela acompanhou o crescimento do Partido Nazista e as transformações desastrosas que causou a sua família. Seu pai, Franz Kaiser, serviu o exército alemão na Primeira Guerra Mundial e morreu quando ela tinha apenas nove anos de idade, após contrair na guerra uma doença nos pulmões. Sua mãe, Berta Kaiser, morreu pouco tempo depois de seu pai, após um longo período de luto e tristeza. Depois da morte de seus pais, Irmgard e suas quatro irmãs foram morar com seu tio, Gerd Kaiser, prefeito de Kempen. Com a crescente dominação do Partido Nazista, Gerd Kaiser foi deposto de seu cargo por se negar a se filiar ao

---

[11] Como estamos diante de uma obra autobiográfica, utilizaremos, na maior parte do tempo, formas de tratamento distintas para diferenciar entre o escritor e o personagem. Para nos referirmos ao escritor, utilizaremos seu sobrenome, Hamilton, ou as palavras "escritor" e "autor". Quando nos referirmos ao personagem de Hamilton dentro da narrativa, o chamaremos de Hugo, narrador, personagem ou protagonista. Essa é uma tentativa de clarear os papéis, já que entendemos que o autor cria uma ficção de sua própria história de vida.

[12] Bund Deutscher Mädel (BDM) era uma liga para jovens garotas de idade entre 14 e 21 anos. Alguns dos principais objetivos da Liga eram preparar as futuras mães do exército de Hitler, servir o povo alemão e lutar pelas causas do Socialismo Nacional (Gordon, 2005). Estabelecida em 1930, três anos mais tarde se tornou parte da Juventude de Hitler (Hitlerjugend) e em março de 1939 passou a ter filiação compulsória. Em setembro do mesmo ano, todas as garotas afiliadas a BDM foram obrigatoriamente transferidas para o Serviço de Trabalho do Reich (Reichsarbeitsdienst). Neste novo serviço, contribuíram com apoio a Segunda Guerra através do trabalho na agricultura, em indústrias, especialmente de munição, atendimentos em hospitais, escolas, serviços postais e meios de transporte (Guenther, 2004).

[13] Cidade de 35,694 mil habitantes localizada no estado de Nordrhein-Westfalen, estado mais populoso da Alemanhã, com uma população de mais de 17 milhões de habitantes, cuja capital é Dusserdof. A região faz divisa com a Holanda e Bélgica. (Wikipedia, 2013).

[14] O Rio Reno é o rio de maior extensão da Alemanha. Sua região de entorno, conhecida como Rheinland, foi ocupada pelos exércitos aliados ao término da Primeira Guerra. Segundo Pawley (2007), a região de Kempen fazia parte da zona de ocupação belga, conforme definido no Tratado de Versailles em junho de 1919. O Rio foi utilizado como uma barreira natural para a nova delimitação de território alemão, que ficou dividido entre França, Estados Unidos, Reino Unido e Bélgica. A ocupação da região do Rio Reno durou de 1920 a 1935. Foi considerada bastante ofensiva para os alemães, atuou como uma força propulsora do sentimento nacionalista e se tornou um dos principais centros de atividade e propaganda do emergente Partido Nazista. Em março de 1936 foi ocupada pelas tropas alemãs de Hitler. A esta operação foi dado o nome de Treinamento (Schulung) e foi entendida como um treinamento prévio para as futuras invasões da Áustria (1938), Checoslováquia e Polônia (1939).

Partido[15]. Da noite para o dia, sua família se viu sem nenhuma fonte de renda. Logo, para ajudar seu tio e sua família, Irmgard decidiu procurar emprego. Antes da Segunda Guerra, seu primeiro trabalho foi em um cartório de registros no qual uma de suas funções era emitir atestados de origem judaica[16]. Em seu segundo trabalho, aos dezenove anos, Irmgard trabalhou em uma agência de empregos em Dusseldorf. Seu novo chefe, Herr Stiegler, um homem com forte influência na Waffen SS[17], usou como pretexto uma promoção de cargo para realocá-la para a cidade de Venlo e estuprá-la. Antes de ir para a Irlanda, Irmgard ainda trabalhou em cortes de desnazificação[18] estabelecidas pelos americanos na qual foi ameaçada por um oficial alemão corrupto que queria sua participação para punir pessoas inocentes.

---

[15] O Partido Nacional Socialista Alemão dos Trabalhadores (Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei - NSDAP), conhecido como Partido Nazista surge em 1920 a partir do crescimento do pequeno partido político chamado Partido dos Trabalhadores Alemães (Deutsche Arbeiterpartei – DAP), fundado em 1919 e que já contava com a liderança de Adolf Hitler. Desde sua filiação ao DAP, Hitler era reconhecidamente um líder propagandista e logo assumiu um cargo no comitê executivo no partido. Foi um dos principais responsáveis pelo seu crescimento, através da adesão de novos membros com a expansiva divulgação de seus ideais nacionalistas, antissemitas, anticomunistas, antirrepublicanos e contrários ao Tratado de Versailles. (Orlow, 2010)

[16] Emitir atestados de origem e ascendência familiar foi uma prática que se tornou obrigatória na Alemanha a partir de 1935 com as Leis de Nuremberg. Estas leis determinavam que um indivíduo só pudesse ser considerado cidadão com plenos poderes e direitos civis se comprovasse ter sangue alemão. As leis também deixavam clara a necessidade de concessão de cidadania através de documentos oficiais emitidos pelo Reich. Desta forma, o atestado de origem alemã era um documento que certificava a distinção da raça ariana das outras raças, especialmente, judaica. Eram considerados cidadãos alemães aqueles que tivessem puro sangue alemão ou aqueles que tivessem até dois avós que fossem racialmente completamente judeus e não pertencessem a nenhuma comunidade religiosa judaica. A este grupo de alemães de raça misturada era dado o nome de Mischling (Reilly, Kauffman & Bodino, 2003). Estes eram submetidos a um teste para que fosse determinado em que categoria racial seriam enquadrados. Mischlings de segundo grau tinham um avô judeu e Mischlings de primeiro grau tinham dois avós judeus. As leis também proibiam novos casamentos mistos. As práticas antissemitas são anteriores as Leis de Nuremberg, no entanto, foram estas que legalizaram o sistema de segregação e definiram legalmente a questão racial (Stackelberg, 2002). O certificado de origem se tornou o documento mais importante que uma pessoa poderia ter e a nova profissão, pesquisador genealógico (sippenforscher) cresceu muito a partir de 1935. Depois da primeira promulgação das Leis de Nuremberg, outros treze decretos suplementares extinguiram de vez todo e qualquer direito civil e social dos judeus, acabando também com o direito à cidadania para o grupo dos Mischlings (Schleunes, 1990).

[17] Waffen SS era uma polícia de elite do Partido Nazista para a proteção pessoal de Hitler e outros líderes. Surge a partir de necessidade crescente de criar uma polícia especializada já que o esquadrão militar do Partido, a SA (Sturmabteilung ou também conhecida como Storm Troopers em inglês) havia se tornado uma polícia de massa e fora extinta. Até 1933, a SS (Sicherheitspolizei) era uma grupo pequeno de espionagem do Partido Nazista, não institucional e servia apenas como guarda de alerta. Em 1936, se tornou uma divisão do sistema de Polícia Geral do Reich e expandiu muito. Com a proximidade da Segunda Guerra, uma nova divisão da SS, a Waffen SS, foi criada de forma mais especializada para a proteção de Hitler e seus líderes, e se tornou a elite do exército alemão (Stein, 1966).

[18] As Cortes de Desnazificação foram estabelecidas a partir de 1945 pelos Aliados, vencedores da Segunda Guerra, como parte de um Programa de Desnazificação. Tal programa tinha por objetivo prevenir a recorrência do sentimento nacionalista alemão e visava atingir todos os indivíduos que eram afiliados ao Partido Nazista. Este objetivo foi considerado muito amplo e tornou-se o motivo de fracasso do Programa já que toda população alemã havia sido obrigada por lei a se filiar ao Partido

Trazendo na bagagem uma vida destroçada pelas guerras, Irmgard, em seu novo país, conheceu Jack Hamilton, um nacionalista irlandês fervoroso que admirava as cultura e língua alemãs e negava a origem anglofônica. Jack nasceu na pequena cidade de Leap no condado de Cork, na região sul da Irlanda. A história conta que o nome da cidade foi dado em homenagem a um homem chamado O'Donavan que ao ser perseguido pelos oficiais da polícia britânica de Robert Peel[19] atravessou um desfiladeiro com um pulo e fugiu. Este feito ficou conhecido como O'Donavan's Leap e cedeu o nome à cidade. Seu pai, John Hamilton, foi um oficial da Marinha Real Britânica. Alistou-se aos 15 anos e lutou em diversos navios de guerra até os 28 anos de idade, quando perdeu a memória por causa de um acidente em um navio. Depois de passar a maior parte do tempo viajando pelo mundo, John voltou para casa em Leap e viveu com sua mulher Mary Francis e seus dois filhos, Jack e seu irmão Ted. Sem recobrar a memória e com um comportamento agressivo, um dia John ameaçou matar Jack na cozinha de casa com uma faca. Ao perceber a gravidade da situação, Mary enviou John para um hospital em Cork onde ficou internado até morrer.

Jack Hamilton desprezava sua origem e história de vida. Assim como o famoso fugitivo, Jack Hamilton, que ouviu histórias do tempo da Grande Fome[20] em

---

Nazista ainda antes da Guerra (Szanajda, 2007). O Programa consistia na remoção de símbolos nazistas e em vasculhar o passado político e profissional de milhões de alemães através de questionários. Os julgados eram enquadrados em cinco categorias que variavam entre altamente incriminado a não incriminado. A punição aplicada poderia ser prisão, confisco de propriedade e suspensão do direito de votar. Na zona de ocupação americana, localizada no sudoeste alemão, o principal período das cortes foi de 1945 a 1948. Neste período, cerca de 13 milhões de alemães foram julgados e 1% punido (Weber, 2004).

[19] Robert Peel foi um parlamentar britânico do século XIX altamente envolvido com as questões irlandesas. No cargo de Secretário-chefe para a Irlanda, estabeleceu em 1814 a Força de Preservação da Paz para conter a agitação política camponesa. Esta Força era uma espécie de polícia armada e foi chamada de *Peelers*. Este grupo era altamente impopular tanto entre camponeses como com os proprietários das terras. (Goodby, 2003) A questão rural irlandesa consistia basicamente em uma violência religiosa e social por motivo do processo colonial inglês. Em sua maior parte, aqueles que possuíam as concessões de uso das terras eram protestantes e britânicos. Os camponeses, por sua vez, eram em sua maioria católicos romanos (exceto na província norte de Ulster, em que muitos eram protestantes). Além do problema religioso, as dificuldades da sociedade rural irlandesa também eram causadas pela superpopulação das terras aráveis e pela falta de novas concessões de uso de terras para fazendeiros irlandeses. As questões religiosa e social levavam camponeses a constantes insurreições e ataques a fazendeiros. Estes motivos foram fundamentais para a criação desta polícia armada de Robert Peel que viria a se tornar um modelo para outras polícias em colônias britânicas (Senior, 1997).

[20] Grande Fome foi o nome dado ao período entre 1845 e 1850 em que repetidos fracassos na colheita da batata devido a uma praga levaram a morte cerca de um milhão de irlandeses e a emigração de mais dois milhões para terras estrangeiras. A população da Irlanda antes da Fome era de cerca de oito milhões de habitantes e foi reduzida em um terço. Esta foi a última grande fome na história da Europa. Houve outras fomes na história da Irlanda, notoriamente em 1728-29 e 1741-2,

que grande parte da população irlandesa também fugiu e emigrou para a América pelos portos de Cork, também desejava fugir. Jack, que herdou seu nome de uma canção que dizia que "ninguém mais fugiria de casa", também estava se programando para deixar o país quando conseguiu uma bolsa de estudos na faculdade para estudar engenharia (Hamilton, 2003, p. 33). Ele não emigrou, mas mudou-se para Dublin. Como símbolo de sua tentativa de escapar da identidade recebida em sua infância, Jack decidiu mudar seu nome. Criou uma versão irlandesa para seu nome, Séan O'hUrmoltaigh e optou por nunca mais olhar para trás em sua história. Durante a faculdade, começou a aprender alemão e a se interessar pela cultura alemã. Passou a fazer parte de um grupo político católico com tendências fascistas chamado *Aiséirí*[21] *e* participou ativamente de movimentos políticos nacionalistas. Recitava os próprios discursos na rua O'Connell, rua no centro de Dublin que foi palco de grandes discursos e feitos políticos, e escrevia artigos para o jornal criado pelo grupo político ao qual pertencia. Jack começou a ser perseguido pela polícia por causa de sua campanha política. Oficiais do governo irlandês

---

mas nenhuma comparada a esta que se tornou um grande marco na história irlandesa (Póirtéir, 1995). As causas da Fome foram muitas. Desde o fim do século XVII, os irlandeses católicos tiveram a vida social bastante restringida pelas Leis Penais, conforme já explicado em nota de rodapé anterior. Este conjunto de leis proibia especificamente em relação ao contexto rural, herdar, comprar e financiar terras (Gooby, 2003). Desta forma, as Leis Penais relegavam a grande maioria da população irlandesa à condição de trabalhadores rurais, e não proprietários. Consequentemente, outro fator responsável foi o sistema de organização rural irlandês, conhecido como *Conacre*. Neste sistema, os proprietários da terra (landlords), britânicos que em sua maioria não moravam no local de suas propriedades, sublocavam para fazendeiros que ficavam responsáveis por tornar a terra produtiva e cuidar dos empregados. Os trabalhadores das terras recebiam seu pagamento, na maior parte das vezes, em aluguel de uma pequena parte da terra do fazendeiro, onde tinham a permissão para plantar batatas e criar um gado (Reilly, sem data). Outro fator importante foi um conjunto de leis estabelecido para regulamentar a produção agrícola no Reino Unido, chamado de *Corn Laws*. Estas leis funcionavam como barreira comercial para impedir a entrada de grãos importados e tinham como objetivo aumentar o preço dos grãos produzidos no Reino Unido (O'Neill, 2009). Este conjunto de fatores levou à dependência da batata como cultivo praticamente único da base alimentar da classe trabalhadora rural irlandesa e tornou esta população suscetível a qualquer problema com a colheita.

[21] Grupo de extrema direita nacionalista chamado de Arquitetos da Ressurreição (Ailtirí na h-Aiséirí) fundado por Gearóid Ó Cuinneagáin (o qual é o provável amigo do pai de Hugo Hamilton da narrativa) em 1940 como desmembramento da Liga Gaélica (Gaelic League). Seu principal objetivo era acelerar o processo de expansão da língua e cultura gaélica e acabar com a divisão territorial da Irlanda. Publicavam um pequeno jornal, organizado por um produtor de cinema, Liam Ó Laoghaire, o romancista Séamus Ó Neill e Ciáran Ó Nuallain, irmão de Flann O' Brien. Em 1942, Ó Cuinneagáin insatisfeito com as perspectivas, reformulou seu grupo, com propostas mais radicais que pregavam a abolição do sistema de partidos políticos, a implantação de um único líder nacional e a imposição da língua gaélica como língua nacional obrigatória. Sua fundamentação política não era oficialmente comunista e nem fascista, mas uma forma atualizada de cristandade e contrária ao liberalismo econômico inglês. Em 1943, lançou um filme que fazia a propaganda do grupo, contando com cenas de discursos políticos na Rua O'Connel no centro de Dublin e com uma marcha até a divisa da Irlanda do Norte. Por esta marcha, Ó Cuinneagáine alguns integrantes foram presos. O grupo chegou ao auge em 1944 quando conseguiu eleger 12 representantes. Era um grupo xenofóbico, mas não declaradamente antissemita (Wills, 2007).

queriam barrar um dos artigos que ele escreveu e fechar o jornal. A campanha política continuou, mas ficou enfraquecida. A partir de então, ele decidiu investir em outro projeto político nacionalista que considerava ser ainda melhor e mais eficaz do que o primeiro: constituir uma nação através da família. Foi assim que ao conhecer Irmgard Kaiser, eles começaram uma nova família, meio alemã e meio irlandesa. Segundo ele, havia muito que ser feito até que a Irlanda fosse purificada de toda influência anglicana. Enquanto a Irlanda ainda dependesse da Grã-Bretanha para conseguir empregos e enquanto falasse a mesma língua, não havia independência. Jack entendia que sua nova maneira de lutar, através de seus filhos, era mais poderosa do que exércitos, discursos, artigos ou cartas para o governo. Dessa forma, a partir da união entre Irmgard e Jack Hamilton, nasce Hugo Hamilton, o segundo irmão mais velho da nova família-nação composta por seis irmãos.

Nas primeiras páginas de seus dois livros de memórias, o escritor Hugo Hamilton apresenta algumas comparações que nos mostram como a sua identidade é formada:

> *Quando você é criança, você não sabe de nada. Você não sabe onde está, quem você é, ou o que perguntar. (…) Quando você é pequeno, você é um pedaço de papel em branco com nada escrito. Meu pai escreve seu nome em irlandês, minha mãe escreve o dela em alemão e fica um espaço em branco ao redor para todas as pessoas lá de fora que falam inglês (Hamilton, 2003, p.2-3).*

Neste primeiro trecho de seu primeiro livro de memórias, Hamilton introduz algumas informações importantes sobre o estágio inicial de formação de sua identidade. Ao nascer, o narrador considera que nada sabemos a respeito do mundo ao nosso redor. O desconhecimento do mundo é o ponto de partida para a formação do sujeito, segundo a sua perspectiva.

A fim de demonstrar como esse estado de desconhecimento é transformado, o narrador faz uma comparação com a folha em branco[22]. Se ao nascer, ele julga ser como uma folha em branco, ou seja, aparentemente vazio e desconhecedor do mundo, ao receber o nome de seus pais, cada qual escrito em uma língua, ele passa a ocupar uma posição específica no mundo e adquire uma identidade. Através desta inscrição de nomes na folha em branco, ele demonstra que sua identidade é um recorte do todo e que é marcada por dois signos linguísticos que se diferenciam do

---

[22] A comparação que Hamilton faz de sua condição ao nascer com a folha em branco nos remete invariavelmente a famosa metáfora da *tabula rasa* de John Locke que será retomada e mais bem discutida na sessão seguinte desta introdução.

espaço em branco ao redor, representado pela língua inglesa. No entanto, esta identidade não foi escolhida por ele, tampouco é uma identidade individual, mas é uma herança e uma mistura da identidade de seus pais. Além disso, é uma identidade composta por signos e contextos linguísticos que também são marcas históricas. Logo, este trecho inicial introduz algumas noções importantes para a compreensão da formação identitária do personagem de Hugo Hamilton, como o desconhecimento do mundo, a identidade hereditária, social e histórica.

No início do seu segundo livro de memórias, Hamilton complementa a visão que tem acerca de sua identidade:

> *As pessoas dizem que você nasce inocente. Não é verdade. Você herda todos os tipos de coisas com as quais você não sabe o que fazer. Você herda a sua identidade, sua história, como uma marca de nascença que não dá para apagar. Nós carregamos a nossa história irlandesa e alemã como um pecado original. Nascemos com a cabeça voltada para trás, mas a minha mãe diz que temos que olhar para o futuro agora. Você tem que conquistar a sua inocência, ela diz. Você tem que crescer e se tornar inocente (Hamilton, 2006, p.1).*

No trecho citado acima, o narrador reforça a visão de que sua identidade é formada por uma bagagem hereditária, a qual foi recebida de seus pais. Além disso, o autor nos mostra que esta bagagem hereditária, não só tem a ver com as línguas, mas está relacionada com a herança identitária das duas nações de seus pais. Portanto, ele herdou os nomes do pai e da mãe, com suas histórias de vida pessoais, mas principalmente herdou suas nacionalidades, como se as identidades desses indivíduos fossem parte de uma categoria maior que é a identidade nacional.

Neste trecho, o personagem também nos apresenta um desejo, o de se tornar inocente. Para melhor explicar este desejo, ele contrapõe inocência *versus* identidade e história. Ao dizer que as pessoas não nascem inocentes porque herdam uma identidade e uma história, ele mostra que ao herdar a identidade de seus pais, como parte das identidades e histórias alemã e irlandesa, ele deixou de ser inocente. Para melhor ilustrar o seu sentimento em relação a este processo, ele compara esta herança identitária com uma marca de nascença e com o pecado original.

Analisemos essas comparações. Uma marca de nascença é algo que geralmente está impresso na pele e que dificilmente pode ser removido. Esta imagem nos remete a um processo genético e biológico que determina a formação deste tipo de marca em um sujeito e que nos mostra que ao mesmo tempo em que um sujeito tem um marca genética única, ela é produto de uma incontável e

irrecuperável combinação na cadeia de genes de DNA. Ou seja, ainda que uma marca de nascença possa ser única e individual, ela é produto de uma combinação de elementos coletivos. Novamente, esta comparação remete às noções de hereditariedade e coletividade.

A comparação com a história do pecado original é uma espécie de marca de nascença que está impressa, não no individuo, mas na cultura dos povos ocidentais judaico-cristãos. Esta comparação com o pecado original bíblico demonstra o indicativo presente na cultura dos povos citados acima que todos são herdeiros do pecado de Adão e Eva. Faço uma interpretação livre e pessoal desta comparação. Ao nascer, a tradição bíblica diz que todos são pecadores e herdeiros do primeiro pecado praticado pelos primeiros seres humanos. Vale lembrar que o pecado de Adão e Eva foi comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal[23]. Ao comerem desta árvore, Adão e Eva tiveram a visão aberta e perceberam que estavam nus. No instante seguinte, sentiram vergonha um do outro e se cobriram. Logo, antes de comer o fruto, eles não viam distinção, maldade, ou vergonha entre um e outro e nem em relação a tudo o que estava ao redor. No entanto, após comerem o fruto, seus olhos se viram como separados, diferentes e vergonhosos um para o outro e para Deus. Ao comerem o fruto, Adão e Eva ganharam conhecimento ou ciência do bem e do mal, ou seja, a separação e a distinção que delimita a valoração dos signos de bem e mal passou a existir. Deus, ao encontrá-los, percebeu que eles estavam cobertos e constatou que haviam comido da árvore proibida por Ele. Então, Deus castigou-os pela desobediência e os expulsou do Jardim do Éden. Portanto, o pecado original pode ser entendido como a representação de uma nova percepção de um mundo separado entre bem e mal, mas também como um erro, que implica em culpa e castigo.

Finalmente, a partir da análise dos trechos citados acima, concluímos que o projeto identitário que o autor-personagem se propõe em seus livros de memórias é encontrar a inocência ao se livrar ou transformar as suas identidades e histórias hereditárias, reformulando também, a sensação de separação, culpa e castigo.

Para compreender como se dá a busca pela realização desse projeto, formulamos algumas perguntas: 1) as identidades herdadas pelo personagem de Hugo Hamilton se constituem em si mesmas como um problema? Quais são os

---

[23] A passagem bíblica que se refere à queda do homem do Paraíso está presente no Capítulo 3 do livro de Gênesis.

fatores que motivam o personagem a buscar a autodefinição e a transformação identitária?; 2) a consciência da culpa, individual e histórica, presente no processo de autodefinição provoca mecanismos de escape? Como essa culpa histórica se caracteriza? E quais são esses mecanismos?; 3) o que é a inocência que Hugo Hamilton busca e como ela pode ser encontrada na reformulação de sua identidade?

A fim de analisar o percurso de transformação identitária do personagem de Hugo Hamilton, discutir e responder às questões e problemáticas apresentadas na introdução deste trabalho, a dissertação de mestrado será dividida em cinco capítulos, sendo esses compostos pela introdução, três capítulos de discussão teórica e análises das obras, e o último, a conclusão.

Na parte introdutória, apresentamos a obra o autor e como ela se insere no contexto literário irlandês. Além disso, propomos e discutimos a problemática central desta pesquisa e o que entendemos como o projeto identitário do protagonista.

No primeiro capítulo, intitulado *Narrativas da Identidade,* faremos um apanhado teórico sobre conceitos filosóficos a respeito da identidade do indivíduo e da identidade nacional. Aprofundaremos e problematizaremos melhor o projeto identitário do personagem e apontaremos possíveis caminhos que ele poderá percorrer ao longe de sua trajetória de transformação identitária.

O capítulo seguinte, *As Diferenças e a Culpa como Constituição da Identidade,* tratará dos episódios iniciais mais importantes que configuram a herança identitária do protagonista. Demonstraremos e analisaremos o processo de descoberta sobre quem ele é, segundo suas identidades herdadas alemã e irlandesa, e como ele se relaciona com o mundo ao redor. Descreveremos, principalmente, como o personagem vem a conhecer as dolorosas separações e incompatibilidades entre as suas identidades e como é interpelado pelo sentimento de culpa.

O terceiro capítulo de discussões, *Transformações da Identidade pela Arte e o Espaço*, abordará com mais especificidade as tentativas de mudança identitária vividas pelo personagem as quais serão divididas em três momentos principais: a arte como refúgio, a não-identidade no não-lugar e o exílio.

Na conclusão, serão retomadas as perspectivas identitárias apresentadas pelo personagem de Hugo Hamilton ao longo de sua narrativa. Essas perspectivas identitárias serão discutidas e contrastadas com as teorias já existentes sobre identidade a fim de averiguar a resolução de seu projeto identitário.

2. Narrativas da Identidade

2.1 A questão da identidade e as concepções filosóficas

O desejo do personagem de Hugo Hamilton de encontrar “inocência” reformulando sua experiência identitária e histórica narrado em seus dois livros de memórias é o ponto de partida deste trabalho. Hamilton possui uma identidade inicial heterogênea e hereditária, ele é meio alemão por parte da história da mãe, meio irlandês por parte da história do pai e está inserido em um contexto anglofônico, de Dublin, na República da Irlanda nas décadas de 1950, 60 e início de 70. A identidade do personagem de Hugo Hamilton está em crise e em busca de resignificação.

A crise da identidade, como a vivida pelo personagem, é um processo que tem sido amplamente discutido nos estudos culturais e literários. Segundo Stuart Hall (2006), essa crise se refere à fragmentação da velha identidade unificada que se inicia a partir da desestabilização das estruturas sociais que permitiam ao sujeito ter uma noção centralizada de si mesmo e da ruptura com a experiência de tradição. O indivíduo deixou de se ver como parte integrante das antigas estruturas sociais, das instituições seculares, do passado, do mito e dos símbolos. A identidade moderna surge a partir do colapso da ordem social, econômica e religiosa medieval. Essa desestabilização da ordem social possibilitou o surgimento de várias perspectivas sobre o conceito de identidade.

Sabemos que o protagonista inicia a apresentação de sua identidade a partir da comparação com a folha em branco. Esta comparação nos remete à famosa metáfora da *tabula rasa* e às discussões sobre o inatismo de Descartes e o empirismo de Locke. As teorias desses dois filósofos caracterizam as perspectivas de indivíduo no iluminismo e o início das discussões sobre identidade do sujeito na modernidade.

Homero Santiago (2005) explica que René Descartes, filósofo, matemático e cientista francês do século XVII, em seu livro *Princípios da Filosofia* teve a intenção de reformular os velhos manuais escolásticos e marcar o início de uma nova ciência. O mundo em que viveu estava passando por uma grande transformação. A descoberta da América, a afirmação do Sol como centro do Universo e a Reforma Protestante revolucionariam a velha visão de mundo. O saber escolástico ainda

dominava as universidades, mas dia a dia era questionado pela Nova Ciência, impulsionada por Galileu. A reforma cartesiana desejava derrubar o saber caduco de sua época e reconstruí-lo sobre bases seguras.

Na busca pela verdade inegável, Descartes ousou duvidar de tudo. Ao utilizar a dúvida como método percebeu que o ato de duvidar era um modo de pensar e, desta forma, chegou à conclusão de que o pensamento, o ato de pensar, era a única verdade inegável que comprovasse a existência humana. *Cogito, ergo sum.* Penso, logo existo.

Além disso, Descartes queria saber quem era o ser que existe. Ao analisar o seu ser, Descartes (1973) supõe que o seu corpo e o mundo ao seu redor não existam. Essas suposições lhe parecem perfeitamente possíveis. No entanto, o filósofo chega à conclusão de que não poderia fazer a mesma suposição a respeito de si mesmo. Descartes não poderia supor que ele não exista porque o próprio fato de pensar em negar a sua existência lhe conferia a existência. Dessa forma, compreendeu que o homem é um ser cuja natureza consiste “apenas no pensar” e que para ser “não necessita de nenhum lugar e nem depende de qualquer coisa material” (p.67). Conclui, portanto, que o eu é um ser completamente distinto do corpo e do mundo exterior.

Após concluir que o homem é um ser pensante, Descartes volta a avaliar a matéria. Ainda que os sentidos não sejam confiáveis porque geram dúvida, também não poderiam ser totalmente descartados, porque nos ensinam algo sobre o mundo. Dessa forma, estabelece que o sujeito não seja só pensamento, mas também extensão (Santiago, 2006).

O *cogito* de Descartes marca a perspectiva de sujeito centrado em si mesmo. O mundo, como extensão, só poderia ser apreendido e definido por ele. Ainda que pensamento e extensão se encontrem no corpo humano, Descartes cria uma espécie de dualismo no qual o sujeito, ser consciente, racional e pensante, está localizado fora do mundo para ter a capacidade de julgá-lo. O homem não é só um ente à parte do mundo, mas também é mais importante do que o mesmo porque o julga e o cria conforme a sua avaliação.

A principal contribuição do pensamento cartesiano para os estudos de identidade do sujeito reside no conceito do eu-pensante e da valoração binária. O pensamento cartesiano define um dos pilares filosóficos sobre identidade do sujeito desde a modernidade até os dias de hoje.

O filósofo John Locke, no entanto, irá contrariar a divisão rígida e desigual da percepção de sujeito e mundo de Descartes. Locke (1690) questiona a premissa cartesiana de que a razão, as ideias e o pensamento racional precedem, criam e avaliam o mundo. Para tal, Locke supõe que a mente humana seja como uma folha em branco ao nascer. Como é que a mente se torna uma folha pintada com uma grande variedade de cores que permitam o homem a enxergar e avaliar o mundo? Como é que a mente humana tem tanto material para a razão e o conhecimento? São algumas das perguntas que Locke se faz. Para ele, a resposta vem da experiência. Todo o conhecimento e tudo o que é derivado dele vem da nossa observação do que é externo, dos objetos sensíveis. Primeiramente, os sentidos conversam com os objetos e criam na mente diversas percepções distintas. Essas são as sensações. Depois, a mente avalia esse processo e é capaz de se perceber avaliando a si mesma. Essa é a reflexão. Portanto, é a partir da experiência, adquirida da união dos processos de sensação e reflexão, que o homem forma a base para seus pensamentos.

Ao fazer esta avaliação, Locke contraria radicalmente a percepção de Descartes. Enquanto Descartes reconhece o papel dos sentidos, mas os coloca como extensão do pensamento humano, Locke valoriza o papel dos sentidos, da impressão que a materialidade causa em nós. Se para Descartes, a divisão entre pensamento e matéria eram muito claras e desiguais, sendo o pensamento superior, para Locke, tal divisão já não é clara. A relação de dependência entre razão e extensão, ou nos termos de Locke, de experiência e ideia, não é separável. Um só existe em função do outro. O sujeito é capaz de pensar porque tem uma bagagem de registros de experiência, mas só conhece suas experiências porque é dotado de uma capacidade de refletir, ou seja, perceber as operações que a própria mente executa. A primeira ruptura feita por Locke em relação ao pensamento cartesiano é importante para avançar um passo adiante na noção de sujeito independente e dualisticamente separado do mundo, totalmente centrado em si e na sua razão.

Ainda insistindo na importância do corpo como marca da identidade do indivíduo, Locke avalia a possibilidade de superioridade do eu que pensa sobre a matéria. Ao investigar a máxima de Descartes de que o homem é essencialmente uma substância pensante, Locke supõe que esta substância imaterial e independente do corpo possa ser intercambiada. Propõe, portanto, que um sapateiro possa imaginar que possui a alma de um príncipe e, de fato, por saber que as suas

substâncias pensantes sejam imateriais, supõe também que o sapateiro e o príncipe troquem suas almas de lugar. Desta forma, seria possível o sapateiro que pensa ter a alma de um príncipe se tornar um príncipe somente por pensar assim? Locke conclui que ainda que isso seja possível o que faz um homem ter uma determinada identidade é a sua mente unida a um corpo particular em um contexto específico também (p. 341).

Locke avalia também o período da infância. Para ele, a criança quando vem ao mundo é dotada de pouca capacidade para a razão, para o pensar, tem poucas ideias guardadas dentro de si. Então, as crianças nascem e crescem cercadas de corpos que as afetam através dos sentidos e lhes imprimem ideias. Ou seja, até que a criança realmente venha adquirir a capacidade plena de pensar e se perceber pensando, ela já terá uma grande gama de experiências registradas dentro de si. Portanto para Locke, anterior à razão ou à reflexão, vem a experiência, que determinará a bagagem para a reflexão de si.

Avaliando a perspectiva destes dois filósofos em relação à afirmação do personagem de Hamilton sobre sua identidade, podemos concluir que este é se assemelha mais à perspectiva de Locke e descarta majoritariamente a de Descartes. Ele se entende enquanto criança como alguém que desconhece o mundo ao seu redor e que é desprovido de capacidade reflexiva para avaliá-lo. Ele não vê a razão pensante e centrada em si como uma capacidade inata sua como a teoria cartesiana sugere. O personagem se vê como a folha em branco de Locke e entende que quem ele é resulta das marcas que foram impressas nela. No entanto, ele também difere de Locke, porque a marca que nos informa que lhe foi impressa não são objetos percebidos pelos sentidos, mas nomes. Ao fazer referência aos nomes dos pais e as línguas em que eles foram escritos, irlandesa e alemã, bem como ao contexto do restante da folha, associando-o a língua inglesa; Hamilton posiciona a formação da sua identidade em relação à história. Portanto, sua identidade não é fundamentada no indivíduo forte, centrado em si mesmo e que avalia o mundo, como também não é centrada somente na experiência empírica daquilo que os sentidos podem apreender dos objetos sensíveis, como se estes fossem neutros e desprovidos de conteúdo; mas é uma identidade inicial composta por nomes, que são marcas linguísticas e históricas. Neste momento, Hamilton se afasta das concepções inatista e empirista de identidade do sujeito. O olhar para a formação da sua identidade se volta para um processo sociológico.

Perspectivas identitárias que compreendem o sujeito como um produto da interação social, não mais completamente determinado pelo meio, como na tradição medieval, e também não como centro determinante do meio como no iluminismo; começam a surgir com mais força a partir do século XVIII. Segundo Alcoff (2000), Hegel foi o principal filósofo moderno a formular uma teoria-base para a relação de dependência da identidade do sujeito com o meio social. Para Hegel (2002), o homem nunca é um homem em si, mas sempre um senhor ou um escravo, ou seja, sempre é um ser dependente da posição de dominação ou sujeição determinada pelo resultado dialético do confronto com outro homem. Com a dialética do senhor e escravo, o filósofo inaugura uma mudança na concepção de identidade autocriadora para uma identidade dependente do reconhecimento do outro. Esta mudança está fundamentada, segundo Alcoff, em dois principais pressupostos. O primeiro se refere ao ser como aquele que se torna (becoming) e não aquele que é (being) [24], desta forma, entendendo o ser como um processo e não como uma condição estática. O segundo pressuposto se refere à dependência do reconhecimento do outro como legitimação do ser que é. Desta forma, o modelo iluminista que coloca o ser no centro do pensamento criador ou da experiência é substituído por um modelo social em que o ser só vem à existência dadas certas relações externas. A consciência de si passa a ser entendida como a experiência com outro ao invés de ser uma substância de pensamento pré-social que pode existir em si mesma.

Anos depois, com o advento das teorias marxistas e freudianas, concluiu-se que o homem jamais poderia constituir-se como um ser absolutamente individual e separado do meio. A identidade do sujeito se forma como uma consequência do meio social. Para a teoria marxista, a noção de identidade de um indivíduo deve relacionar-se diretamente com a noção de classe ou grupo social ao qual pertence. Além disso, o homem é produto das condições históricas sob as quais nasceu (Hall, 2006). Para a teoria freudiana, o verdadeiro ser no indivíduo não reside em uma percepção de identidade consciente, mas naquilo que é desconhecido e que está no inconsciente do indivíduo. O problema freudiano é que o inconsciente do indivíduo está contaminado pelo meio social. O indivíduo não é somente o que ele pensa ser, mas é resultado de uma série de desdobramentos das interações com o meio. Logo, essas representam duas das principais teorias que trazem ao conceito de identidade

[24] Termos retirados do texto original em inglês *Identity Politics* de Linda Alcoff (2000).

uma nova complexidade. A identidade não é mais uma parte natural da tradição recebida ao nascer, mas também não está completamente separada do meio exterior (Benoist, s. d.).

Essas perspectivas sociológicas dialogam em alguns aspectos com os pressupostos de Hamilton sobre sua identidade. Ele reconhece que quando criança deixa de ser desconhecedor do mundo e perde a sua inocência ao entrar em contato com o outro, ao receber os nomes de seus pais e ao perceber que ele herda uma bagagem identitária hereditária. Portanto, assim como Hegel afirma, sua identidade nasce a partir do reconhecimento do outro. No entanto, para o personagem, o reconhecimento de si não se dá por uma relação com um único outro ou uma classe social, mas pela percepção das características linguísticas e das nacionalidades dos outros ao seu redor.

No início do século XX, com o desdobramento de várias teorias sociológicas pelas quais se pode compreender a identidade do sujeito, surgem algumas perspectivas sobre a identidade do sujeito em relação ao meio social através dos estudos linguísticos. O filósofo russo da linguagem, Mikhail Bakhtin, e seu círculo fazem algumas afirmações importantes acerca da filosofia da linguagem que nos ajudam a compreender a constituição do sujeito e o contexto de Hugo Hamilton. Bakhtin e seu círculo (Volosinov, 1973) explicam que a linguagem possui duas orientações principais. A primeira é denominada de *subjetivismo individualista*. Refere-se à linguagem como um ato criativo de fala de um indivíduo. Para eles, nesta primeira orientação, a linguagem é um processo incessante de criação produzido a partir dos atos de fala individuais. A criatividade da linguagem reside na psique do indivíduo. No entanto, a segunda orientação, denominada de *objetivismo abstrato*, é contrastante com a primeira e se refere ao caráter social e restritivo da língua como sistema. Dentro desta orientação, ainda que cada enunciação seja um ato de criatividade individual, elementos de outras enunciações anteriores feitas por membros de uma mesma comunidade estão presentes na enunciação do indivíduo. Esta perspectiva entende a língua como um sistema que está além das escolhas do individuo, o qual tem que aceitá-lo e assimilá-lo completamente, sem espaço para avaliações. Podemos dizer que as duas principais orientações da linguagem para Bakhtin e seu círculo dialogam com os dois pilares filosóficos da modernidade sobre a identidade do sujeito, a saber, o pensamento individualista de Descartes e sociológico de Hegel.

A proposta filosófica trazida por Bakhtin como solução para a separação destas perspectivas isoladas, evidentemente dentro do seu campo de estudo que é a linguagem, é o dialogismo. Bakhtin e seu círculo propõem que a linguagem não pode ser constituída de uma ou outra orientação isoladamente, mas que a realidade da linguagem reside na interação verbal. Dessa maneira, o grupo estabelece a interação verbal ou o diálogo como constituinte central da linguagem. Cada enunciação é um momento no processo contínuo, completo e criativo de interação verbal. Bakhtin e seu círculo resolvem o problema das duas orientações da linguagem de forma separada ao ver a língua como um processo criativo, mas participativo na interação verbal dos falantes. As leis do processo gerativo da linguagem não são de modo algum leis da psicologia individual, mas também não estão divorciadas da atividade dos falantes. As leis da criatividade linguística são leis sociológicas. A fala do indivíduo nunca é independente. Ao tomar a palavra, o falante se expressa a partir de uma cadeia de enunciações anteriores. Ou seja, a fala do indivíduo sempre responde a algo que foi dito anteriormente e sempre gera continuidade para respostas futuras. Desta forma, Bakhtin funda a noção de dialogismo linguístico e a interdependência do sujeito a ele. Portanto, não há possibilidade de a identidade do indivíduo estar separada dos discursos que vieram antes dele e que o cercam.

Se analisarmos a questão do nome de Hugo Hamilton segundo esta proposição bakhtiniana, entendemos que ainda que a sua identidade, marcada pelo nome dos pais, suas línguas e nações, seja única e individual; ela também contém elementos comuns a outros nomes, do mesmo grupo de pessoas com as mesmas línguas e nacionalidades e, logo, a outras identidades. Ou seja, ainda que a experiência identitária de Hamilton o defina enquanto indivíduo, ela é também uma experiência coletiva, porque seu nome contém o histórico pregresso e presente da coletividade a que pertence. Portanto, a identidade de Hamilton é diacronicamente e sincronicamente coletiva e social, ainda que seja um enunciado individual e único.

Aprofundando-se na questão de como o ambiente social determina o sujeito, Bakhtin retoma, em parte, a velha discussão sobre a razão *versus* experiência. Segundo ele, a experiência de individualidade não surge de dentro do indivíduo, seja através de sua razão ou percepção, mas do mundo externo. A estrutura da personalidade do indivíduo é tanto uma estrutura social quanto um tipo de experiência coletiva.

Consequentemente, segundo a perspectiva bakhtiniana, a forte sensação que o personagem tem de que sua identidade é hereditária é completamente verdadeira. Ao herdar o nome dos seus pais, ele sente que herda também suas línguas e a história dessas línguas. Da mesma maneira, Bakhtin e seu círculo sugerem através da segunda orientação da linguagem, o *objetivismo abstrato*, que o sistema da língua já está pronto e disponível ao novo falante sem que este tenha qualquer possibilidade de escolha sobre o histórico pregresso de sua língua. Portanto, quando Hamilton recebe os nomes e as línguas de seus pais, ele herda a história e a identidade que ambas carregam. No entanto, assim como a primeira orientação da linguagem de Bakhtin explica, o *subjetivismo individualista*, o indivíduo tem um papel agente, criativo e transformador nesta cadeia de enunciados linguísticos e históricos. Além disso, ao desejar buscar outra experiência identitária para si, o personagem se posiciona como um modificador da cadeia de enunciados a que pertence e, dessa forma, acaba não só afetando a modificação da sua identidade, mas a de todo um contexto coletivo ao seu redor.

No entanto, o fato de Hamilton adquirir uma identidade hereditária, que já lhe foi dada ao nascer, não constitui em si uma razão para que ele deseje modificá-la. Portanto, quais são as razões que levam Hamilton a querer modificar a sua identidade?

A primeira delas diz respeito a sensações de separação com a qual ele tem de lidar. Ao adquirir suas identidades hereditárias, ele percebe que elas são diferentes e que estão separadas uma da outra. Além disso, ele também percebe que há diferença entre as identidades herdadas de seus pais e o contexto identitário fora de sua casa. Portanto, a forte sensação de separação entre suas identidades é marcada por diferenças.

Segundo Stuart Hall (1997), O processo de operação da diferença está interligado com o processo de identificação. O sujeito reconhece os discursos diferentes, identifica-se com determinados discursos e, por consequência, exclui outros. No entanto, apesar de a identidade ser fundamentada na diferença como forma de identificação e de exclusão de discursos em posições de sujeito momentâneas, ela representa um conceito conflitante quando a prática da identificação e da exclusão não consegue operar instantaneamente. Quando um sujeito se vê imerso em discursos diferentes, mas que ele não consegue excluir, o próprio processo de identificação se torna questionável.

A prática da identificação e da exclusão de discursos se torna mais complexa quando a noção de alteridade não ocorre fora do indivíduo, mas conjuntamente e dentro dele. No mundo pós-moderno e globalizado, o qual Hamilton começa a vivenciar a partir do início da década de 60, o outro não é aquele que reside do outro lado do universo, completamente diferente de si mesmo. O outro é aquele pelo qual se consegue saber quem se é (Hall, apud King, 2000).

A segunda razão importante que leva Hamilton a buscar (re)definir sua identidade pode ser apontada através da perspectiva teórica apresentada pela filósofa Judith Butler (2005) em seu livro *Giving an Account of Oneself.* Neste livro, Butler deseja entender o que leva um sujeito a buscar definir a si mesmo, a se posicionar através de uma identidade. Para ela, uma das possibilidades tem a ver com o sentimento de culpa ocasionado pela interpelação de um agente que tem o poder de julgar um crime e aplicar um castigo. Para melhor compreender esta possibilidade, Butler analisa o pensamento apresentado por Friedrich Nietzsche no segundo tratado de seu livro a *Genealogia da Moral* em que traça as origens do sentimento de culpa.

O filósofo alemão, Friedrich Nietzsche (1887), se propõe a fazer no livro citado acima uma trajetória do conceito de moral desde a sua gênese a fim de explicar como o homem se tornou estranho a si mesmo. Para Nietzsche, a moral é um conjunto de pré-conceitos de bem e de mal que surgem pré-estabelecidos para o homem. Ou seja, o filósofo explica que ao nascer o homem recebe um conjunto de valores que já está pronto e que o precede. Nesse conjunto de valores, o que é bom ou o bem é estabelecido por um grupo segundo a sua semelhança. Dessa forma, herdamos uma moral sobre o bem e o bom que foi estabelecida por um grupo social a partir de si mesmo. Nietzsche denomina este grupo de aristocracia, seja ela nobre, guerreira ou sacerdotal. O mau, ou o que é ruim, por sua vez, é determinado em contraposição àquilo que caracteriza o grupo do bom. Portanto, o que é moralmente mau é o oposto, diferente e inferior àquilo que foi estabelecido como padrão de bom e bem pelo grupo dominante. Numa comunidade, o grupo dominante estabelece o seu conjunto de valores particulares como leis que se tornam válidas não só para o grupo que as estabeleceu, mas para todos da comunidade. As leis servem para assegurar a vida em paz e em harmonia na comunidade. Aquele que não se adéqua às leis e rompe com o contrato com o todo é considerado um infrator. Deste será cobrado um pagamento, pois está em dívida com o funcionamento da comunidade

em que vive. É a partir desta relação entre credor e devedor que surge o sentimento de culpa[25].

Para Nietzsche, a culpa é um sentimento gerado por um sistema externo de valores que é imposto ao infrator como uma repreensão ao seu modo de agir. Esta repreensão leva o infrator a interiorizar os seus instintos de modo que eles se voltem contra si. Por fim, a culpa resulta em castigo. Para o filósofo, este sistema repreensivo de culpa e castigo não gera uma experiência de responsabilidade moral. Pelo contrário, praticam os mesmos atos pelos quais o infrator foi julgado, a citar, a violência, o roubo, o assassinato, a tortura que “impedem o criminoso de sentir o seu ato como repreensível em si” (p. 65). Mais do que isso, a culpa e o castigo geram no homem algo ainda pior, a origem da “má consciência”. Este conceito nietzschiano se refere à internalização de uma consciência moral externa e punitiva através da qual o homem se volta contra si mesmo. Para ele, esta é a origem da pior doença e do pior sofrimento humano.

O filósofo ainda explica que o sentimento de culpa tem uma origem ancestral. Em uma comunidade, a geração atual reconhece na geração anterior e na geração primeira uma obrigação jurídica, moral e sentimental. Há uma convicção de que foi graças aos sacrifícios das gerações passadas que a atual existe. Portanto, é necessário pagar uma dívida aos antepassados. Essa dívida é paga com sacrifícios, homenagens culturais, através de músicas, festas e com obediência. Os costumes de uma comunidade também se constituem como parte dessa dívida porque são obra dos antepassados e funcionam como preceitos e ordens morais. Para Nietzsche, a dívida para com os antepassados, ou o que chamamos de culpa histórica, é o nível da mais "terrível e sublime culminância" da “má consciência” e do sentimento de culpa (p.71). Esse conceito será de fundamental importância para as futuras análises feitas nessa dissertação.

Em sua leitura do pensamento do filósofo alemão, Judith Butler conclui que buscamos definir a nós mesmos e reconstruir nossos feitos para responder a uma acusação feita por um credor que nos imputar a culpa e o castigo. A identidade do indivíduo surge para avaliar se a culpa que lhe é imputada é verdadeira ou falsa. Portanto, buscamos definir nossa identidade para responder a uma acusação, seja

---

[25] É importante salientar que a palavra *shuld,* "culpa" em alemão, pode ser entendida como o sentimento de culpa ou como dívida. Essas duas variantes de significado serão importantes para a maneira como trabalharemos este conceito ao longo da análise.

para nos assumir como feitores do ato considerado mau pelo outro, para nos defender da acusação ou para apontar um responsável pelo ato mau em nosso lugar. Para Butler, começamos a definir a nós mesmos somente em face daquele que nos pergunta: “Foi você quem fez isso?” (p.11). É somente diante desta pergunta que alguém começa a narrar a si mesmo ou descobre, urgentemente, que tem de se tornar um ser autonarrativo.

Utilizando-se da possibilidade apontada por Nietzsche e Butler acreditamos que Hamilton procura, ao tentar se livrar da culpa que veio como herança identitária de seus pais, responder à pergunta: “Foi você quem fez isso?”. Hamilton explora os temas das Guerras Mundiais, a questão colonial irlandesa e deseja se posicionar diante da culpa individual e histórica, frente a seus antepassados, como agressor ou vítima e, principalmente, como reformulador de todo este processo que gerou as divisões entre suas identidades.

Portanto, qual seria o caminho para Hugo Hamilton reformular a relação que tem com a hereditariedade e a culpa em sua identidade e encontrar a inocência que deseja? Algumas teorias da modernidade tardia propõem outra visão de mundo diferente do binarismo e dualismo tão conhecidos e podem ajudar na análise do processo que o personagem viverá na tentativa de livrar da sensação de separação e culpa que carrega. O filósofo Boaventura de Souza Santos (2010) ao analisar o pensamento moderno ocidental detecta que um dos principais problemas reside no que ele chama de “pensamento abissal”. Este pensamento é caracterizado por um “sistema de divisões visíveis e invisíveis” que dividem o universo entre dois lados, no qual o que está de um lado da linha, existe e o que esta do outro lado, inexiste (p.31). Ou seja, este pensamento desnuda uma divisão de mundo radicalmente excludente porque o que está do outro lado da linha não é inferior, menor ou pior; mas é invisível e, logo, inexiste. Segundo o filósofo, a característica principal deste tipo de pensamento é a “impossibilidade de copresença dos dois lados da linha” (p.32). No que tange mais especificamente a questão da identidade, o “pensamento abissal” produz humanidade e sub-humanidade, ou seja, ela nega uma parte do humano como condição fundamental para que a outra parte exista (p. 39). A este tipo de violência epistemológica Souza Santos dá o nome de “epistemicídio”, que em seus casos mais extremos usou força e violência para a supressão dos conhecimentos, como aconteceu no colonialismo europeu.

A análise do pensamento e do modo de pensar é também o foco da filósofa alemã Hannah Arendt (2003). Uma de suas principais preocupações era tentar entender como o horror vivido na Segunda Guerra Mundial poderia ser evitado de se repetir. Desta forma, a filósofa contrapôs aquilo que chamou de “banalidade do mal” com o ato de pensar. Para ela, a prática banal do mal surge da superficialidade do pensamento, da completa aceitação e submissão às regras e da incapacidade de pensar. O ato de pensar, constante e questionador, é o antídoto para a banalidade do mal e deve ser uma exigência constante de todos. O ato de pensar é, acima de tudo, lidar com o objeto que está ausente e fora da nossa percepção. Pensar é, por natureza, nunca ficar satisfeito com a resposta. O perigo reside, justamente, no desejo de encontrar respostas finais. Finalmente, pensar é a habilidade de distinguir o certo do errado e é esta capacidade que pode prevenir catástrofes.

Relacionando o pensamento de Arendt com Souza Santos vemos que a filósofa deseja superar a “banalidade do mal”, que é uma prática violenta de desconhecimento do outro, como Santos deseja superar o “pensamento abissal”. Para tal, Arendt sugere a prática constante de um tipo de atividade de pensamento que é fundamentada em enxergar abstrações, ausência e é incansável na busca de distinção entre certo e errado. A prática deste tipo de pensamento sugerida por Arendt é um dos pilares que caracterizam a condição fundamental humana que é a pluralidade (Arendt, 1958).

De forma semelhante, Souza Santos, ao buscar superar o pensamento abissal, sugere algumas mudanças epistemológicas baseando-se em conceitos como a “douta ignorância” e a “ecologia de saberes”. Ao retomar o pensamento do filósofo e teólogo alemão, Nicolau de Cusa; Santos propõe-nos a reflexão sobre “douta ignorância”, a qual pode ser entendida como “o saber do não saber”. Este pensamento entende que o mais importante não é saber, mas sim reconhecer que o saber é limitado e que sempre existe algo que não se sabe. “Por ser finito, o nosso pensamento não pode ser infinito” (p. 540). Desta forma, a “douta ignorância” em nosso tempo atual nos ensina a compreender que existe uma diversidade epistemológica no mundo da qual temos um conhecimento limitado. No entanto, o fato de reconhecermos a limitação do nosso conhecimento e a possibilidade de conhecimento do outro, traz o outro a existência e estabelece uma necessidade de parceria com ele para que se chegue ao conhecimento do todo. A necessidade de buscarmos o conhecimento que não temos, que está no outro, é o que Santos

chama de “ecologia de saberes” (p.542). Nesta epistemologia, os diferentes saberes e ignorâncias de saberes devem ser conhecidos e comparados na tentativa de se levar ao extremo os limites que separam um saber de outro, de modo a deslocá-los e ultrapassá-los.

Por fim, acreditamos que perspectivas análogas a de Souza Santos e de Hannah Arendt possa ser a chave para que o personagem de Hugo Hamilton reformule seu histórico identitário hereditário e encontre a inocência que busca.

2.2 A identidade nacional e a identidade do indivíduo

No centro da problemática sobre a questão identitária do autor-personagem Hugo Hamilton está a relação da identidade nacional com a identidade do individuo. Sabemos que Hamilton considera ter uma identidade hereditária, a qual está diretamente conectada com as identidades nacionais recebidas de seus pais, a identidade alemã da mãe e irlandesa do pai. Sabemos também que Hamilton considera esta herança identitária um peso do qual ele quer se livrar. Portanto, um dos objetivos dessa dissertação de mestrado é entender a relação entre a identidade nacional e identidade do indivíduo, bem como as possibilidades de resignificação dessa relação no contexto de Hugo. Para realizar tal objetivo se faz necessário compreender diferentes perspectivas teóricas sobre a origem do conceito de nação, do nacionalismo e, mais especificamente, como estes se dão nos contextos irlandês e alemão.

Parece ser um consenso entre historiadores e sociólogos que a nação, como conceito e estado, bem como o nacionalismo, surge na Era Moderna. As perspectivas sobre o surgimento, as características e os propósitos da nação variaram entre os pensadores.

Segundo Hobsbawm (1990), o conceito de nação ganha força na Europa no final do século XVIII. Foi a partir da Revolução Francesa que a associação etimológica entre Estado, nação e língua nacional acontece pela primeira vez na história. A nação passa a ter um significado fundamentalmente político. O termo designa um “corpo de cidadãos cuja soberania coletiva os constituía como Estado” (p. 31). No entanto, o caráter original da nação tal como surge com a Revolução Francesa não tem características do particular nacional. Segundo o autor, o que motivou o ideal revolucionário não era a etnicidade ou a língua, mas o indicativo de vínculo coletivo. Inicialmente, este vínculo não tinha uma delimitação nacional. O

caráter nacional da revolução francesa começou a aparecer quando a heterogeneidade interna do território francês dificultava a realização do projeto de coletividade uniforme. A partir de então, questões como a língua única ou a origem étnica comum passaram a ser importantes e se tornaram também impositivas sobre a heterogeneidade e pluralidade dos grupos que se encontravam sob o território do estado nacional. Portanto, para Hobsbawm, o conceito de nação surge dos moldes da nação francesa. É um conceito fundamentado na soberania coletiva sob a organização de um Estado, que para melhor desempenhar o seu papel padroniza a experiência étnica e linguística. Percebemos que deste conceito de nação surge uma homogeneização da pluralidade étnica e linguística.

O nacionalismo, segundo Hobsbawm, viveu uma crescente e atingiu o apogeu após a Primeira Guerra. Neste período, os Estados nacionais se fortaleceram e, com isso, o princípio de seleção e exclusão étnica se expandiu:

> *A tentativa de criar um continente corretamente dividido em Estados territoriais coerentes, cada habitado por uma população homogênea, separada étnica e linguisticamente, gerou a expulsão maciça ou a exterminação das minorias (p.161).*

Em outras palavras, com o fortalecimento dos estados nacionais, os grupos étnicos que não encontraram representatividade na organização estatal foram discriminados e excluídos. Dessa forma, Hobsbawm faz uma crítica ao processo de formação da nação, que se em sua origem se preocupava com a coletividade, ao longo do seu desenvolvimento e com a finalidade do seu fortalecimento, reduz a experiência coletiva e gera exclusão. Fazendo uma crítica sob a perspectiva marxista, o autor explica que a força revolucionária perdeu para o que ele chama de o “ressentimento contra os conquistadores” (p.165). Assim**,** o nacionalismo surge como um sentimento anti-imperialista e passa a ser incitado até mesmo pelos próprios conquistadores imperialistas para que as divisões internas entre os povos crescessem e o projeto revolucionário de coletividade minasse. Hobsbawm exemplifica este processo de fortalecimento do nacionalismo sinalizando para o caso alemão em que o ressentimento gerado pelo Tratado de Versalhes mobilizou forças de todos os setores políticos do país, tanto de direita como de esquerda, e deixou de lado a questão social das classes.

Sob a perspectiva de Benedict Anderson (1983), as nações surgem a partir de e para substituir as comunidades religiosas e monárquicas. Suas origens na

Europa ocidental coincidem com o enfraquecimento dessas estruturas. O autor explica que o projeto religioso cristão tinha um caráter universal e não estava preso às barreiras locais. À medida que se enfraquece, as delimitações locais ganham força. Para exemplificar este processo, Anderson nos mostra que a queda do latim permitiu que comunidades integradas por línguas sagradas fossem gradualmente se tornando fragmentadas, pluralizadas e territorializadas. O surgimento do "capitalismo impresso", ou seja, da imprensa escrita enquanto indústria capitalista, foi um dos grandes fatores para a descentralização do Latim como língua sagrada do conhecimento, do poder e para a padronização, fixação e o crescimento das línguas vernáculas locais. Portanto, Anderson considera que o "capitalismo impresso" e a transformação linguística geraram os meios necessários para a formação da nação no lugar das comunidades religiosas e monárquicas. Além disso, ao explicar como o nacionalismo pode atuar de forma substituta ao pensamento religioso, Anderson nos mostra que o projeto nacionalista pode proporcionar uma experiência de salvação final e de redenção da fatalidade cotidiana da vida humana num tempo em que a estrutura religiosa perde a sua força.

Anderson está interessado em compreender o surgimento e fortalecimento das nações também a partir de uma perspectiva marxista. Para ele, o projeto nacional é uma "anomalia" para o projeto marxista, que compreende as necessidades humanas como universais. O autor quis entender, por exemplo, as motivações que levaram à guerra entre Vietnam, Camboja e China, nações assumidamente com regimes revolucionários marxistas, bem como afirmações de historiadores marxistas, como Tom Nairn, que considera que o nacionalismo representa "a grande falha histórica do marxismo" (p.3).

Para tal, Anderson chega à teoria da "comunidade imaginada". Ele propõe que a nação seja uma comunidade política imaginada, tanto no seu limite como na sua soberania. Ao citar Seton-Watson em seu livro *Nations and States*, Anderson explica que a nação é uma comunidade imaginada porque os membros desta comunidade jamais conhecerão a maioria de seus companheiros e ainda assim vivem segundo a imagem da uma comunhão com eles. Dessa forma, toda comunidade maior do que a de convívio pessoal e diário é imaginada. O que distingue uma comunidade da outra é a maneira pela qual ela é imaginada, ou seja, os elementos que compõem o imaginário de uma comunidade específica. A nação é imaginada como limitada porque ainda que seja grande e abarque bilhões de seres

humanos, ela é finita. “Nenhuma nação se imagina como contenedora de toda a humanidade” (p.7). Para Anderson, nem o mais messiânico nacionalista sonha com o dia em que todos os membros da raça humana se juntarão a sua nação, como cristãos em certas épocas sonhariam com um planeta todo cristão. Além disso, a nação é imaginada como soberana porque o conceito nasceu na era em que o Iluminismo e a Revolução estavam destruindo a legitimidade da monarquia. Portanto as nações desejam ser livres e o emblema da liberdade é o estado soberano. Por fim, a nação é imaginada enquanto comunidade porque, independentemente da condição de exploração e desigualdade que exista, a nação é sempre concebida com uma profunda noção de parceria entre seus membros. Desta forma, a partir da teoria da nação enquanto “comunidade imaginada”, Anderson consegue explicar o caráter contingente e aglutinante da nação.

Com uma perspectiva bastante divergente, Hannah Arendt (1973), ao tentar entender o processo civilizatório que levou ao totalitarismo, sugere que a nação, em seu caráter particular e específico, detém em si uma característica liberadora. Para a filósofa, o surgimento do Estado-nação também é marcado pela Revolução Francesa. É caracterizado pela reivindicação de representação popular e pela luta por uma soberania nacional. A emancipação da nação se dá quando os povos adquirem consciência de suas entidades culturais, históricas e de seu território como um lar permanente marcado por um passado comum. O Estado-nação é limitado e em sua própria estrutura política não adere a aspirações mundiais, o que para Arendt, analisando o projeto totalitário, representa uma vantagem. A autora explica que de todas as formas de governo, o Estado-nação é “o que menos se presta ao crescimento ilimitado” porque o seu tamanho não pode ir além do próprio território (p.193-4). A ideia de consciência nacional se refere a um povo em particular, portanto, nenhum povo conquistado pode ser agregado à nação. Além disso, a nação concebe leis que tem validade dentro dos limites do território nacional as quais não correspondem aos anseios de outros povos. “A estrutura da nação não era capaz de produzir impérios” (p.201). A fundação do Estado-nacional também marca o surgimento dos Direitos do Homem. As organizações nacionais se baseiam no princípio de igualdade e solidariedade entre os homens e os povos, o que garante a ideia de humanidade. Seja sob a forma de nova república ou monarquia constitucional, o Estado-nação herdou como função primordial a proteção de todos

os habitantes do seu território e, dessa maneira, garante em sua proposta os direitos humanos.

Arendt enfatiza as características do projeto nacional para diferenciá-las dos projetos imperialistas e totalitaristas. Segundo ela, o projeto imperialista surge quando a burguesia percebe que a estrutura nacional não dará conta de suas ambições. Logo, o imperialismo emerge como um projeto de expansão econômica para atender as necessidades da burguesia para além dos limites da nação. Os projetos imperialistas franceses e ingleses, por exemplo, encontraram barreiras justamente em querer impor o caráter nacional para os outros povos. O que melhor caracteriza o projeto imperialista, segundo a autora, é a transformação dos objetivos nacionais e limitados em uma busca ilimitada de recursos econômicos e poder a níveis mundiais. A aspiração imperialista burguesa vê no Estado-nação sua barreira, mas também encontra nele o aparato para aplicar a violência como forma de conquistar seus fins econômicos. Para viabilizar o seu projeto, o racismo surge como sua principal arma ideológica. “O imperialismo teria exigido a invenção do racismo como única ‘explicação’ e justificativa de seus atos, mesmo que nunca houvesse existido uma ideologia racista no mundo civilizado”. (p.266). A ideologia racista justifica através do parentesco de sangue a superioridade de alguns povos sobre outros. O pensamento racista, no sentido de origem consanguínea e étnica, vai incitar a unificação de povos fora das fronteiras nacionais. Esta unificação não é baseada num passado comum, como é para os nacionalistas, mas num futuro que unirá todos os membros do seu povo espalhados pela Terra. Arendt sinaliza que há no pensamento racista um caráter messiânico e “divino”. Se muitos disseram que o nacionalismo é um substituto da religião, Arendt explica que é só no racismo tribal que esta substituição encontra sua manifestação plena e real. O racismo tribal aponta para a diferenciação entre os povos e um dos seus argumentos é que um povo que é o perseguidor inato de todas as espécies ou a vítima inata da perseguição é um “povo divino” (p. 329).

Por fim, Arendt explica que o totalitarismo surge em parte do racismo tribal e do imperialismo. Leva ambos ao extremo, desenvolve e manifesta novas formas políticas. O projeto totalitário se baseia no domínio total, global e na eliminação de toda realidade que se oponha a ele. Este projeto tem de lutar sempre pelo domínio total, pois se não o fizer, perde tudo o que conquistou. A filósofa alega que onde quer que este projeto tenha imperado, destruiu a essência humana do homem. A

política totalitária difere de outros sistemas ditatoriais autoritários pelo uso da força não para extermínio de seus oponentes, mas como instrumento para governar seu próprio povo e transformá-lo em massas obedientes. O sistema totalitário objetiva organizar as massas, não as classes sociais e nem os cidadãos com opiniões peculiares. As massas são grupos de pessoas que nunca foram ativas politicamente, desconhecem o funcionamento dos negócios públicos, vivem com certo isolamento entre seus membros e apresentam-se aos líderes do movimento com total lealdade. A principal característica desta relação é a descartabilidade e impessoalidade das partes. Tanto as massas quanto seus líderes podem ser completamente substituídos. Outra característica fundamental do regime totalitário é a propaganda. Elas servem como insinuação e ameaça a todos os que não derem ouvidos aos seus ensinamentos. A propaganda é parte de uma guerra psicológica que é aplicada a uma população já subjugada e que encontra a sua manifestação maior no campo de concentração, onde ela não precisa mais existir. O ápice do regime totalitário está no campo de concentração. Nele é que todo seu projeto se torna horrendo e viável. O campo de concentração tem a função de demonstrar o poder total do regime em eliminar a espontaneidade, a diferença e pluralidade humana. O horror do campo de concentração está no isolamento, porque ainda que as pessoas consigam se manter vivas, elas estão como mortas para o mundo. O problema central é que no campo de concentração não existe nenhum tipo de ética humana. Arendt explica que os homens que lá estão não cometeram nenhum crime para estarem lá. Não há um erro a ser pago. Há três passos para seguir o caminho total. O primeiro é matar a pessoa jurídica do homem e todos os seus direitos perante a lei. O segundo passo é matar a pessoa moral do homem de modo em que ele perca o sentido de solidariedade humana. O último passo para a transformação de homens em sub-homens é a perda da individualidade através da perda da identidade singular de cada indivíduo. “O totalitarismo não procura um domínio despótico dos homens, mas sim um sistema em que os homens sejam supérfluos” (p. 605).

As concepções apresentadas acima acerca do surgimento e das características da nação, bem como dos regimes políticos e econômicos que surgiram a partir dela, trazem algumas perspectivas importantes para a análise da relação entre identidade nacional e identidade do individuo no contexto do personagem de Hugo Hamilton. Hobsbawm nos mostra que o conceito de nação traz consigo uma forte ligação com a língua nacional, assim como também é citado por

Anderson. A relação entre nação e língua nacional como fator de definição da identidade caracteriza um dos eixos principais da busca do personagem por transformar sua identidade. Além disso, Hobsbawm menciona as características homogeneizante, excludente e ressentida da nação as quais estarão no centro dos conflitos que Hugo enfrentará para lidar com a sua origem plural. A estreita ligação proposta por Anderson entre nacionalismo e religião, seja como elemento de redenção e salvação da realidade ou como substituto da religião no âmbito social, se caracterizará como uma das perspectivas principais para analisar especialmente a parte irlandesa das identidades nacionais de Hamilton. Por fim, a explicação de Arendt sobre o percurso de formação do nacionalismo até a implementação do totalitarismo ajudará na compreensão da relação identitária de Hugo com seu pai, um militante nacionalista fervoroso e membro de um grupo fascista, e com a bagagem identitária recebida da sua mãe, uma alemã fugida do nazismo. A proposta final da filósofa sobre a perda da individualidade através da perda da identidade única do indivíduo estará presente na análise do processo de transformação identitária do protagonista em meios às pressões dos regimes identitários que o cercam.

Investiguemos agora as relações entre nação e identidade nacional nos contextos irlandês e alemão. Quando a questão da identidade nacional surge na Europa após a Revolução Francesa, a identidade irlandesa passou a ser amplamente discutida nos campos da história, política e estudos culturais (Killeen, 2003). Um dos primeiros documentos de relevância nesta discussão surge como parte do movimento revolucionário de independência, com influência francesa e liderado pelo grupo The United Irishmen. Theobald Wolfe Tone (1791), o principal líder do grupo, declara em seu manifesto, *An Argument on Behalf of the Catholic of Ireland,* a necessidade de haver uma identidade irlandesa unificada pela igualdade entre todos, sem distinção religiosa, mas em oposição a tudo o que fosse inglês. Portanto, as discussões a respeito da identidade irlandesa se iniciam a partir de uma tentativa de identificação com aquilo que é nacional, por exclusão e oposição àquilo que é estrangeiro. Surge, então, uma identidade irlandesa em contraposição a uma identidade inglesa.

Este projeto identitário nacional marcado pela oposição ao elemento inglês se torna o grande projeto identitário dos movimentos de independência políticos e culturais. Esta oposição foi um dos marcos principais do movimento de nacionalismo

cultural do início do século XX. Em um dos documentos mais significativos de tal movimento, *The Necessity for De-anglicizing Ireland,* Douglas Hyde (1892), o fundador da Liga Gaélica, uma instituição criada para promover a língua irlandesa e o nacionalismo cultural, explica como a identidade irlandesa foi contaminada pela influência inglesa em várias áreas e como ela deve se livrar desta influência para ser uma identidade verdadeira.

É interessante analisar nestas duas concepções acerca da identidade irlandesa que, se inicialmente a proposta de Wolfe Tone era tentar buscar um apagamento relativo das diferenças religiosas para que a identidade irlandesa fosse formada, um século depois, a identidade irlandesa passou a buscar, no movimento de nacionalismo cultural conforme proposto por Hyde, uma noção de purismo muito mais excludente do que o proposto por Tone. Para William Butler Yeats (1899), considerado o grande poeta do movimento nacionalista cultural, a identidade irlandesa verdadeira é aquela que se identifica com a cultura, mitologia e história celta. A identidade celta evocada por Yeats refere-se aos povos que habitavam a Irlanda antes da colonização inglesa. Ainda que grande parte da memória desse povo tenha sido destruída, Yeats cria a imagem de que os herdeiros da cultura celta são aqueles que habitam o oeste da Irlanda, os quais foram menos influenciados pela cultura inglesa. Logo, o estereótipo do verdadeiro irlandês passa a ser o camponês do oeste que fala a língua irlandesa e que vive em meio a lendas.

Esta noção de identidade irlandesa passou a ser questionada no período após a independência, em 1922[26]. Os críticos culturais e historiadores, especialmente após a década de 40, passaram a revisitar e questionar a noção essencialista e excludente da identidade irlandesa fundamentada no mito celta. Esta perspectiva definida como revisionista veio atender àqueles que não se encaixavam no conceito essencialista do mito celta, como a minoria protestante que permaneceu na República. Seán ‘O Faoláin, um dos primeiros importantes críticos revisionistas, rebate a criação do mito celta. Segundo o autor, o mito tentou descobrir no velho mundo um modelo identitário no qual todos pudessem se encaixar e que

[26] O Estado Livre Irlandês (The Irish Free State) se torna oficialmente um país completamente independente em dezembro de 1922. O processo de independência da Irlanda foi bastante longo e se desenrolou em vários episódios e acordos com o Governo Britânico. Dentre eles, o Ato Governamental (The Government of Ireland Act) de 1920 dividiu o território irlandês em dois, separando os seis condados do norte que tinham maioria de população protestante. Desta forma, foram criadas a Irlanda do Norte e O Estado Livre Irlandês, com dois parlamentos diferentes nos dois territórios. A Irlanda do Norte, por não querer fazer parte do Estado Livre, seguiu como parte do Reino Unido (Killeen, 2003).

aparentemente apagasse a oposição irlandês versus inglês (Gibbons, 1991). No entanto, devido à experiência colonial e as emigrações, a Irlanda nunca teve uma sociedade suficientemente homogênea para que tal mito fosse bem sucedido. Os próprios povos celtas não tinham a unidade aparente que o mito celta propunha.

Logo, a identidade irlandesa criada por oposição à identidade inglesa, ainda que tivesse cumprido sua função no processo de independência, estava perdendo forças no período pós-colonial. De acordo com Fintan O'Toole (1999), a Irlanda, especialmente a partir da década de 60, se depara com problemas não mais originados pela opressão de seu colonizador, mas pela sua inserção no mercado econômico mundial. Diante deste contexto, o país precisava conglomerar as forças de todos os seus habitantes para o processo de abertura política vivida na década de 60. Além disso, a intensificação dos conflitos no norte do país pela unificação da Irlanda do Norte entre as décadas de 60 e 90 exigiu o estabelecimento de uma identidade irlandesa flexível que pudesse agregar diferenças e dialogar com o mundo exterior.

Na década de 90, com o grande crescimento econômico irlandês, período no qual a Irlanda passa a ser conhecida como o Tigre Celta, a identidade irlandesa começou a buscar seu lugar no mundo. A influência da globalização não só levou ao crescimento da economia irlandesa, como também trouxe para o país um grande número de imigrantes. Por conseguinte, a identidade irlandesa se deparou com um novo desafio, além de ter de conformar uma forma de ser irlandesa que permitisse o apagamento de diferenças étnicas e religiosas para solucionar os conflitos no norte, a identidade irlandesa teria de ser flexível o suficiente para incorporar a nova identidade dos imigrantes.

No início do século XXI, a economia próspera já consolidada permitiu que a identidade irlandesa se unificasse dentro de uma identidade capitalista globalizada. A prosperidade agiu como uma força libertadora dos conflitos e diferenças. Segundo Randolph (2010), a identidade irlandesa passou a ser definida a partir dos produtos que são consumidos e deixou de estar fincada na memória do passado. No entanto, no final de 2008, a crise econômica mundial colocou em xeque novamente a questão da identidade irlandesa. O país entrou em recessão profunda e diante do enfraquecimento da identidade capitalista, ser irlandês voltou a ser um problema. A questão sobre ser irlandês, que aparentemente havia encontrado uma solução tanto

no processo de paz no norte quanto na riqueza econômica, agora se tornava novamente incerta.

Já no contexto alemão, a relação entre nação e identidade tem um histórico bastante diferente. Eley & Pamolski (2008) explicam que a identidade alemã assim como a identidade nacional francesa surgiu no século XIX. A diferença é que a identidade francesa era definida pela cultura e pelo pertencimento ao território, características muito comuns à identidade nacional; enquanto a identidade alemã era definida por fatores étnicos, os quais eram a base da formação imperial. Ao citar um estudo feito por Dieter Gosewinkel sobre a evolução das leis de cidadania na Alemanha ao longo dos séculos XIX e XX, os autores apontam que a etnicidade se torna o critério único e excludente da identidade alemã somente a partir de 1933, com as Leis de Nuremberg, as quais distinguiam com base em critérios genéticos a separação entre judeus e alemães. A partir de então, a etnicidade passa a ser constitucionalizada e se funde com o direito de cidadania.

Duncan Cooper (2010) reforça que a questão da etnicidade foi e continua sendo central para a compreensão e definição da identidade alemã. Para o autor, identidades étnicas surgem dentro de um espectro de identidades e lealdades coletivas as quais fundamentam o caráter de união do grupo. No contexto alemão, a ideia de cultura nacional do passado era representada pela lealdade refletida no Reich Kaiser no final do século XIX. Identidades étnica e nacional são semelhantes no sentido em que são usadas como ferramentas simbólicas nos conflitos políticos. A diferença é que a identidade nacional entende as fronteiras políticas da nação como as suas fronteiras culturais, e a identidade étnica, não. O desejo de excluir os estrangeiros coincidiu com a crescente etnização das percepções de identidade alemã.

Annemarie Sammartino (2008) explica que a necessidade de definição étnica foi fortalecida pela Primeira Guerra Mundial. A partir desse evento, a população alemã se espalhou pelos países europeus e o território alemão foi ocupado. Neste cenário, a experiência da comunidade imaginada de alemães vivendo dentro de suas fronteiras foi desmontada. A influência da Guerra e da Revolução Russa despertou o desejo da comunidade alemã de construir sua identidade através dos meios legais, ou seja, da cidadania, baseando-se no sangue alemão. Estas são as diretrizes étnicas estabelecidas a partir de 1913 que serviram de base para definir a cidadania alemã e que resultaram no regime nazista. Este sistema legal de definição

étnica gerou desde esta data e, se intensificou durante o Terceiro Reich, a necessidade legal de reconhecimento de identidade alemã pelo registro em cartório e análise genética.

Na década de 1990, a questão identitária alemã foi marcada pela reunificação do território, após a divisão interna do país em República Federal da Alemanha (Ocidental) e República Democrática da Alemanha (Oriental) em 1949. Siobhan Kattago (2001) inicia seu livro *Ambiguous memory: the Nazi Past and German National Identity* com as seguintes perguntas: "a unificação da Alemanha mudaria a identidade nacional e a memória do Socialismo Nacional[27]? A reunificação de 1989 se sobreporia a separação de 1945, ou vice e versa?" (p.1) A autora explica que não há como compreender a identidade alemã sem considerar o legado nazista.

A década de 1980 reforçou a consolidação da divisão interna. Neste período, havia uma geração de pessoas que cresceram com o país já dividido e sem ter tido nenhum contato direto com a Segunda Guerra. A unificação estava naquele momento fora de questão para a maioria da população. Reunificar a Alemanha significa ter de lidar com a restauração problemática e ambígua da nação alemã e encarar as memórias do Terceiro Reich e do holocausto. Como o Socialismo Nacional não ofereceu nenhuma orientação positiva, os três estados sucessores, as duas Alemanhas dividas e a Alemanha reunificada, rejeitaram a Alemanha nazista e buscaram em algum outro ponto do passado por uma orientação.

A autora cita a opinião do sociólogo M. R. Lepsius o qual alega que o Socialismo Nacional teve efeitos diferentes nas duas Alemanhas. Na República Federativa da Alemanha, o Socialismo Nacional foi removido de modo que seus conteúdos e consequências foram deixados para a República Democrática Alemã. O regime político foi universalizado como um fascismo abstrato, como uma consequência histórica necessária para o monopólio do capitalismo. A Alemanha Oriental foi vista como o estado sucessor do Terceiro Reich e forçada a internalizar o regime.

Segundo Stuart Taberner (2002), a experiência traumática com o nazismo é a grande dificuldade de discutir e perceber a identidade alemã no século XX. De alguma forma, a identidade alemã sempre foi definida em contraposição à identidade judaica. Além disso, a ocupação do território alemão pelos povos aliados e a

---

[27] Os termos Socialismo Nacional e Nazismo são usados neste trabalho e pelos autores consultados de forma intercambiável.

separação do território por cerca de quarenta anos dificultam o senso de uma identidade nacional comum. Para o autor, alguns buscam por uma identidade nos bons feitos do passado comum anterior ao nazismo. Outros consideram que olhar para a antiga república em busca de uma experiência identitária é errôneo, pois resultou numa derrota que levou à separação do país e a dominação americana.

Taberner aponta que uma das perspectivas para a identidade alemã contemporânea tem a ver com valores ocidentais e liberais, a internalização de princípios como governança, igualdade perante a lei, direitos humanos e multiculturalismo. Há também uma perspectiva revisionista, a tentativa de lidar com o passado nazista, com abertura para rever o holocausto, percebendo suas lições, mas sem se portar com auto-humilhação. Algumas questões ficam como centrais para a identidade alemã atual: “como pessoas que cresceram em regimes políticos tão diferentes cabem na ideia de uma identidade nacional unificada? Como lidar com as várias diferenças étnicas? Como a experiência nacional pode ser verdadeira para aqueles que diferem da perspectiva dessa nova nação que se ajusta as características do capitalismo mundial?” (p.3).

Outra perspectiva atual da identidade alemã é apresentada por Mathias Schulze (2008), em seu livro *German Diasporic Experience: Identity, Migration and Loss*, em que foca naqueles que deixaram o país nos séculos XIX e XX. O autor inicia seu livro citando um trecho do *The Speckled People* de Hugo Hamilton em que as tias alemãs Marianne e Christiane visitam a casa da família Hamilton em Dublin. Nesta passagem, Hugo está se recuperando de uma forte crise asmática. Sua mãe lhe garante que suas tias o ajudariam, pois tinham experiência em cuidar daqueles que estiveram em Salzburg no campo de batalha. Hamilton narra, então, a chegada das tias à porta de sua casa e o emocionante encontro com a sua mãe, separadas durante anos depois de que Irmgard fugiu da Alemanha para a Irlanda. O encontro foi marcado por muita conversa, histórias de família e lágrimas. Hamilton termina a passagem dizendo: “Tudo em nossa cara era alemão novamente*”* (p. xi). Ao citar essa passagem, Schulz procura olhar para as minorias de população alemã espalhadas pelo mundo. Em um dos capítulos, escrito por Janet Fuller, o fator linguístico é considerado de fundamental importância em comunidades de imigrantes e descendentes de alemães para a criação ou manutenção de um senso de identidade. Outra distinção é marcada pelo fator étnico, em que a minoria alemã se une e se vê como distinta da outra maioria étnica do território em que habita.

Charles Maier (1998), em seu livro *The Unmasterable Past: History, Holocaust, and German National Identity*, inicia a discussão de sua problemática citando um trecho em que Hermann Rudolph questiona o passado alemão: “os alemães e o seu passado, nenhum tema novo”. A questão que está aberta na atualidade é: “O Terceiro Reich deveria ser tratado historiograficamente ou como uma ficção que não aconteceu e que não volta mais? O fim da Segunda Guerra Mundial deve ser considerado um novo começo ou a história deve proporcionar orientação, despertar o orgulho próprio e servir de base para uma identidade e consciência nacional?” Segundo Rudolph, esta é a tarefa que ainda persiste irresoluta para o futuro (p.9).

As perguntas de Rudolph nos mostra um caráter interessante da identidade alemã. A dificuldade em definir a identidade alemã baseando-se no passado nazista se dá pela presença da violência. Este fato abre uma possibilidade de interpretação para a identidade alemã bem como para a relação que Hugo Hamilton tem com a sua identidade. Aquele que carrega uma marca muito forte de violência responde a este passado de algumas formas: negando, esquecendo este passado e, ao mesmo tempo, sendo obrigado a encará-lo e reformulá-lo.

Talvez a grande diferença histórica com a qual o personagem de Hugo Hamilton se defrontará em suas memórias entre as suas identidades alemã e irlandesa seja a posição delas em relação à violência. A identidade irlandesa é marcada pelo posicionamento histórico de vítima colonial da Inglaterra enquanto que a identidade alemã é marcada pela posição imperial de agressor. Esta diferença pode ser fundamental porque a vítima pode desejar lembrar-se da agressão para que defina a si mesmo como aquele que luta contra a agressão; já o agressor, pode não querer lembrar-se da agressão porque se o fizer terá de lidar com a sua responsabilidade sobre ela. No caso do personagem de Hamilton, ele contém ambas as posições dentro de sua bagagem indentitária hereditária. Portanto, ao encarar esta relação complexa se torna inevitável e gera resultados menos definitivos dentro do papel de vítima ou agressor.

Maier cita como exemplo a visita a memoriais nacionais como o cemitério de Bitburg para explicar que a memória histórica geralmente começa com a lembrança dos mortos. No caso do Alemanha, a memória remete aos militares que mataram milhares em nome do país. A diferença entre ser morto e matar é fundamental para a

lembrança histórica e para a constituição da identidade nacional enquanto vítima ou agressora.

Finalmente, o futuro da questão da identidade, tanto alemã quanto irlandesa, ainda está em aberto. Este trabalho fará uso deste referencial teórico para apontar como o percurso identitário traçado pelo personagem de Hugo Hamilton em seus livros de memórias dialoga com as teorias já existentes e como contribui para abrir possibilidades para uma nova teoria a respeito da identidade do sujeito em relação à identidade nacional.

3. As diferenças e a culpa como constituição da identidade

3.1 A descoberta das diferenças

O narrador inicia as memórias, conforme já citado na introdução deste trabalho, com a afirmação de que quando criança desconhecia o mundo ao seu redor. Este desconhecimento é o ponto de partida para o pequeno Hugo começar a se relacionar com o mundo e a definir a si mesmo. O primeiro episódio que inaugura esse processo de descoberta está no segundo capítulo de seu primeiro livro, *The Speckled People*, o qual introduzirá a percepção de separação e diferença como elementos que rompem com a pressuposição de união e homogeneidade do contexto de entorno em que Hugo estava inserido.

Na cena de abertura desse capítulo, o personagem de Hamilton está olhando para fora da janela de sua casa a partir do quarto de seus pais. Ele narra suas impressões sobre esta experiência. Sua primeira frase é: "Eu sei que eles não nos querem aqui" (p.3). Ele se refere às pessoas que estão andando na rua, as quais vão ao campo de futebol, fazem compras, riem. Ele sabe que em algum momento sua família terá de sair de casa e, quando isso acontecer, as pessoas estarão esperando por eles e exigirão que voltem para de onde vieram. Por esta razão, Hugo receia sair de sua casa.

A partir da descrição dessa cena de abertura, pode-se perceber que o personagem identifica uma diferença entre "eles", as pessoas que estão fora de sua casa, e "nós", sua família. A diferença entre sua família e essas pessoas pode ser definida por algumas características, apresentadas em seguida.

A primeira delas aparece na fala do pai de Hugo. Jack Hamilton explica que sua família são os novos irlandeses, parte da Irlanda e parte de outro lugar. Ele usa a palavra gaélica *breac* para caracterizá-los. Para melhor ilustrar a constituição de sua família, Jack exemplifica que eles são como um pão, chamado *barm brack*, que contém frutas secas dentro. Para ele, o pão é irlandês, mas as frutas são alemãs.

A palavra *breac*, em gaélico, é traduzida para o inglês como *speckled*. A palavra inglesa pode ser definida como manchas que cobrem uma superfície de

outra cor (Longman, p.1381)[28]. Assim, a família Hamilton é a família cuja pele mostra a mistura das duas nacionalidades que a compõe. Esses sinais na pele retiram a constituição visual de homogeneidade. Portanto, sua família se diferencia nesse contexto por ser de origem heterogênea, especialmente num momento histórico social da Irlanda em que não havia um fluxo imigratório como na época do Celtic Tiger, a partir dos anos 90. Desta forma, a primeira característica que define a diferença da família de Hamilton para as demais pessoas é a miscigenação ou a heterogeneidade.

A segunda característica que constitui a diferença da família Hamilton é o fator linguístico. Na sequência, ao ver um jardineiro na rua aparando as plantas, o personagem de Hamilton diz que o som do corte da tesoura de jardinagem é produzido em inglês, porque tudo fora da sua casa é falado em inglês. Dentro de casa, no entanto, tudo é falado em alemão ou em irlandês, mas nunca em inglês. Ele afirma que dentro da sua casa é um país diferente do de fora.

Neste trecho, Hugo começa a perceber que a linguagem é relevante para marcar a diferença de sua família em contraposição às pessoas de fora de sua casa. No entanto, o personagem ainda não sabe a complexidade desta diferença linguística, a qual resultará no que ele chamará futuramente de “guerra linguística” (language war) e caracterizará, especialmente, a relação dele com o pai, como será explicado no subtítulo seguinte deste capítulo.

Ao perceber essas duas características da diferença de sua família com o mundo externo, Hugo entende que eles nunca serão suficientemente irlandeses. O personagem conclui que eles são pessoas marcadas e que é melhor ficar dentro de casa onde as pessoas lá de fora não possam capturá-lo. Dentro de casa, ele alega que pode ser ele mesmo.

Além da marcação da diferença, essa parte inicial demonstra que existe também uma relação de valoração desigual entre os dois grupos apresentados. As pessoas fora da casa dos Hamilton vivem livremente; enquanto Hugo e sua família, de alguma forma, estão confinados ou aprisionados dentro do território privado do lar. Ele nos mostra que o espaço da sua casa se torna o único reservado para que eles possam existir. Não obstante, as pessoas de fora da sua casa não só estão em

---

[28] Apesar de haver tradução para a palavra *speckled* como acabamos de apontar, em alguns momentos dessa dissertação, manteremos o original em inglês e o utilizaremos como um conceito, como pessoas que tem uma origem miscigenada e que se diferenciam de seu contexto social.

liberdade, como também têm o poder de ordenar que a família de Hamilton volte para o seu lugar. Ou seja, este fato demonstra que há uma relação desigual no direito de pertencer ou ocupar o espaço público.

Hugo decide ficar em casa. Sua mãe deixa ele e seus irmãos, Franz e Maria, brincarem no seu quarto. Eles mexem na cômoda da mãe e lá encontram algumas medalhas de guerra. Hugo reconhece que essas medalhas pertenceram ao seu avô materno, Franz Kaiser, que serviu o exército alemão na Primeira Guerra. Ele já conhecia a história. Sabia que seu avô havia estado na Primeira Guerra e sua mãe na Segunda. Sabia também que sua avó era uma cantora de ópera e que se apaixonou por seu avô depois de ter ganhado de presente um cacho de bananas no final de uma apresentação. Depois de ter servido na guerra, seu avô voltou com uma doença nos pulmões. Sua mãe dizia que, na realidade, seu avô já não estava bem antes da guerra e que ele não deveria ter sido convocado. Seu avô morreu quando sua mãe tinha apenas nove anos de idade.

Então, em reconhecimento ao seu avô, Hugo decide colocar a medalha de guerra que pertenceu a ele em seu peito. Seu irmão mais velho, Franz, faz o mesmo. Ambos marcham pelo quarto com as medalhas no peito e se cumprimentam.

Pouco tempo depois, Hugo e seus irmãos começaram a vasculhar o guarda-roupa. Eles encontraram a foto em preto e branco de um marinheiro. Além disso, acharam também cartões-postais, certificados e medalhas, dentro de algumas caixas que estavam escondidas no fundo do armário. Quando criança, o narrador revela que não sabia que tudo isso pertencia ao seu avô paterno, John Hamilton, que serviu a Marinha Real Britânica na Primeira Guerra. Ele diz que seu avô se alistou aos quinze anos e morreu em um hospital na cidade de Cork após perder a memória em um acidente no navio de guerra. Além de servir a Marinha Real, ele explica que John também era falante nativo de língua inglesa e não sabia falar o irlandês.

Hugo tenta recordar o que sabe sobre o seu avô paterno e descobre que sabe muito pouco. Ele nota que não há nenhuma foto de seus avós paternos pendurada pela casa. Ele entende que a identidade de seu avô está sendo ignorada ou encoberta de alguma forma, ainda que ele desconheça a razão. O narrador afirma: “Nossos avós alemães estão mortos, mas nossos avós irlandeses estão mortos e

esquecidos” (p.12). Ele sabe, por fim, que não tem permissão para falar a língua do marinheiro.

Hugo decide colocar a medalha de guerra do seu avô no peito. Ao olhar para as duas medalhas, do avô materno e paterno, ele imagina que seus avós possivelmente tenham se encontrado e ficado cara a cara um contra o outro durante a Guerra, que seus pais são órfãos da mesma guerra ou que ele estava usando duas medalhas de dois impérios diferentes uma ao lado da outra.

Depois de colocar as duas medalhas no peito, Hugo e seus irmãos decidem brincar dentro do guarda-roupa. Eles fecham a porta, o guarda-roupa cai em cima da cama e eles ficam presos lá dentro. Quando o pai de Hugo chega à casa, consegue erguer o guarda-roupa de volta em seu lugar e abrir a porta. Ele encontra Hugo com as duas medalhas de ambos os seus avós no peito. Seu pai pergunta:

> *Quem te deu o direito de mexer nas minhas coisas? Ele disse, porque não queria que soubéssemos que tinha um pai na marinha, que não sabia falar irlandês e que ficou do lado dos britânicos na guerra contra os alemães, quando seu país ainda não era livre (Hamilton, 2003, p.14-5).*

A partir de então, o segredo de sua identidade heterogênea, irlandesa e inglesa, estava revelado. É possível reconhecer, nesse último trecho, que a descoberta sobre a identidade do avô irlandês de Hugo modifica e torna mais complexo o processo de conhecimento das diferenças do mundo. Antes, Hugo pensava que a identidade de sua família era meio irlandesa, meio alemã e era completamente diferente daquela das pessoas fora de sua casa. Quando ele encontra as recordações do seu avô paterno, John Hamilton, o protagonista percebe que a diferença entre “nós” e “eles” não é mais tão distinta. Se a sua casa é o país onde se fala alemão e irlandês e fora de sua casa o país onde se fala inglês, a presença da história de seu avô paterno mostra que as fronteiras que separam os dois “países” ficaram embaçadas. Hugo percebe, neste momento, que as pessoas fora de sua casa, além de não serem completamente diferentes, são também parte de quem sua família é. Ele entende que “eles”, como conceito, está contido em “nós”. Desta forma, a identidade de sua família passa a ser composta por diferenças internas que, em alguns momentos, são incompatíveis, como pode ser percebido pela descrição das duas medalhas de guerra no peito do personagem de Hugo Hamilton.

O capítulo termina com o desfecho da cena. Ele e seus irmãos foram retirados de dentro do armário. Sua irmã Maria abraçou a mãe e contou que eles estavam brincando de andar de ônibus dentro do guarda-roupa. Franz era o motorista, Hugo o cobrador e Maria era passageira junto com o marinheiro sentado no último banco no fundo do espaço interno. Eles foram jantar e tudo ficou bem. As medalhas foram retiradas do peito deles. A foto do marinheiro desapareceu e Hugo nunca mais a viu:

> *Ninguém nunca mais falou dele. Eu não tinha como me lembrar de sua imagem porque ele se foi, voltou para o guarda-roupa onde ninguém podia resgatá-lo. Não sabíamos como nos lembrar dele, gostar dele. Nós perdemos a nossa memória (Hamilton, 2003, p.15).*

Portanto, esse segundo capítulo introduz a ruptura com o desconhecimento do mundo para o personagem de Hugo Hamilton e apresenta duas grandes diferenças com as quais ele se defrontará no processo de formação da sua identidade: a diferença entre a identidade de sua família x a identidade das pessoas fora da sua casa; e a diferença dentro da sua própria família, entre suas identidades alemã, irlandesa e inglesa. No processo de formação da sua identidade, Hugo terá de se posicionar em relação às diferenças que compõem sua identidade. Ele escolherá por uma de suas identidades hereditárias e excluirá as outras? Ele conseguirá atingir a multiplicidade de sua identidade e até que ponto? Que atitudes permitirão que ele supere as oposições binárias e as incompatibilidades entre elas?

De acordo com Stuart Hall (2000), a identidade de uma pessoa é construída através da identificação com, ou por exclusão de diferentes discursos. A identificação é uma construção, um processo interminável, que é feito através do reconhecimento de “uma origem em comum e de algumas características compartilhadas com outra pessoa ou um grupo” (p.16). Identificação com as semelhanças resulta, em algum nível, em se fechar para as oposições. Para operar a identificação, algo tem de ser excluído, portanto, a diferença precisa ser marcada. Desta forma, o processo de identificação e exclusão de discursos é feito nos moldes da diferença. No entanto, este processo não apaga a diferença, pelo contrário, “exige aquilo que é deixado de lado, necessita do que está fora para consolidar o processo” (p.17). Ou seja, a oposição com o diferente "outro" é necessária para justificar a identificação.

Hall (1997) explica que a diferença importa porque ela significa. Fazendo referência à linguística, a diferença importa porque é essencial para a construção de significado. Ao citar o pensamento de Saussure, Hall explica que somente sabemos que a cor preta significa não porque existe uma essência de preto, mas porque ela pode ser contrastada com a cor branca. Logo, o significado é dado pela diferença entre opostos. Apesar de as diferenças binárias serem necessárias para construir significado, elas também são “reducionistas e demasiadamente simplistas” (p.235). Tecendo considerações sobre o pensamento de Bakhtin, Hall argumenta que a diferença é necessária porque o significado só pode ser construído através do diálogo com o outro. O significado não pertence a nenhum dos falantes, mas emerge e é modificado através da interação entre diferentes falantes. Logo, o outro diferente é fundamental para o significado. Em termos de identidade, não é possível definir uma identidade antes de interagir com o outro diferente.

Num primeiro momento, Hugo define sua identidade através da diferença de sua família com as outras pessoas fora de sua casa. É uma família miscigenada que fala irlandês e alemão em casa. Contrastando essas características com as de outras famílias, Hugo chega à conclusão que eles são diferentes. A conclusão sobre quem ele é surge do contato com o outro. Ele sabe sobre quem ele é por causa do que o outro é ou não é. Ao estabelecer a diferença entre sua família e os outros, a identidade de Hugo é construída por identificação com a de sua família e por exclusão do mundo fora dela.

Como Hall explica, a identificação pressupõe reconhecimento de semelhanças e uma recusa, um fechamento para oposições. Logo, no primeiro momento, o personagem de Hamilton vê sua família como um conjunto de semelhanças. Suas identidades irlandesa e alemã aparentemente não apresentam nenhum problema uma para a outra. No episódio das medalhas, ele sabe que sua família alemã lutou contra a Inglaterra e que isso se assemelha à proposta nacionalista irlandesa de seu pai. É importante lembrar que uma das características que diferencia sua família das demais é exatamente não falar inglês. Portanto, sua família irlandesa e alemã tinha algo em comum: ser contra a Inglaterra e estar afastado do contexto anglofônico. Novamente, o que é deixado de fora, o outro constitutivo, é o que define a identidade de sua família num primeiro momento. A identidade irlandesa e alemã desta família é identificada por oposição e exclusão à identidade inglesa. Quando ele coloca a medalha do seu avô alemão no peito e

marcha pelo quarto com ela, ele se sente parte deste contexto familiar e se identifica com ele.

No entanto, quando ele descobre sobre as origens do seu avô paterno, a oposição rígida que separa sua família e a distingue das demais pessoas fora de sua casa é rompida. Ele reconhece que as semelhanças que mantém a identidade de sua família unida eram superficiais. Ele percebe que a oposição binária de sua família meio irlandesa e meio alemã *versus* o mundo anglofônico fora de sua casa, como Hall coloca, é "extremamente simplista e reducionista". A partir de então, uma ruptura se instaura em sua identidade irlandesa porque sua origem era, na verdade, dupla, ambas as línguas irlandesa e inglesa eram faladas em sua família e seu avô paterno era um *loyalist*[29] tanto como seu pai era nacionalista. Além disso, houve ainda outra ruptura com relação a sua identidade alemã. Enquanto Hugo Hamilton teve o pai de sua mãe lutando contra a Inglaterra, ele também teve o pai do seu pai lutando contra a Alemanha. Sua família perdeu ambos os avôs mortos na mesma guerra, um de cada lado. Portanto, se o que segurava a unidade desta família e o que separava sua família do mundo ao redor era a exclusão de alguma identificação com o contexto inglês, este fato não era verdadeiro. Seu avô era irlandês, mas serviu à Marinha Britânica e era um falante de língua inglesa.

Este é o momento em que o outro externo passa a fazer parte do eu interno. Pensando a questão da alteridade, Hall (2000) explica que há dois tipos de noções de outro. A primeira noção vê o outro como aquele que está completamente separado e diferente do eu. A segunda noção vê o outro como aquele que está dentro do eu, quando uma pessoa só consegue enxergar a si mesma a partir do olhar do outro. A partir deste momento em diante, o personagem de Hugo Hamilton não verá o outro em termos de separação de quem ele é, mas ele utilizará o outro para reconhecer os vários outros que estão dentro dele. Ao fazê-lo, ele está apagando as barreiras claras que separam as oposições binárias de sua identidade. Ele percebe que o mundo lá fora não é somente parte do seu mundo interno, mas é também parte constitutiva de quem ele é.

Além disso, a descoberta da história de seu avô paterno também introduz as diferenças incompatíveis de identidade hereditária de Hugo Hamilton. Como ele

---

[29] *Loyalist* é o termo usado para designar aqueles que não acreditam na conciliação das duas partes da Irlanda e prestam devoção à Coroa Britânica e às suas instituições. É a principal ideologia dos grupos protestantes e tem suas origens nos séculos XVI e XVII (Goodby, 2003).

pode ser parte da identidade nacionalista, falante de irlandês de seu pai, da identidade imposta pelo nazismo a sua mãe alemã e da identidade colonial de seu avô paterno, falante de língua inglesa e servo da Marinha Real?

Se para construir sua identidade, Hugo Hamilton precisa se identificar e excluir, o personagem está preso à dificuldade de operar a exclusão, por causa dos seus muitos outros internos. A diferença, em seu caso, não determina a exclusão, mas opera o reconhecimento. Ele percebe a complexidade de sua identidade quanto mais ele conhece as diferenças que o constituem. Na medida em que ele ganha consciência destas diferenças, ele percebe que a área que delimita sua identidade é estendida. Logo, o personagem procura encontrar um tipo de identidade mais abrangente na qual ele possa ser irlandês, alemão e inglês.

Este é o começo do processo de busca por um outro tipo de identidade. É quando a experiência identitária do personagem falha em se enquadrar em uma única categoria. Fazendo referência a antropologia, Hall (1997) argumenta que as oposições binárias são vitais para a criação de um sistema de classificação. No entanto, o problema com a classificação é quando as coisas “vão parar na categoria errada ou falham ao tentarem se encaixar em qualquer categoria”, como a teoria da antropóloga Mary Douglas, apresentada por Hall em seu livro, coloca. Quando esta falha acontece, o estranho fora do ninho é jogado para fora para que a ordem seja reestabelecida. Desta forma, este é o momento em que Hugo se torna o “estranho fora no ninho” (p.236).

O presente episódio que estamos analisando será de grande importância para as memórias de Hugo Hamilton, representará parte do projeto identitário do seu personagem e servirá como base para o seu segundo livro de memórias, que leva o nome de *The Sailor in the Wardrobe*. Hamilton inicia este segundo livro de memórias afirmando seu desejo de recuperar a identidade de seu avô paterno.

> *Eu quero ser um marinheiro e viajar pelo mundo todo como ele fez antes de morrer. Eu vou ser igual ao meu avô. Vou adotar seu nome e ajudá-lo a escapar do guarda-roupa. (Hamilton, 2006, p.20)*

Hugo decide assimilar a identidade de seu avô. Para realizar tal fato, ele deseja ser um marinheiro e viajar ao redor do mundo como seu avô fez. Ele quer resgatar seu avô do guarda-roupa. Ao expressar este desejo, o personagem de Hamilton também introduz uma das alternativas do seu projeto identitário que será

desenvolvida mais adiante. Ao querer escapar do guarda-roupa, ou seja, do confinamento e isolamento da sua família, sendo um marinheiro e viajando o mundo, Hamilton busca no rompimento com a nacionalidade e no exílio uma solução para o seu problema identitário.

Em conclusão, se para construir uma identidade é necessário operar a identificação e exclusão levando em consideração a diferença e a alteridade, como a teoria de Hall propõe, o personagem de Hugo Hamilton não se identifica com uma de suas identidades hereditárias e exclui a outra. Ao contrário, ele busca por outro tipo de identificação que permitirá com que ele supere os conflitos entre suas diferenças e possa vivenciar todas as suas identidades. Ele deseja ver a si mesmo para além das barreiras de nacionalidades. Ele procura por uma identidade na qual seus dois avôs não tenham que matar um ao outro na mesma guerra.

3.2 Língua, cultura e violência

Hugo Hamilton aprendeu com seu pai na infância que era parte de um projeto de nação. Depois de ser um militante nacionalista pelas ruas de Dublin e pertencer ao grupo político *Áisiéri*, Jack Hamilton concluiu que ter filhos e usá-los como armas era a forma mais eficiente de lutar por seu país. Para realizar seu novo projeto, começou uma nova família, meio irlandesa e meio alemã. Nesta família-nação, os objetivos do projeto nacionalista de Jack Hamilton eram reviver a cultura e a língua irlandesa, lutar pela desanglicização da Irlanda e combater a emigração. Este projeto norteará a relação do personagem de Hugo Hamilton com seu pai na narrativa e caracterizará a herança identitária recebida dele.

O primeiro objetivo do projeto de nação de Jack Hamilton, reviver a cultura e língua irlandesa, era marcado por aquilo que o narrador chama de "guerra linguística"[30] (p.281). Hugo nasceu em uma família com contextos linguísticos múltiplos: alemão, irlandês e inglês. No quarto capítulo do seu primeiro livro de memórias, ele explica como aprendeu as três línguas praticamente simultaneamente. As primeiras palavras que Hugo aprendeu em todas as três línguas foram os números. Aprendeu a contar em alemão quando subia as escadas de sua casa com a sua mãe para ir dormir. Aprendeu a contar em inglês com alguns trabalhadores que faziam uma reforma no prédio onde morava. Finalmente,

[30] O termo utilizado pelo autor é "language war".

aprendeu os números em irlandês com Áine, a babá vinda de Connemara, região da costa oeste irlandesa, a qual foi contratada para cuidar de Hugo e seus irmãos quando a mãe deu à luz a outra irmã, Maria.

Hugo demonstra que estar inserido em contextos linguísticos múltiplos era confuso para ele quando criança. Ele não entendia nem qual era o seu nome. Sua mãe o chamava de Hanni ou Johannes, Áine o chamava de Séan ou, às vezes, Jack. No entanto, o pai proibia este nome. Dizia que ninguém poderia o chamar de Jack ou John, nomes ingleses. Ele alega que seu pai havia mudado o seu nome de nascença para outro correspondente na língua irlandesa e que ele faria o mesmo quando crescesse.

Hugo também percebia que sua mãe não sabia falar a língua da babá. Sua mãe falava alemão e inglês, mas não sabia a língua irlandesa. A babá, por sua vez, sabia a língua irlandesa e a língua inglesa, mas não sabia alemão. Consequentemente, elas conversavam em inglês.

Um dia, Hugo foi à praia com seus irmãos e a babá. Eles brincavam de jogar pedras em poças de água, pegar caranguejos e de andar sobre muros. Quando voltaram para casa e foram buscar o pai na estação ferroviária, Hugo contou para o pai o que fez durante o dia em irlandês, mas usou a palavra “pedra” em inglês. Neste momento ele percebeu que o pai ficou bravo e exigiu com a mãe que Áine falasse com as crianças na língua irlandesa. No outro dia, a mãe de Hugo conversou com Áine. Pediu, em inglês, para que não falasse com as crianças em inglês, somente em irlandês. A babá retrucou inconformada, perguntando o que a língua irlandesa traria de bom para as crianças. O escritor deixa transparecer certa contrariedade ao narrar a cena, já que a mãe tinha que usar a língua proibida para exigir que ela não fosse falada pela babá.

Ser poliglota quando criança era confuso para Hugo, mas não representava exatamente um problema, até que ele começa a perceber que o valor atribuído às três línguas não era o mesmo. Após ter falado as primeiras palavras em inglês com seu pai, ele entendeu que inglês era a língua proibida. Ele explica:

> *Então nós temos que tomar cuidado em casa e pensar antes de falar. Não podemos falar as palavras da Garda[31] ou dos trabalhadores, é inglês. Nós falamos as palavras da Áine, palavras de Connemara, irlandês, ou as palavras da minha mãe, alemão (Hamilton, 2003, p.28).*

---

[31] Garda é o nome dado para a polícia irlandesa.

O personagem tenta estabelecer as fronteiras de cada língua. Ele sabe que só pode falar com a babá em irlandês e com a sua mãe só em alemão. Se inverter as línguas, elas não entenderão nada do que ele diz. Com seu pai, ele pode falar tanto em irlandês quanto em alemão, mas nunca em inglês. A língua inglesa era a língua das pessoas fora de sua casa e era a língua proibida.

A condição de viver em uma comunidade falante de língua inglesa fora de sua casa e ser proibido de usar a língua inglesa em sua casa criou sérios conflitos entre Hugo e seu pai. O primeiro episódio traumático da "batalha linguística" foi quando seu irmão mais velho, Franz, teve seu nariz quebrado depois de apanhar de seu pai por falar inglês. Em um sábado, Hugo e seu irmão estavam ajudando seu pai no jardim quando Franz brincava de fazer um muro de tijolos e começou a cantar: "walk on the wall, walk on the wall…" (p.30). O pai deles disse para Franz parar de cantar aquela música, mas como ele não obedeceu, recebeu um golpe na cabeça e caiu no chão com o rosto sobre os tijolos. O nariz de Franz ficou sangrando por muito tempo. Hugo diz que mesmo quando seu nariz parou de sangrar, Franz continuou chorando e sua mãe teve medo que ele nunca mais voltasse a falar. Quando confrontado pela mãe, Jack disse que ele sentia muito, mas que as regras tinham de ser obedecidas. Depois deste primeiro episódio, muitos outros atos de violência seriam praticados para assegurar que o projeto de reafirmação da língua irlandesa tivesse sucesso.

Mais velho, Hugo percebeu que as palavras em língua inglesa ficaram guardadas em sua mente e que ele precisava dar liberdade a elas. Um dia, ele estava brincando e repetindo uma frase que considerava engraçada: "don't forget the fruit gums, chum" (p.157-8). Esta frase fazia parte de um comercial de chicletes na Grã-Bretanha de uma empresa chamada RownTree's que passava na TV nos anos 50. Como ele não parava de cantar a canção do comercial, seu pai ouviu e decidiu puni-lo. Seu pai pegou um graveto na estufa e disse que eles teriam de fazer um sacrifício. Então, eles se ajoelharam, fizeram uma oração pedindo para que Deus lhes dissesse o número de açoites necessários para redimir esse erro. Hugo desejou que Deus dissesse nenhum e lhe desse uma segunda chance, mas seu pai disse que Deus queria quinze açoites. Então, seu pai pediu para que ele começasse a contar. Naquele momento, desejou nunca ter aprendido a contar em irlandês. Quando os quinze açoites terminaram, eles fizeram outra oração e agradeceram a Deus. Hugo diz que ficou com muita vergonha de carregar as marcas na pele por

não poder falar inglês e ser como todos os outros fora de sua casa. No entanto, seu pai disse que eles tinham que ser o mais irlandês possível e fazer o sacrifício pela Irlanda.

Dessa forma, fazer um sacrifício nesse episódio do comercial de TV significava, não só evitar falar a língua inglesa dentro de casa, como também tentar combater a cultura inglesa que estava crescendo e se espalhando em uma era de capitalismo globalizado. Portanto, este episódio, entre outros que seguirão, marca a mistura entre o primeiro objetivo de afirmação da língua e cultura irlandesas com o segundo que é a desanglicização da Irlanda. Consequentemente, além de reprimir seus filhos dentro da "guerra linguística", Jack Hamilton também estava muito preocupado com o contato que seus filhos tinham com a cultura e história anglofônicas.

Em outro episódio, Hugo e seu irmão Franz ajudavam o Sr. Cullen, um vizinho que trabalhou para a Cadbury[32], a lavar seu carro. Quando eles terminaram, o Sr. Cullen deu a eles algumas barras de chocolate da Cadbury, comprou alguns broches vermelhos com um detalhe preto no meio de uma mulher que passava vendendo-os na rua e abotoou-os nas roupas dos meninos. Esses eram broches comemorativos, chamados de *poppies*, para lembrar a morte dos soldados que lutaram pela Inglaterra nas Guerras Mundiais. Hugo e seu irmão não sabiam que os broches eram "errados". Quando eles voltaram pra casa, seu pai arrancou os *poppies* das roupas deles e os jogou no fogo. Seu pai pensou em discutir com o Sr. Cullen por ter colocado os *poppies* em seus filhos. Irmgard, no entanto, o convenceu a ficar em casa e a explicar para seus filhos porque os *poppies* eram errados. Então, Jack pegou um mapa e começou a contar a história do império Inglês, apontando para as colônias. Jack explicou que, como os alemães quiseram desafiar os ingleses e ter um império também, as Guerras Mundiais aconteceram e milhões de pessoas morreram. Quando criança, Hugo não entendeu o que aquilo significava e ficou assustado. Seu pai lhe disse que tudo o que ele precisava saber é que os broches não são permitidos na sua casa.

Em outra passagem, o personagem conta que ouvir rádio na sua casa era uma tarefa complicada. Sua mãe gostava de ouvir uma canção em inglês que dizia

---

[32] Famosa empresa britânica de laticínios muito comum na Irlanda

roses are red, my love, violets are blue[33], mas não podia. Então, quando o pai de Hamilton estava no trabalho, ela ouvia a canção. Quando Jack estava em casa, ele ouvia as notícias no rádio em língua irlandesa. Se surgia uma canção em inglês no meio da programação em língua irlandesa, Jack corria até o rádio abruptamente para desligá-lo. Hugo conta que os breves instantes em que a canção tocava eram suficientes para fazer com que ela ecoasse pela casa. Ele diz que ainda que sua mãe não tivesse permissão para ouvir a música que gostava, ela continuava sussurrando-a em sua mente com os ecos dos trechos que eram ouvidos. Por fim, Hugo explica que em sua casa era perigoso cantar uma canção ou dizer o que se está pensando: *"v*ocê tem que tomar cuidado ou meu pai vai levantar e te desligar, como um rádio*"* (p.80).

Outro aspecto importante em relação ao aprendizado da língua irlandesa diz respeito a como ela era vista pelos falantes e não falantes na Irlanda. Como já mencionado, o narrador conta que sua babá não via sentido na ideia fixa de Jack Hamilton em querer ensinar a língua irlandesa a seus filhos, pois a língua irlandesa não serviria para nada. Em outra passagem, ele explica que aqueles que deixaram o país aderiram à língua inglesa porque a língua irlandesa era ruim para os negócios. Nos episódios que seguem abaixo, ele demonstra o problema de falar irlandês nas situações de negócios.

Jack Hamilton importou da Alemanha alguns produtos para vender na Irlanda. Ao visitar algumas lojas para apresentar os produtos, a maior dificuldade que Jack encontrava era com o seu nome e a língua irlandesa. Jack não aceitava que seu nome traduzido para o irlandês, Ó hUrmoltaigh, fosse incompreendido. Todos perguntavam qual era a versão em inglês deste nome, mas Jack proibia que ele ou sua família dissesse. O narrador explica que se alguém o chamasse pela versão inglesa de seu nome, Hamilton, ele teria de fingir que não era com ele. O nome de sua família era a prova do quão irlandês eles eram. Ele alega que tinham de fazer o sacrifício, ainda que as pessoas rissem deles. Eles poderiam ser torturados e morrer como mártires crucificados, mas nunca desistir de seu nome. A língua irlandesa é "ruim para os negócios", mas segundo o seu pai, não se pode trair a si mesmo. Se Jack recebia um cheque endossado para o sobrenome de Hamilton, ele trocava o cheque e não o aceitava de volta até que estivesse escrito em língua irlandesa.

---

[33] O trecho citado é da canção *Roses are Red* que foi sucesso em 1962 na voz do cantor americano Bobby Vinton.

Irmgard também tentou fazer negócios e vender os produtos importados da Alemanha. Depois de visitar um hotel antigo do centro da cidade, tentar ser compreendida com seu nome irlandês e não conseguir, Irmgard voltou para casa sem conseguir vender nenhum produto. O narrador explica que depois de um dia cansativo de trabalho e grávida de sua irmã, Irmgard voltou para casa sem sequer saber qual era o seu nome.

Em outro episodio sobre o trabalho, Hugo conta que seu pai recebia correspondências importantes endereçadas a Jack Hamilton na companhia elétrica da Irlanda, ESB (Electricity Supply Board), e ele as reenviava de volta até que fossem endereçadas ao seu nome irlandês. Não importava o quão sério fosse o assunto ou se toda a Irlanda ficasse sem energia, Jack era irredutível quanto à mudança de seu nome. Uma vez, a eletricidade de uma cidade só voltou a funcionar quando acertaram o nome irlandês de Jack. Por causa dessas posturas, o chefe de Jack se recusou a dar uma promoção para Jack.

Hugo fez duas visitas ao oeste da Irlanda para aprender e praticar a língua irlandesa. Em uma dessas visitas, com a sua família, seu pai encontrou um homem no porto que havia inventado um dicionário que traduzia o vocabulário do inglês para o irlandês. Jack Hamilton disse que era um grande livro para que as pessoas pudessem aprender a língua. Eles foram convidados para visitá-lo à noite em sua casa. Todos bebiam, dançavam e discutiam sobre a importância da língua irlandesa e como ela estava mais viva do que nunca. No entanto, uma mulher discordou. Ela dizia que estava cansada de ser pobre, de ver as pessoas vindo de Dublin nas férias para ver vivê-las em cabanas de feno sem banheiro interno. Ela perguntava: “qual era a vantagem de falar a língua irlandesa sendo que não havia como colocar comida nos pratos?”. Então, o pai de Hugo fez um discurso dizendo que as pessoas de Dublin estavam lutando e fazendo sacrifícios para que a Irlanda pudesse viver de suas invenções e da sua própria imaginação. Para Jack Hamilton, não adiantava ter comida e banheiros dentro de casa se perdessem a língua deles: “o estômago estaria cheio, mas o coração vazio” (p.182).

Finalmente, a questão da língua irlandesa também representava um obstáculo na convivência social de Hugo e seus irmãos. Eles queriam fazer amigos, mas o pai restringia suas amizades àqueles que falassem a língua irlandesa. No capítulo 21 do primeiro livro, Hugo conta que as proibições seguiam em sua casa. Eles não podiam ouvir uma música famosa no rádio cujo trecho era algo como “we

had all the time in the world". O trecho possivelmente fazia parte da canção *We Have All the Time in the World* de Louis Armstrong que foi trilha sonora do filme de James Bond, *On her Majesty's Secret Service*, de 1969, com o famoso agente secreto do serviço britânico de espionagem. A irmã pequena de Hugo, Ita, começou a falar "bom dia" em inglês para as pessoas na rua. Jack se irritou com essa prática e corrigiu Ita, que depois disso entrou em greve de fome e não falava mais. Seu pai passou a forçá-la a comer e mesmo assim não obtinha muito sucesso. Jack não entendia porque seus açoites não estavam mais funcionando e porque as regras não estavam mais sendo obedecidas. Pensava em outros métodos punitivos que teria de adotar para que seus filhos obedecessem e entendessem que as regras eram para o bem deles. Jack encontrou Franz brincando perto de outros garotos na rua, os quais falavam inglês. Jack alegava que isso também era proibido, mas foi impedido de bater em Franz por Irmgard. Era muito difícil para os irmãos fazerem amigos já que eram discriminados por muitas crianças por serem descendentes de alemães e também porque não podiam brincar com alguém que falasse inglês. Então, Irmgard decidiu buscar por alguma criança para brincar com eles. O filho de um médico, Noel, foi apresentado aos seus filhos. Eles se tornaram grandes amigos e brincavam juntos, mas havia um problema: Noel não falava irlandês. Quando convidaram Noel para brincar em sua casa, Jack quis saber se o garoto sabia falar irlandês. Fez um teste com ele e o reprovou. Irmgard teve a ideia de dizer para Jack que Noel não sabia irlandês muito bem, mas que seu pai queria que ele aprendesse e que brincar com Franz e Hugo era a sua única chance. Irmgard enfatizou que através de Noel, o pai também poderia aprender a falar irlandês, bem como outras pessoas próximas e assim a língua se espalharia. Dessa forma, ela conseguiu convencer Jack e seus filhos ganharam, enfim, um amigo.

Hugo Hamilton resume o trauma da sua herança linguística e identitária em um trecho no capítulo 26 do primeiro livro de memórias:

> *Quando você é criança, você não sabe nada e quando cresce há coisas que você não quer saber. Eu não quero saber que meu pai queria que todos os judeus da Irlanda falassem a língua irlandesa e fizessem sapateado como todo mundo. (…) Que a língua irlandesa também poderia ser uma língua assassina, como o inglês ou o alemão. Que o meu pai acredita que você só pode matar ou morrer (Hamilton, 2003, p. 254).*

O terceiro e último objetivo do projeto de nação do pai de Hugo Hamilton era combater a emigração. Jack Hamilton acreditava que se culturas estrangeiras fossem misturadas à cultura irlandesa, os irlandeses deixariam de emigrar tanto. Ele costumava citar uma balada irlandesa que dizia em um trecho, “no more shall we roam from our native home” (Hamilton, 2003, p.33). Jack se referia à longa tradição irlandesa de emigração e diáspora. Ele pensava que ao invés de haver pessoas emigrando para a América ou para a Inglaterra, onde eles falariam inglês e sentiriam saudades de casa; ele teve a ideia de trazer pessoas de outros países para a Irlanda. Foi então que ele construiu uma família meio alemã e meio irlandesa. Jack queria criar condições suficientes para que seu povo não tivesse mais de deixar a sua terra.

O desejo de Jack Hamilton em conter a emigração reflete a sua própria história de vida. Jack teve muitos tios e primos que tiveram de emigrar. Jack dizia que era fácil para aqueles que deixaram a Irlanda, negá-la, olhar pra trás e enxergar um lugar cheio de pobreza e de fracassos. Eles poderiam ganhar muito dinheiro nos países para onde foram, mas eram solitários e queriam que todos os que eles deixaram para trás na Irlanda fossem se juntar a eles. Jack e seu irmão iriam emigrar também. Eles tinham planos de ir para a America trabalhar com seu tio até que conseguiram uma bolsa de estudos. Aqueles que não emigraram chegaram à conclusão de que deveriam falar inglês. Esta era a língua falada em outros países como Estados Unidos, Canadá, Austrália e África do Sul. “Porque alguém deveria arriscar sua vida lutando pela língua irlandesa?”, eles se perguntavam (p.35).

Agora, retomando o pensamento de Nietzsche a respeito da genealogia da moral e da culpa histórica, como o projeto de nação de Jack Hamilton pode ter caracterizado o sentimento de culpa em Hugo Hamilton?

Sabemos que a moral, segundo Nietzsche, é um conjunto de valores pré-estabelecido por um grupo social dominante e imposto aos outros. No caso de Jack Hamilton, o conjunto de valores afirmativos, ou seja os valores que representam o bom e o bem, são aqueles análogos ao nacionalismo irlandês. Esses valores não foram criados por Jack, mas fizeram parte de uma geração dentro de um período histórico na Irlanda e dentro desses valores podemos encontrar os objetivos do projeto de nação de Jack Hamilton: reviver a cultura e a língua irlandesa, lutar pela desanglicização da Irlanda e combater a emigração.

A questão linguística, ou a afirmação da língua irlandesa como o caráter de valoração positiva para a comunidade, bem como a noção de desanglicização da Irlanda, foram elementos chaves dos movimentos político e cultural do nacionalismo irlandês do início do século XX, defendido por W.B. Yeats assim como James Stephens, Patrick Pearse, Douglas Hyde, e outros importantes escritores e políticos.

O termo “desanglicização” (de-Anglicization) se tornou famoso depois de uma palestra dada por Douglas Hyde (1982) na *Irish National Literary Society* intitulada *The Necessity for De-Anglicising Ireland* (A Necessidade de Desanglicizar a Irlanda). Segundo Hyde, os irlandeses estavam deixando de ser irlandeses sem se tornar ingleses. Os irlandeses desse período estavam abandonando sua própria língua para falar a língua inglesa, traduzindo seus nomes para os nomes ingleses, lendo livros em inglês sem nem mesmo conhecer sua própria literatura em língua irlandesa e, ainda assim, estavam protestando contra a Inglaterra dizendo que a odiavam.

Hyde insiste que a solução para este problema identitário era que os irlandeses desanglicizassem a si mesmos de modo a relembrar sua verdadeira identidade do passado. O autor passa a exemplificar algumas dessas características que compõem a identidade irlandesa ancestral. Primeiramente, ele explica que os irlandeses nunca se contentariam em fazer parte do Império Britânico. Ele supõe uma situação: se os irlandeses prosperassem em sua participação no império, se a Irlanda ficasse cheia de fábricas, sua população fosse forte e saudável, se todos os nomes das pessoas e lugares fossem mudados para nomes ingleses, se a língua oficial nas escolas fosse a língua inglesa, se a história, os nomes dos rebeldes e mártires fossem esquecidos, assim como o fato de que a origem dos irlandeses é celta e não saxã; se os irlandeses tivessem de deixar tudo isso pra trás em nome da prosperidade financeira, quantos fariam a troca? Hyde supõe que nove entre dez irlandeses prefeririam manter sua cultura e história a trocá-la por dinheiro. E esta é a grande diferença entre o irlandês e o inglês, segundo o autor.

Para Hyde, o caráter ancestral da identidade irlandesa está em sua ascendência celta, uma civilização que ocupou grande parte da Europa, influenciou os gregos e destruiu os romanos, teve seu apogeu cultural em pleno século VII enquanto toda a Europa estava “em trevas”. O autor insiste que as marcas dessa civilização ancestral estão na língua irlandesa, nos nomes das pessoas e lugares,

nos O' e Macs[34], na religião cristã, na música, que tem a harpa como símbolo, na literatura gaélica e nos esportes tipicamente celtas, como o *hurling*. Finalmente, Hyde conclui, citando o exemplo negativo dos irlandeses que emigraram, que o povo irlandês deveria deixar de ter vergonha de ser quem é.

De forma semelhante, W. B. Yeats (1899), o grande poeta nacional do movimento de Renascença Literária Irlandesa do início do século XX, acreditava que a verdadeira identidade irlandesa residia no passado. Em seu ensaio intitulado o *Movimento Literário na Irlanda*, Yeats explica que o movimento literário nacional do início do século XX tem a função de resgatar o passado glorioso irlandês e preparar o espírito da nação para um futuro de glória política e cultural. A Irlanda imemorial evocada pelos poetas e artistas do período era aquela das lendas, deuses, heróis, santos que ensinaram por gerações que o amor ao seu país era a maior emoção possível de sentir. Evocar a cultura tipicamente irlandesa é lembrar-se de seu passado pobre e fraco representado nas histórias, na música e caracterizado pelo contexto rural. A figura do camponês do oeste da Irlanda passa a ser, para Yeats, a melhor representação daqueles que foram menos afetados pela cultura do colonizador. O poeta justifica que na realidade do camponês a língua irlandesa, os nomes das pessoas, lugares e as lendas ainda eram preservados e que o sonho do país ainda não havia sido deturpado pela realidade. Segundo o autor, são nos camponeses, ou nas pessoas comuns que ainda não se renderam aos avanços do que chamamos de civilização, que podemos encontrar a voz idealista necessária para o futuro da nação.

Se compararmos o pensamento de Hyde e de Yeats com o projeto de nação de Jack Hamilton conseguimos perceber muitos valores semelhantes. A necessidade de afirmar a língua irlandesa, bem como a sua literatura, cultura e música, presente no posicionamento de ambos os autores, é o que Jack prezava em primeiro lugar no seu projeto nacionalista. As brigas de Jack com Hugo e sua família por causa da sua proibição da língua inglesa em sua casa e a insistência com a questão do nome irlandês da família são exemplos que demonstram o quanto Jack

---

[34] Os prefixos que introduzem os sobrenomes irlandeses remontam a própria história da Irlanda desde os tempos ancestrais dos grandes reis celtas. Até o século XI, os nomes não eram obrigatórios e duravam até duas gerações somente. No entanto, depois dessa data se tornaram oficiais indicadores de linhagem. O prefixo “Mac” significa “filho de” como em MacCormak ou MacDermot. O prefixo “O’” significa “neto de” ou “descendente de” como em “O’Connor”. A partir do século XVII houve uma grande queda na utilização de sobrenomes irlandeses de origem gaélica, foi somente a partir do século XIX que houve uma recuperação desses nomes, com o relaxamente das Leis Penais (Santry, 2013).

está inserido neste conjunto de valores afirmativos nacionalistas do início do século XX. Jack também compartilhava a visão idealizada do camponês do oeste da Irlanda. Isto explica o porquê ele contratou uma babá vinda de Connemara, para ensinar a seus filhos a língua irlandesa, e a razão pela qual Hugo Hamilton foi enviado por seu pai para estudar nesta região por duas vezes. Além disso, no episódio em que Jack discursa sobre a importância da língua irlandesa, ele reitera o argumento de Douglas Hyde, ao dizer que é mais importante ter o coração cheio do que ter o estômago cheio e o coração vazio. Em outras palavras, Hyde, Yeats e Jack Hamilton afirmam que mais vale preservar a cultura e a história irlandesas do que ter a prosperidade econômica sob o domínio do império colonial inglês. Finalmente, a nação idealizada, aquela cujos poetas profetizaram que está por vir no futuro, é a que Jack Hamilton constantemente afirma para Hugo e seus irmãos. Jack tem a esperança de que uma nova nação irlandesa soberana e completamente independente virá.

Esses são os valores herdados por Jack da geração nacionalista anterior a ele do início do século XX os quais ele transmite a Hugo e seus irmãos. Novamente, retomando o pensamento de Nietzsche, este conjunto de valores nacionalistas constitui uma moral social preconcebida que caracteriza não só o valor de bem e bom, como impõem ao indivíduo uma dívida para com ele. A dívida histórica, ou a culpa, se dá, como já mencionado anteriormente, quando a geração atual reconhece que foi somente graças aos sacrifícios das gerações passadas que a atual existe. Surge, portanto, a partir da imposição desses valores morais que inicialmente pertenciam a um grupo e passam a valer para todos, uma dívida e uma visão homogeneizante que se serve de um aparato de força autoritária e violenta para manter toda a diferença sob o seu controle. Para Nietzsche, o problema desse tipo de moral é o fato de ser impositiva e excludente, ou seja, atender somente aos interesses daquele grupo dominante que a criou e julgar por infrator e culpado aquele que não se enquadra. Assim como para Nietzsche, esses serão também alguns dos problemas do personagem de Hugo Hamilton com o herança identitária recebida de seu pai. Portanto, Hugo terá de enfrentar a visão impositiva do nacionalismo de seu pai, a qual deseja excluir tudo o que não é feito em língua irlandesa e que não se refere ao passado histórico e cultural irlandês, a dívida com os seus ancestrais, os mártires e heróis irlandeses que Hyde e Yeats se referem, e

por fim, o próprio sentimento de inadequação da sua identidade por não se encaixar na visão homogeneizante e totalizante da moral nacionalista imposta por seu pai.

3.3 A resistência à culpa histórica

A culpa identitária do personagem de Hugo Hamilton por parte da sua ascendência alemã pode ser explicada pela história da família de sua mãe. Como já dito na introdução deste trabalho, Irmgard Hamilton veio para a Irlanda como peregrina após o término da Segunda Guerra Mundial. Ela queria escapar da Alemanha e deixar para trás as memórias dolorosas que a Guerra trouxe a ela e a sua família. Ela se lembrava de seu pai, Franz Kaiser, como um homem alegre, brincalhão e que resistia às dificuldades de seu tempo com muito humor e criatividade.

Como exemplo do uso do humor como forma de resistência, Franz Kaiser um dia pregou uma peça em um oficial do exército belga. Como a região do vale do Reno foi confiscada dos alemães pelo Tratado de Versalhes, Franz decidiu preparar um novo tratado. Franz era dono de uma papelaria em Kempen. Ele e seu primo Fritz espalharam várias folhas de papel sobre uma mesa e colocaram um pote com tinta no local. Convidaram o oficial do exército belga para entrar na papelaria e assinar um novo tratado. O oficial ficou bravo, mas para acalmá-lo, lhe ofereceram o melhor vinho e charuto da casa. Irmgard conta que todos gostavam das piadas de Franz Kaiser e que se todos tivessem mais senso de humor a Segunda Guerra não teria acontecido. No entanto, ela afirma que quando o Nazismo chegou ao poder, não houve mais espaço para humor na Alemanha. Apesar disso, o senso de humor e a tentativa de resistir à força bélica com outras alternativas se tornaram uma das marcas identitárias da família de Hugo Hamilton.

Após a morte de seu pai, Irmgard, suas quarto irmãs e sua mãe enfrentaram um período de grande pobreza. Elas pensaram em emigrar para o Brasil. Em Kempen, as pessoas tinham medo de sair de casa. Primeiro, eram os comunistas batendo nos nazistas. Depois, os nazistas batendo em todos aqueles que não fossem nazistas. A Alemanha passava a pertencer, segundo Irmgard, às pessoas de "punho firme" [35] (p.66). O plano era, então, que as irmãs se casassem com rapazes

[35] A expressão utilizada por Hugo Hamilton é "fist people". Decidi traduzir como punho firme, para diferenciar da expressão em português "pulso firme", que tem uma conotação positiva e de liderança; enquanto a expressão de Hamilton tem conotação negativa.

alemães que haviam ido para o Brasil trabalhar na agricultura. Para tal, se preparavam aprendendo como evitar mosquitos, como lidar com o calor, a tocar Schubert no piano e a cantar canções alemãs para não se esquecerem de casa. No entanto, alguns meses depois, a mãe de Irmgard adoeceu e morreu. As meninas foram morar com tio Gerd, o qual não queria que elas fossem para o Brasil até que completassem dezoito anos. Assim, permaneceram morando com a família dele.

Gerd Kaiser era prefeito da cidade de Kempen antes da tomada de poder por parte do Partido Nazista. Um dia, os membros do Partido foram à casa de Gerd. Eles disseram que apreciavam seu trabalho e que não queriam que ele fosse mandado para um campo de concentração como um jornalista local que se recusou a parar de escrever contra o nazismo. Eles queriam que ele continuasse sendo o prefeito da cidade e pudesse cuidar de suas cinco novas filhas.

Na eleição seguinte, Gerd recebeu uma cédula especial com uma marca d'água que permitia a identificação do seu voto. Ele protestou dizendo que o voto era secreto e questionou o porquê de sua cédula ser marcada. Para evitar maiores constrangimentos, os oficiais nazistas lhe deram uma cédula comum. Gerd venceu o enfrentamento contra os oficiais, mas sabia que sua carreira de prefeito estava comprometida. Com o resultado das eleições, todos os prefeitos que não votaram no Partido Nazista foram depostos. Como não puderam identificar o voto de Gerd, passaram a dar ordens diretas em seu trabalho, até que um dia se tornou ilegal em toda a Alemanha não pertencer ao Partido Nazista. Gerd foi deposto de seu cargo e proibido de falar algo ou se posicionar contrariamente ao nazismo. Ele perdeu a "sua voz e o seu nome" (p.81).

Gerd dizia que depois que o Partido Nazista tomou conta do poder, não havia mais lugar para as "pessoas das palavras" [36] na Alemanha, só para as "pessoas do punho firme", as quais estavam tomando todos os livros, músicas e teatros (p. 66). Aqueles que não fossem como elas tinham de aprender o silêncio. Irmgard dizia que ninguém pode impedir uma pessoa de falar. Até mortas, as pessoas falavam das suas covas. Seu tio Gerd estava enterrado, mas lá da sua cova dizia que Hitler estava morto.

As proibições do Partido continuaram. Um dia, todos foram proibidos de falar com os judeus. Gerd disse a sua família que se recusaria a cumprir esta ordem. Não

---

[36] A expressão "word people", as pessoas das palavra, são usadas por Hamilton em contraposição às pessoas de "punho firme".

importava qual lei fosse aprovada pelos nazistas, eles continuariam cumprimentando as pessoas de sempre nas ruas. No entanto, sua atitude pouco importava porque era como se fossem pessoas sem rostos cumprimentando outras. Eram como se fossem todos “mortos, falando uns com os outros desde suas covas” (p.81).

Então, o Partido Nazista criou outra lei obrigando todas as moças a participarem da Liga das Garotas Germânicas[37]. Gerd reuniu suas cinco sobrinhas e explicou o que fariam. Elas usariam a “negativa silenciosa”. Esta técnica consistia em negar, silenciosamente em suas mentes, aquilo que exteriormente não poderia ser evitado no mundo exterior. No domingo no horário da missa, todas as garotas estavam reunidas, sem escapatória, na praça central para a grande assembleia da Liga. Elas tinham de fazer seu juramento de obediência ao Führer**.** Nesta hora, as irmãs usaram a “negativa silenciosa”: “Eu faço o juramento de que eu – NÃO – servirei o Führer enquanto eu viver” (p. 84).

A técnica ensinada pelo tio Gerd para suas sobrinhas e adotada por Irmgard na Assembleia da Liga das Garotas Germânicas, a “negativa silenciosa”, passaria a ser usada na família como uma técnica de resistência contra todo o mal e autoritarismo que não pudesse ser evitado.

Com as mudanças após a tomada do poder por parte do Partido Nazista, a família de Irmgard não tinha mais emprego e nem dinheiro. Antes da Guerra, Irmgard trabalhou em um cartório de registros no qual sua função era emitir certidões de ascendência judaica, como já explicado anteriormente. Em seu segundo emprego, Irmgard viveu, provavelmente, sua lembrança mais dolorosa: o estupro. Ela foi abusada sexualmente por seu chefe Herr Stiegler, o qual era comandante da agência central de empregos e tinha conexões com a Waffen SS. Ele lhe ofereceu uma promoção para começar um novo escritório de recrutamento em Venlo, aproveitou a mudança para mantê-la cativa e abusar sexualmente dela.

Durante a Guerra, já pela Liga das Garotas Germânicas, ela serviu ao exército nazista. Por fim, depois da Guerra, trabalhou como escrivã nas Cortes de Desnazificação. Neste ultimo trabalho, foi assediada por um dos oficiais da corte para participar de um esquema de corrupção para punir pessoas sem provas.

Portanto, a culpa identitária do personagem de Hugo Hamilton por parte de sua ascendência alemã foi marcada por um histórico de violência, autoritarismo,

---

[37] Grupo ao qual Irmgard Hamilton pertenceu como já explicado em nota de rodapé na Introdução dessa dissertação.

mortes, perdas de direitos civis e morais, julgamentos e emigração. Além disso, havia em sua família uma característica peculiar de resistência ao nazismo através do humor e do silêncio. Essa característica também seria parte de sua herança identitária alemã. Entre todas as características herdadas de seu histórico identitário alemão, no entanto, a que provavelmente mais afetou a vida do personagem foram os julgamentos. Ele sabia que a dívida histórica alemã por conta do Nazismo seria cobrada dele também: “eu sei que serei julgado pelo que os alemães fizeram” (Hamilton, 2006, p. 160).

No início do capítulo 15 do seu segundo livro de memórias, ao narrar a experiência da sua mãe no trabalho com as Cortes de Desnazificação, Hugo mostra como os alemães tinham de provar sua inocência depois da guerra e como as cortes foram montadas para garantir que os nazistas não voltassem ao poder. Se até o término da 2ª Guerra aqueles que não eram nazistas eram perseguidos, depois dela, o inverso aconteceu.

Na ficha que todos tinham de preencher (fragebogen*)* Irmgard estava limpa, exceto pela sua participação forçada na Liga das Garotas Germânicas. Como seu envolvimento direto com o Nazismo era pequeno, ela foi alocada para trabalhar nas Cortes. Irmgard dizia que somente pessoas com conexões óbvias com o nazismo eram condenadas. Em alguns casos, no entanto, a grande dificuldade residia em distinguir entre ser alemão e ser nazista, entre nacionalidade e nazismo.

Davidson (1966), ao relatar o processo de julgamento dos 22 principais coronéis nazistas da SS nas Cortes de Nuremberg, mostra como ficou marcada a reversão do poder. Os coronéis ficaram presos no Palácio da Justiça, mesmo local que marcou a glória do Führer durante o auge do regime. Os julgamentos tinham como objetivo fazer justiça e deixar claro o colapso moral e político do nazismo. A problemática questão de distinguir entre ser alemão e ser nazista também era colocada em Nuremberg. Todos os países aliados participaram do julgamento em igualdade, mas com posicionamentos diferentes. Os americanos queriam fazer uma distinção clara entre o povo e os generais. Os franceses tinham um posicionamento diferente e queriam que os crimes julgados fossem atribuídos ao povo alemão de forma mais generalizada. De qualquer forma, Davidson explica que a cobertura dos julgamentos acabou depositando a culpa sobre a população. Um dos advogados de defesa declarou, após ouvir um testemunho de um dos acusados pela morte de 65 mil judeus no gueto de Varsóvia, “mil anos passarão e a culpa alemã não será

apagada” (p.7). O autor também relata que na carta de suicídio de um dos 22 generais, Robert Ley, o único que não participou dos julgamentos, havia uma declaração semelhante.

Essa falta de distinção entre ser alemão e ser nazista foi o que marcou a experiência mais direta do personagem de Hugo Hamilton com a culpa histórica alemã. Assim como os outros alemães que tiveram de provar sua inocência nas Cortes de Desnazificação e Nuremberg, bem como o caso de Adolf Eichmann que esteve em julgamento em 1961 e 62, o protagonista também teve de passar por um julgamento, cumprindo, ainda que de forma informal, etapas semelhantes a um processo legal.

Quando criança, o personagem foi perseguido, acusado, julgado e condenado. Ele teve a sua identidade associada a do tenente coronel Adolf Eichmann, responsável pela logística dos campos de concentração. O primeiro episódio em que Hugo se refere a si mesmo como Eichmann foi depois de fazer compras em um mercado e encontrar alguns garotos que usaram o cumprimento oficial nazista, *Heil Hitler* e chamaram ele e seu irmão Franz de *kraut*, uma expressão ofensiva para chamar alguém de nazista durante a guerra. Hugo contou para sua mãe que seu irmão era chamado de Hitler e que ele era Eichmann. Este momento marca o início de um processo de acusação.

Em outro episódio, Hugo, seu irmão Franz e sua irmã Maria foram encurralados por um grupo de meninos que eles nunca tinham visto antes. Eles foram pegos e colocados contra a parede. Hugo e seus irmãos seguiram os conselhos de sua mãe. Ela dizia que eles tinham de usar a “negativa silenciosa”. Então, eles não reagiram e tentaram ignorar o ataque. Os garotos os maltrataram, gritaram palavras em alemão e tentaram bater neles. Hugo sentiu vontade de rir. Ele queria se juntar aos garotos, ser tão irlandês quanto eles e tirar sarro de tudo, mas eles queriam ser inimigos. Então, eles decidiram fazer o julgamento de Hugo e seus irmãos. Eles gritavam: “culpados ou inocentes?” (p.142). Sua irmã Maria disse que eles precisavam ir pra casa, mas os garotos a empurraram e disseram que iriam executá-los. Por alguns segundos, Hugo e seus irmãos permaneceram de olhos fechados e sentiram que algo era atirado neles. Ao abrirem os olhos, viram que era somente neve e os garotos haviam ido embora.

No episódio seguinte, Franz e Hugo tentaram escapar de um grupo de meninos que os estava atacando. Franz chegou em casa depois de Hugo com

sangue no rosto e na camisa. Sua mãe os cumprimentou por não terem reagido da mesma forma, porque se o tivessem feito, também seriam como as pessoas de “punho firme”. Sua mãe dizia que, em sua família, eles eram as “pessoas das palavras” e que um dia venceriam o outro grupo. Mas Hugo sabia que eles não parariam de atacar. Ele confessou a sua mãe que estava cansado de ser perseguido e ameaçado. Ele queria ser como os outros garotos, uma das pessoas de “punho firme”, de modo que pudesse reagir, lutar contra eles e defender a si mesmo. Ele não queria andar na rua e sentir medo. Depois de tanto ser chamado pelo nome de Eichmann, Hugo começou a considerar ser como ele. Ao tentar se tornar mais cruel, um dia Hugo jogou uma cadeira em sua mãe. Ela o confrontou: “Porque você quer ser como as pessoas de ‘punho firme’?”. Ele respondeu: “porque é chato ser bom. Eu sou Eichmann. Vou matar as pessoas e rir depois" (p. 226).

Neste ponto da história, Hugo decide se tornar Adolf Eichmann e assumir a identidade e a culpa implicada a ele. Apesar da decisão de assumir a identidade de Eichmann, o personagem estava sempre perguntando a si mesmo se ele era de fato semelhante ao tenente coronel. Por muitas vezes, Hugo disse para sua mãe que não queria ser nazista, nem tampouco alemão. O jovem Hugo se sentia perturbado com o peso da história alemã e continuamente buscava dentro de si saber se ele tinha ou não o gene nazista.

Nos capítulos finais do *The Speckled People*, Hugo demonstrava estar cansado de toda a pressão sobre ele. Ele continuava sendo perseguido pelos garotos que queriam executá-lo, sua mãe colecionava fotos de jornal sobre os conflitos na Rússia e seu pai assistia na televisão os ataques do Domingo Sangrento em Derry, na Irlanda do Norte. Hugo observava um mundo repleto de conflitos ao seu redor. Um dia, ele foi à praia e encontrou o cachorro que conhecia desde criança. Ao vê-lo, Hugo empurrou-o e ordenou que morresse afogado. Ele estava sozinho na praia e começou jogar pedras nele porque queria ser como Eichmann. O cachorro correu para o mar. Ele pensou:

> *Eu fui a pessoa mais cruel do mundo. Eu sorria enquanto o assistia tentando se salvar. Eu ria como os nazistas dos filmes e não o deixava subir a escada de volta. Eu sabia que estava punindo o inocente ao invés do culpado (Hamilton, 2003, p. 281).*

Depois de descontar toda sua raiva no cachorro, Hugo percebeu que ele estava nadando para muito longe e que provavelmente não conseguiria voltar. Ele

se arrependeu do que fez e começou a chamar o cachorro de volta. Ele tentou ajudá-lo a voltar, chamou-o, mas o cachorro não confiava mais nele. Então, Hugo concluiu que ele havia se tornado uma das pessoas de “punho firme” e não podia confiar nele novamente.

Hugo sabia que os garotos continuavam atrás dele. Pouco tempo depois, ele foi à praia novamente. Desta vez, viu que um grande grupo de meninos estava atrás dele e que não havia ninguém por perto. Eles começaram a jogar pedras nele enquanto estava nadando. Quando saiu da água, começaram a lhe fazer perguntas, dar socos e pontapés. Mesmo sendo atacado, Hugo não sabia ser cruel com os garotos. Ele queria dizer para eles que havia sido criado para ser contra os nazistas, que ele não era Eichmann e que não matou ninguém nas guerras. Ele tentou ser engraçado, dizer frases em alemão e imitar os alemães dos filmes, mas os garotos não queriam ser seu amigo. Então, se lembrou do conselho de sua mãe sobre só poder ser inocente se aceitasse sua culpa.

Os garotos queriam executá-lo. Hugo estava sendo chutado e socado, quando avistou o cachorro, vindo até ele, latindo. Ele não conseguia acreditar no que seus olhos estavam vendo. O cachorro que ele quase tinha matado estava vivo e veio ajudá-lo. Hugo estava tão surpreso e feliz que não se importava mais com a própria execução. Ele começou a brincar com o cachorro. Os garotos acharam que ele estava louco e o deixaram sozinho. Hugo afirma que eles não sabiam mais como executá-lo.

A fim de analisar a trajetória do personagem de Hugo Hamilton em assumir a identidade de Adolf Eichmann e seu julgamento no final, como parte do processo de assumir a culpa identitária alemã, nos fundamentaremos em algumas perspectivas teóricas. A filósofa alemã Hannah Arendt (1963), em seu livro *Eichmann em Jerusalém*, narra o julgamento de Adolf Eichmann, o maior julgamento depois das cortes de Nuremberg, que terminou com a sua condenação e execução. Arendt parte da premissa de que o esperado de um julgamento é fazer justiça pelos crimes cometidos. Portanto, seu objetivo era analisar o processo do julgamento de Eichmann de modo a entender se a justiça estava sendo atingida, se Eichmann era capaz de reconhecer seus maus feitos e se arrepender deles. Arendt conclui, ao longo do processo de julgamento, que o sistema legal não foi capaz de fazer justiça. Primeiramente, porque é montado como um espetáculo, como uma peça de teatro,

em que os personagens e os movimentos já estão previamente definidos. Em segundo lugar, porque o processo de interrogação e definição da punição não deu espaço para gerar reflexão.

Arendt explica que Eichmann, ao contrário do que era esperado dele, não se parecia com um monstro. Ele respondia a todas as perguntas e confiava em sua memória parcial para cooperar com tudo o que era esperado dele. Em todos os momentos, Eichmann dizia que tudo o que ele fez era legal na Alemanha nazista e que estava obedecendo às ordens de Hitler, as quais se não obedecidas eram passíveis de pena de morte. Eichmann se declarava inocente perante as leis alemãs. Por consequência, ele também não se opôs a sua condenação e execução porque entendia que o que fez de acordo com as leis judaicas era errado. Apesar de aceitar a aplicação da pena sobre seu crime, em nenhum momento, Eichmann confessou ou demonstrou qualquer arrependimento. Ele era um homem perfeitamente “normal”, um cumpridor da lei e, para Arendt, esse era exatamente o problema.

Em seu livro, as *Origens do Totalitarismo*, Arendt (1973) sugere que o regime totalitário é baseado na eliminação da diferença e da diversidade. Para fazê-lo, é estruturado com um complexo sistema de leis, burocracia e aparato de força para transformar homens em massas. Logo, indivíduos perdem a sua singularidade e deixam de ter poder para tomar decisões. Eles se tornam partes completamente substituíveis e descartáveis dentro do mecanismo social.

Arendt faz algumas propostas para evitar que o totalitarismo suprima as identidades individuais. Primeiro, a filósofa sugere que o homem nunca pare de questionar. O constante desejo de compreender sem ter por objetivo chegar à solução final é um antídoto para o que ela chama de “banalidade do mal”. Arendt explica que a prática do mal se torna banal quando os pensamentos são superficiais e quando há total aceitação e submissão às leis e regras.

De forma semelhante, embora muito antes do surgimento do regime totalitário, outro filósofo alemão, Friedrich Nietzsche (1887), em seu livro *A Genealogia da Moral*, reconheceu que a estrutura jurídica alemã suprimia a subjetividade individual com um conjunto de leis muito rígidas. De acordo com Nietzsche, as leis são os valores morais que uma vez pertenceram a grupos dominantes específicos e que foram impostos e generalizados a todos os outros grupos sociais. As leis são criadas para supostamente trazer uma vida segura e

harmônica. Aqueles que não cumprem as leis de uma comunidade rompem com o contrato social e se tornam infratores. Dessa forma, passam a ser punidos pelo crime de não atender às leis externas que lhes foram impostas. A punição tem duas consequências negativas. Primeiramente, ela gera a culpa que, segundo Nietzsche, faz o homem se voltar contra si mesmo e desenvolver aquilo que ele chama de “má consciência”. Este conceito se refere à moral externa que é internalizada e se torna punitiva dentro da mente do homem, sem gerar uma verdadeira consciência moral. A culpa consegue controlar os desejos do homem, mas não o torna melhor. Em segundo lugar, a punição nunca gera um senso de responsabilidade moral, pois pune o infrator com os mesmos meios violentos que ele usou quando cometeu sua infração. Em outras palavras, a punição é um sistema que paga o mal com o mal. Este fato impede que o acusado entenda seu próprio crime, já que a justiça está sendo feita da mesma maneira.

Os pensamentos de Arendt e Nietzsche convergem no aspecto de que viver sob um sistema legal sem refletir sobre ele e sem dar espaço para a subjetividade individual é perigoso. Ambas as filosofias concordam que quando a punição prioriza as estruturas e as leis acima da consciência do homem, ela se torna sem sentido e gera somente um individuo sem uma consciência verdadeira e que pratica o mal de forma banal.

Se considerarmos as perspectivas dos dois filósofos alemães para compreender a trajetória identitária do personagem Hugo Hamilton em assumir a identidade de Adolf Eichmann, é possível dizer que seria improvável que a identidade do personagem de Hamilton fosse caracterizada como a identidade nazista que era atribuída a ele. Em primeiro lugar, Hugo sofria do que Nietzsche chama de imposição de leis externas. Hugo não via a si mesmo como Eichmann ou como uma figura totalitária. Ele passou a olhar para si mesmo, se enxergar a partir do olhar do outro e, por isso, veio a passar pelo processo da “má consciência”, como Nietzsche explica. Ele começou a olhar para si mesmo com olhar de culpa. Ainda que ele não tenha participado das guerras e nem tenha matado ninguém, ele aceitou que deveria ser como Eichmann.

No entanto, Hugo tomou algumas medidas que o permitiram escapar desse processo de condenação moral. Primeiramente, ele nunca parou de questionar a si mesmo e refletir sobre a questão de se ele era ou não como Eichmann. Ele não se conformou simplesmente com o julgamento dos outros, mas continuou questionando

suas razões internas. Em segundo lugar, Hugo permitiu a si mesmo tentar a possibilidade de ser alguém como Eichmann. Isto pode ser considerado uma medida muito perigosa, mas segundo a perspectiva nietzschiana, é a única maneira de encontrar as nossas verdadeiras motivações internas e descobrir a nossa responsabilidade moral. É quando Hugo decide se tornar alguém como Eichmann, se tornar uma das pessoas de "punho firme" e libertar toda a raiva que estava dentro de si que ele foi capaz de confrontar aquilo que disseram que ele era. É porque Hugo se permitiu o confronto entre a moral externa com os seus verdadeiros sentimentos que ele se descobriu. Ou ainda, seguindo a perspectiva de Judith Butler (2005) em relação ao trabalho de Nietzsche, é porque Hugo se viu confrontado pela pergunta "foi você quem fez isso?", ou seja, foi você quem matou milhões de pessoas na guerra?, ou você é Eichmann?, você é nazista?; que teve de pensar e narrar sua própria história para compreender se a acusação que lhe estava sendo atribuída era verdadeira e, a partir de então, ser capaz de definir a si mesmo.

Ademais**,** a cena do julgamento do protagonista foi diferente da de Eichmann e do que Nietzsche sugere como um mau julgamento. Quando Hamilton viu que o cachorro estava vivo, foi como se ele não recebesse a punição igual ao seu crime, com violência novamente, mas como se ele fosse punido com um diferente tipo de punição que revertesse a experiência da culpa. Hugo recebeu o perdão da sua culpa e por isso se sentiu livre.

Se os processos sociais e legais, que permitiram indivíduos nazistas como Eichmann existir, estavam relacionados com a estrutura legal e social que não provocam uma reflexão e uma consciência questionadora, a trajetória identitária de Hugo Hamilton oferece um bom exemplo de como é ir para outra direção. O processo interminável de questionamento e reflexão de Hugo, além de sua permissão pessoal em descobrir a si mesmo, o levou à conclusão de que, em suas próprias palavras, "você só pode se tornar inocente se assumir a sua própria culpa" (2003, p.80). A partir das perspectivas dos filósofos estudados para esta análise, o indivíduo só consegue descobrir a si mesmo se permitir passar pelo processo de experimentação do próprio crime que, de acordo com Hannah Arendt, é exatamente o que Eichmann não fez. Ao contrário do que foi atribuído ao personagem de Hugo Hamilton, sua trajetória identitária difere da de Eichmann e ainda aponta uma possibilidade de como evitar que tais tipos de identidades venham a existir.

Finalmente, Hamilton encerra o capítulo do episódio do julgamento e o seu primeiro livro de memórias com a seguinte afirmação:

> *Eu não tenho mais medo de ser alemão ou irlandês, ou algo entre os dois. Talvez seu país seja somente um lugar que você inventa em sua mente. Algo que você sonha e canta. Talvez não seja nem um lugar no mapa, mas só uma história cheia de pessoas que você conhece e lugares que visita, cheio de livros e filmes que assistiu. Eu não tenho medo de sentir saudades de casa e não ter uma língua onde morar. Eu não preciso ser como os outros. Estou andando sobre o muro e ninguém pode me parar (p.295).*

Podemos entender essa afirmação como uma conclusão de seu primeiro livro de memórias em que ele apresenta o processo de conhecimento de sua herança identitária. Ao término desse livro, o personagem de Hamilton diz não ter mais medo de ser alemão ou irlandês, ou algo entre os dois. Se na primeira parte deste capítulo mostramos como o personagem conhece as diferenças incompatíveis de sua identidade e a dificuldade de operar os processos de identificação e exclusão entre elas e, na segunda e terceira parte, nos referimos à culpa histórica relacionada a cada uma delas, depois de ser absolvido de seu julgamento pelo cachorro, o personagem parece não se importar mais em ter a obrigação de assumir uma identidade nacional em detrimento da outra. Ele entende que a relação de pertencimento a um país é feita de imaginação, sonho, músicas e histórias. Em outras palavras, é possível dizer que ele compreende que a relação de pertencimento a um país é construída através de narrativas que criamos no contato com pessoas e lugares, livros e filmes.

Nos parece que assim Hamilton percebe ter um papel ativo, uma certa agência, em relação à criatividade dessa cadeia narrativa. Ele afirma saber que ele não precisa mais ser como ninguém. Em parte talvez, porque entenda que a história que cada um cria de seu país, por mais que seja baseada no grupo social e compartilhada coletivamente, é uma história individual, e por isso não há como ser igual para ninguém.

Hamilton encerra o capítulo e praticamente o livro, dizendo: “eu estou andando sobre o muro e ninguém pode me parar” (p.295). Neste trecho, ele provavelmente faz referência à canção que seu irmão Frank estava cantando um dia, brincando, antes de apanhar do pai por ser uma canção em inglês, conforme discutido no subtítulo *Língua, Cultura e Violência* deste capítulo.

Andar sobre o muro que separa as suas identidades hereditárias sem precisar escolher entre elas parece ser a solução encontrada pelo personagem. É interessante pensar que ele não quis acabar com o muro, o que poderia indicar a tentativa de apagamento das diferenças ou fronteiras que caracterizam cada uma de suas identidades. Ele não quis que suas identidades se misturassem. Além disso, na década de 60 e 70 com o muro de Berlim e de Belfast na Irlanda do Norte, os muros representavam um tipo de separação violenta entre comunidades. Por não sinalizar a destruição do muro, é como se o personagem de Hamilton compreendesse a complexidade que mantém necessária a existência dele.

Por fim, aquele que anda em cima de um muro corre o risco de cair e ficar preso no espaço em um dos lados. É evidente que há a possibilidade de se tentar subir novamente no muro e caminhar, mas ninguém passa muito tempo em cima de um muro. Portanto, em algum momento, cairá para um dos lados novamente. Essa maleabilidade de poder andar sobre o muro, ver os dois lados lá de cima, o limite entre eles e, às vezes, cair no solo e ficar em um dos lados parece ser o que o personagem de Hamilton procura para sua relação identitária.

4. Transformações da identidade pela arte e o espaço

4.1 A arte como refúgio

Dentre as tentativas do personagem de Hugo Hamilton de escapar e transformar suas identidade e história hereditárias está a busca por refúgio na arte. Essa busca é marcada por algumas afirmações e reflexões feitas pelo personagem ao longo de seus dois livros de memórias. Iremos retomar algumas dessas passagens, mas analisaremos, especialmente, três episódios principais.

O teatro

O primeiro episódio se encontra no capítulo 22 do seu primeiro livro de memórias: uma encenação teatral feita com fantoches para uma festa com familiares e vizinhos.

O capítulo inicia com a cena de um ensaio para a apresentação. Hugo descreve a sensação de estar escondido atrás das cortinas se preparando para a encenação:

> *Você fica em pé atrás do teatro, com o fantoche na mão, completamente escondido. Ninguém sabe que você está lá. Então você puxa a corda para abrir as cortinas e faz o fantoche caminhar para frente do público. Você pode dizer qualquer coisa que queira. Você pode mudar a sua voz e inventar uma história. Você pode se esconder atrás da história e é um pouco como estar embaixo d'água porque tudo o que você diz sobe como bolhas para a superfície (p.196).*

O primeiro diálogo da peça se refere ao cachorro, aquele mesmo do episódio de Eichmann. Na peça, o personagem Kasper pergunta pelo cachorro, "aquele que não tem nome, não é de ninguém e late para as ondas até ficar rouco" (p. 196).

De acordo com Hugo, sua mãe dizia que todos tem uma história pra esconder. Ela saia pra fazer compras com ele e as pessoas lhe perguntavam sobre o muro (de Berlim). Ela sentia saudades de casa, lembrava-se da sua história com a guerra. Então, o personagem supõe algumas das histórias que sua mãe queria esconder. Ela explicava para as crianças sobre o muro de Berlim. Ela dizia que os russos construíram um muro no meio da Alemanha e não havia nada que ninguém pudesse fazer. Em alguns casos, Irmgard contava que uma mesma casa ficou dividida em duas e a família separada pelo muro que passava no meio. Além das lembranças sobre o contexto histórico alemão, o narrador sugere que sua mãe

lembrava-se do abuso sexual que viveu por parte de um oficial nazista. Para ele, sua mãe era uma sonhadora que tentava encontrar uma saída, alguma forma de escapar do passado, nem que fosse no agora e através da imaginação.

O dia da festa e da apresentação de teatro de fantoches chegou. A mãe estava com todas as crianças atrás das cortinas. A peça começava em inglês com a seguinte pergunta: “você viu o cachorro?” (p.206). Em seguida, continuava em alemão e ninguém mais entendia o que estava acontecendo a não ser o pai de Hugo e o tio Ted. O narrador diz que os expectadores estavam no país errado e que ninguém poderia resgatá-los.

Na peça, havia um homem chamado Arnulf o qual não deixava os outros personagens falar. Kasper tentava conversar com todos: avó, rainha, rei, Hansel, Gretel, entre outros; mas ninguém tinha permissão para conversar com Kasper. Todos tinham medo de ser punidos por Arnulf ao responder a pergunta de Kasper sobre onde estava o cachorro. Então, Kasper tenta encontrar uma forma de matar Arnulf. Quando Arnulf está morto, Kasper vai à praia e encontra o cachorro latindo para as ondas.

Analisemos agora a relação do personagem de Hugo Hamilton com o teatro de fantoches. No primeiro trecho citado em que descreve a sensação de participar desse tipo de teatro percebemos que a característica mais marcante é a de se esconder. O teatro de fantoches permite ao personagem não revelar a sua face enquanto ator no palco.

Nos termos da psicologia junguiana, o personagem de Hamilton está suspendendo, momentaneamente, a "persona", ou seja, a máscara psicossocial que media o contato do ego com o outro. Segundo Jung, a "persona" sustenta uma face da psique humana que serve para ajustar-se às expectativas e demandas sociais (Stein, 2012, p.102-3).

Para Hugo, a suspensão momentânea da "persona" lhe traz alguns efeitos. O primeiro deles é a sensação de anonimato. Se por um momento ele não precisa autodefinir sua identidade para atender o contato com o outro, o personagem pode, em suas palavras, "dizer qualquer coisa, mudar a sua voz, inventar uma história” (p.196). Portanto, a suspensão da "persona" traz ao personagem a sensação de liberação que o possibilita vivenciar uma certa liberdade de expressão, de mudança identitária e de reformulação da própria história.

Percebemos mais adiante que esse desejo de liberação da face social da identidade não pertence só a Hugo, mas também a sua mãe. Dessa forma, a encenação com fantoches parece servir para que Hugo, sua mãe e seus irmãos tenham a possibilidade de vivenciar um momento de reformulação de suas histórias de vida através do relativo anonimato e da ficção. Essa percepção parece ser confirmada pelo fato de que o público que estava assistindo à peça não a compreendia, já que a língua alemã só era compreendida pela sua família. Portanto, nos perguntamos: O que é que Hugo e seus familiares tentam reformular em sua história com esta encenação? Como isso se dá?

Jung nos diz que a "persona" projeta na psique humana uma estrutura complementar chamada "sombra". A "sombra" é uma estrutura que reside no inconsciente e que guarda aquilo que é reprimido, negado ou não revelado pela "persona". "Quanto menos a sombra é integrada ao consciente do indivíduo, mais escura e densa ela é" (Jung, 1937, p.76). O lado “sombra” da psique humana geralmente vem à tona através de sonhos ou fantasias e revela, não só os conteúdos psíquicos reprimidos individualmente, mas também os coletivos e sociais (Fordham, 1978).

A partir dessa perspectiva, podemos supor que um dos efeitos da suspensão da "persona" seja entrar em contato com o lado "sombra" da psique. Dessa forma, o acontecimento principal da peça dos Hamilton foi o assassinato do personagem Arnulf. O nome desse personagem lembra os nomes de figuras centrais do nazismo como Adolf Hitler e Adolf Eichmann. Parece haver por parte dos criadores da peça, Hugo, sua mãe e irmãos, a necessidade de matar na ficção os “Adolfs” alemães que já estavam mortos na realidade. Tentemos entender essa necessidade. O personagem Arnulf impedia a liberdade de expressão e identitária dos outros personagens. Uma prática semelhante a do fantoche Arnulf de fato aconteceu com o povo alemão durante o nazismo. No entanto, essa falta de liberdade de expressão e identitária também estava presente na vida de Hugo através de outras figuras. Seu pai excercia sobre a família uma restrição autoritária e violenta em relação ao contato com a língua e cultura inglesas. Portanto, a vontade de eliminar essas figuras autoritárias por parte dos participantes da peça é possibilitada com a suspensão da "persona” e a liberação da "sombra". Trazer para o consciente essa vontade de matar permite aos participantes da peça lidar com o conteúdo reprimido no inconsciente de forma reflexiva. Esse procedimento pode acarretar numa

resignificação da experiência identitária e histórica, individual e social, de todos os envolvidos.

Finalmente, o desfecho da peça se dá pelo encontro com o cachorro. Esse personagem é importante nas memórias de Hamilton como um todo. Ele aparece no primeiro capítulo do primeiro livro com a uma descrição exatamente igual a que ele possui na peça. Além disso, o mesmo cachorro aparece no episódio final do primeiro livro em que Hugo será julgado por ter sua identidade associada a de Eichmann. Devido a esse desfecho, nos parece que Hugo talvez deseje se encontrar na figura do cachorro, aquele que não tem pertencimento e se expressa livremente até ficar rouco.

Em resumo, a arte, nesse episódio, atua de forma simbólica como um instrumento de escape, reformulação da identidade através da experimentação do anonimato, do não pertencimento e da tentativa de eliminar e lidar com a figura ditadora que impede a liberdade de expressão.

Música

Em outro episódio, agora com referência à música, Hugo era proibido de ouvir Beatles. Como o grupo estava se tornando popular nos anos sessenta, ele juntou o dinheiro de seu trabalho no porto e comprou o disco *Get Back*. Ele o guardava escondido e ouvia-o no aparelho de som do seu pai quando ele não estava em casa. Hugo descreve sua sensação ao ouvir o disco. Ele se sentava na poltrona e colocava o som no volume alto de modo que os vizinhos da rua toda pudessem ouvir. Ele via a vizinha do outro lado da rua deixar sua casa e imaginava que por alguns instantes eles estariam ouvindo a mesma música. Ele diz que a música faz com que as pessoas se tornem leves. Ele imaginava seu pai e sua mãe flutuando pela sala toda vez que ouviam Mozart. Quando escutava John Lennon cantar, ele se sentia leve, como se não houvesse gravidade e seu corpo deixasse sua casa, ele avistasse sua rua, seu bairro, sua cidade e fosse voando tão alto até que o lugar de onde veio se tornasse uma pequena pinta embaixo dele.

Apesar da sensação de liberdade que John Lennon e suas canções lhe traziam, Hugo sabia que estava fazendo algo proibido em sua casa e que teria problemas com seu pai. Um dia, Hugo esqueceu o disco dentro do aparelho de som. Quando chegou a hora de costume, seu pai encontrou o disco lá. Com toda a família reunida, Jack decidiu ouvir o disco dos Beatles. O narrador descreve este momento

de forma muito tensa. Seu pai lia o nome das músicas e as informações escritas na capa do disco e traduzia tudo simultaneamente para o alemão ou irlandês. Depois de ouvir a canção *Get Back to Where You Once Belong* e *Don't Let me Down*, seu pai retirou o disco e começou a dar um discurso sobre ser influenciado por música ruim e como evitar se tornar um "alienado" (p.66). Jack Hamilton dizia que era necessário tomar cuidado com a música e com quem permitíamos que nos influenciasse. Já Irmgard achava que os Beatles estavam causando histeria e comoção pública, o que era perigoso, pois lembrava o que havia acontecido com Hitler. Ela não queria que Hugo vivesse uma lavagem cerebral. Hugo contestava dizendo que não queria ser um seguidor de John Lennon. Ele só gostava de suas músicas. Mas para o pai de Hamilton, John Lennon estava mobilizando exércitos numa espécie de guerra cultural.

Então, Jack colocou um disco de Elizabeth Schwarzkopf, uma famosa cantora de ópera que servia ao partido nazista. Depois do término do disco, pediu para que Hugo escolhesse, com as mãos sobre o coração, qual dos dois era o melhor. Hugo confrontou seu pai. Ele não queria que a música fosse um campo de batalhas também. Ao mesmo tempo, sentia que tinha de defender John Lennon porque ele representava a sua geração e Hugo queria pertencer ao tipo de música que seu pai não ouvisse. Logo, insistiu que John Lennon era mais irlandês do que a Schwarzkopf, já que sua mãe era irlandesa. Seu pai ficou furioso e o perseguiu para bater nele. Hugo se escondeu em seu quarto. Depois de falar com Irmgard e com o tio Ted, Jack se acalmou e decidiu devolver o disco para Hugo.

Irmgard era a pessoa que o encorajava a buscar sua liberdade em livros, músicas e na arte. Ela preferia que Hugo o fizesse a brigar com seu pai. Hugo passou a fazer coisas escondido. Um dia, ele foi até o guarda-roupa do pai para ver a foto do avô que estava guardada. Ele queria resgatar seu avô. Como não podia tirar sua foto de lá de dentro, queria fazer algo que o fizesse menos sozinho. Então, ele colocou seu disco dos Beatles junto a sua foto. O disco seria a companhia de seu avô. John Hamilton e John Lennon conversavam um com o outro no escuro. John Hamilton se juntaria aos Beatles e cantaria as canções de Lennon.

Esse segundo episódio descreve os efeitos que a música tem sobre o personagem de Hugo Hamilton. O primeiro deles é a sensação de leveza que a sentia ao ouvi-la. Ela lhe permitia sair desse mundo de modo que pudesse olhar para a Terra a distancia. Podemos entender que a música lhe proporcionava uma

fuga para um campo estético em que havia prazer e leveza. Além de lhe proporcionar essa sensação de leveza, a música era como uma forma de compartilhar o comum. É como se ela criasse um mundo à parte em que pessoas diferentes pudessem se encontrar nele e compartilhar dele.

A música como campo estético cria um espaço alternativo para o personagem em que ele pode realizar sua tentativa de escape. No entanto, há um fator que rompe com esse espaço alternativo: a história. Quando o pai de Hamilton descobre o disco dos Beatles, uma guerra ideológica, linguística e histórica se instaura no campo da música. Ele é tido por seu pai como um traidor por ouvir música em língua inglesa. Novamente, a culpa histórica como apresentada por Nietzsche é que rouba de Hugo a sua inocência. Devido à dívida para com o sofrimento de seus ancestrais, tanto alemães como irlandeses, ele não poderia gostar de música em língua inglesa, especialmente essa que representava uma espécie de "imperialismo cultural". A prova disso está no fato de seu pai o acusar de “alienado”. Essa acusação não só o fere no âmbito individual, por retirar de Hugo sua capacidade de escolha e julgamento, mas principalmente traz a história de seu tempo, as guerras ideológicas da Segunda Guerra e da Guerra Fria, para sua vida privada e sua experiência com o campo artístico. A partir de então o personagem percebe a impossibilidade de sustentação do campo artístico como refúgio da realidade.

No entanto, sua mãe o incentivava a procurar refúgio pela arte. Ela preferia que o filho buscasse a liberdade que desejava no campo artístico do que lutasse por ela no campo material. Então, Hugo decide colocar o disco dos Beatles junto com a foto escondida do avô paterno. Essa atitude ocorre em um momento em que Hugo já sabe da impossibilidade de refúgio na arte. Logo, o personagem parece se posicionar de duas formas: ou acreditando na "guerra cultural" proposta por seu pai e tomando partido do lado de John Lennon e sua geração, ou descartando essa alternativa, reforçando sua crença na possibilidade da arte como refúgio e acreditando que seu avô também poderia ser libertado por ela. O que veremos é que no final da sua narrativa, Hugo diz querer pertencer ao país dos artistas, assumir a identidade de John Hamilton, seu avô marinheiro, e viajar pelo mundo.

Pintura

O terceiro episódio principal que apresentaremos faz referência à pintura. Nele, Hugo decide roubar o instrumento de tortura de sua escola. Seu professor,

Padre K, tinha uma regra para punições físicas corretivas. Ele punia os culpados e os inocentes juntos para evitar vinganças e brigas entre as partes. Um dia, os garotos da escola perseguiram seu irmão Franz, o xingaram de nazista e bateram nele. Segundo a narrativa, eles não conseguiam entender como era possível que os irmãos Hamilton fossem meio alemão e meio irlandês, meio vítimas e meio agressores. Então, os meninos queriam eliminar o lado “ruim” que ainda tinha ficado, o lado alemão.

Jack enviou uma carta para a escola explicando a situação, dizendo que seus filhos não podiam ser acusados de nazistas e apanhar porque viviam em um país livre. O professor decidiu punir os culpados. Convocou os meninos envolvidos e açoitou todos eles. Também obrigou Hugo e Franz a assistir cada açoite aplicado em seus colegas. Quando tudo acabou, o professor disse que Franz seria também açoitado com o mesmo número de açoites para que não houvesse vitimização futura. De acordo com o narrador, Franz chorou, nem tanto pela dor, mas pela humilhação.

Hugo diz que, ainda que tivesse sorte por não ter sido punido, não conseguia aceitar essa injustiça. Ele decidiu roubar o instrumento de tortura, o qual também chamou de instrumento de injustiça, para que ninguém mais fosse punido. Ele encontrou o instrumento em cima da mala do professor e roubou-o. Hugo pensou onde poderia escondê-lo definitivamente. Ao lado de sua escola, estava a Galeria de Arte Municipal. Hugo entrou e começou a procurar por um bom esconderijo. Chegou à conclusão que seria um quadro com uma mulher holandesa.

Nos dias seguintes, as aulas foram suspensas até que os culpados pelo desaparecimento do instrumento de tortura fossem encontrados. O Padre K decidiu fazer um interrogatório com cada garoto. O padre fitava cada um nos olhos e acusava: “eu sei que foi você quem fez isso!” (p.115). O protagonista sentiu-se em um julgamento. O padre seguia acusando-o. Hugo pensava como é que o padre podia ter tanta certeza de sua culpa. Chegou à conclusão de que essa uma estratégia e negou-a até o final. Quando saiu da sala do Padre K, teve a sensação de que ele sabia que havia sido ele. Então, tentou encontrar uma forma de desfazer o que fez. Hugo queria desfazer a história, o roubo do instrumento e tudo o que aconteceu durante o nazismo, a grande fome irlandesa, entre outros.

Depois de dois dias, Hugo estava decidido a confessar, mas o padre K chegou a uma lista de cinco suspeitos e ele não estava na lista. Os garotos se

reuniram e protestaram. Disseram que não era certo punir inocentes sem ter como provar. Packer, amigo de Hugo, decide assumir a culpa. Os outros meninos também se levantaram e disseram que eram culpados. Padre K foi obrigado a desistir da punição.

Na sequência, houve uma palestra em sua escola de um historiador de arte famoso. Hugo e seus colegas fizeram uma visita guiada com historiador pela galeria de arte. Ele explicava sobre o movimento holandês de pintura de retrato cujo tema principal eram mulheres escrevendo cartas e lendo livros. O historiador falou pouco sobre o quadro em que Hugo escondeu o instrumento:

> *Ele não tinha muito o que falar sobre a mulher holandesa na moldura dourada, além de que era interessante que havia tão poucos móveis ao fundo. Eu fiquei olhando para o quadro e todo mundo deve ter pensado no porquê eu estava tão interessado, como se eu tivesse encontrado algum significado escondido nesse quadro holandês que nenhum expert de arte houvesse notado (Hamilton, 2006, p.120).*

Depois disso, o protagonista diz que voltou várias vezes à Galeria. Lá, havia outro quadro que também chamava a sua atenção: a decapitação de João Batista. Ele diz que sentia haver algo comum com a sua história. Ele descreve a cena pintada. João Batista estava ajoelhado no centro, de olhos fechados, com o pescoço e as mãos para trás; à direta, um soldado levantando a espada. O narrador diz que poderia ficar em frente ao quadro aguardando que algo evitasse aquilo que todos sabiam que iria acontecer:

> *Eu estava preso naquele momento de reviravolta da história, paralisado e incapaz de seguir adiante no tempo, sem conseguir viver o desfecho e ainda desejando ter o poder de artista para deter o futuro. Eu estava preso para sempre nessa pré-calamidade, pré-decapitação, nesse momento que antecede a câmara de gás em que tudo está bem, mas já é tarde demais (Hamilton, 2006, p.121).*

Analisemos agora esse terceiro e último episódio. Ao roubar o instrumento de tortura de sua classe, Hugo escolhe como esconderijo o quadro de uma mulher holandesa na galeria de arte municipal. A partir dessa escolha, percebemos, em primeiro lugar, o quanto o personagem acredita no papel da arte como refúgio. Além disso, Hugo escondeu o instrumento atrás de um quadro que chamasse pouca atenção e com uma figura feminina. Sabemos que esses quadros faziam o retrato de mulheres lendo livros e escrevendo cartas. Essa configuração remete à mãe de Hugo, a qual o incentivava ao contato artístico, à fuga e à resolução da realidade através dele. Ela também escrevia diários nos quais guardava recortes de jornal e

registrava os acontecimentos de seu tempo. Irmgard buscava resignificar sua história através de suas narrativas e memórias. Ademais, um dos arquétipos da figura feminina maternal é o daquela que acolhe e protege. A mãe de Hugo era quem tentava conciliar os conflitos e protegê-lo de seu pai. Portanto, ao esconder o instrumento de tortura nesse quadro, Hugo está apostando na arte e no feminino como refúgio e proteção.

A segunda pintura descrita pelo narrador nesse episódio, a de João Batista, é apresentada como uma tentativa de evitar ou modificar a história. O personagem descreve o poder arrebatador da arte. Ele se vê identificado com a imagem e acredita ser capaz de suspender o tempo. Ele se vê preso no momento da "pré-calamidade". É um momento de fé e esperança diante da história que já aconteceu, mas que o expectador da arte acredita ser possível de reverter. É uma experiência de participação e de reflexão sobre o a fato pintado.

4.2 A não-identidade no não-lugar

No primeiro capítulo do seu segundo livro de memórias, o personagem de Hamilton apresenta suas primeiras impressões sobre o porto. Packer, seu amigo, lhe arranjou um emprego para trabalhar com um velho pescador chamado Dan Turley. Sua primeira observação a respeito do porto é: "ninguém me pergunta de onde eu venho" (p.7). Em seguida, ele descreve as atividades que realizava com o grupo de pescadores de Turley e de várias pessoas que vem a passeio ou para fazer compras. Todas eram desconhecidas e em deslocamento. Hugo termina o capítulo apresentando seu projeto pessoal para sua estada no porto:

> *É o porto do esquecimento e de nunca mais olhar para trás. Este verão eu vou escapar e conquistar a minha inocência. Adeus ao passado, à guerra e ao resentimento. Adeus às notícias de assassinatos no rádio, aos funerais e ao choro. Adeus às bandeiras e aos países. Adeus à vergonha, à culpa e à mente cheia de dor. (p.9).*

No capítulo quatro, Hugo diz que no porto, todos tem uma nova identidade. Seu amigo Packer dava a todos um novo papel, uma nova vida e, às vezes, até um novo nome. Ele tinha o dom de fazer todo mundo se sentir como se fosse recém-criado e como se o porto fosse um lugar ficcional, fora deste mundo. Ele lhe deu uma nova identidade. Para ele, Hugo era o observador silencioso. Também lhe deu um novo nome: Vlad, aquele que respira.

Hugo conta que o pescador para quem trabalhava veio de Derry, uma cidade na Irlanda do Norte de maioria católica e com muitos conflitos. Não se sabia muito sobre Turley porque ele era um homem calado. O narrador explica que Turley era um homem que nunca olhava para trás e que queria se esquecer de seu próprio nome.

Em sua primeira experiência como pescador-ajudante no barco de Turley, o personagem ressalta o silêncio. Então, ele ouve do barco alguém gritar o nome de seu capitão na encosta. O capitão pareceu não ouvir e ignorou o grito. Ele explica que Turley queria esquecer o próprio nome. Ele comenta:

> *Eu sei que não há nenhum lugar para se esconder da sua memória e do próprio nome. Ele vem atrás de você, te seguindo pelas ruas, no ônibus ou até no barco. Seu nome te persegue como uma maldição (p.11).*

A partir dessa constatação é possível perceber que o personagem de Hamilton começa a desacreditar do seu projeto. Ele começa a perceber que por mais que ele e seu capitão Dan Turley queiram escapar de suas identidades e história; isso não será possível.

No episódio seguinte, de volta ao porto, Hugo avistou sua mãe caminhando com seu irmão menor, Ciaran. Sem avisar, ela veio conhecer o local onde ele trabalhava. Hugo não queria a presença de sua mãe lá. Ele a viu conversar com Dan Turley e perguntar por ele. Turley não sabia responder por que não compreendia a mulher que falava alemão. Irmgard, então, começou a gritar pelo seu nome: Hanni!

Hugo não queria ignorar sua própria mãe, mas também não queria que ninguém no porto soubesse de sua identidade. Ao se manter escondido e não atender o chamado da mãe, ele se sentiu ignorando toda sua história: as fotografias de infância, as férias em Kempen, seus tios e tias e os presentes que enviavam no Natal. Ele comenta que aquela língua não era a sua e que ele fez o país de sua mãe desaparecer do mapa. Por fim, viu sua mãe e seu irmãozinho irem embora e só então deixou seu esconderijo.

No mesmo dia, uma antiga professora sua foi ao porto comprar peixes e frutos do mar. Ela o reconheceu e perguntou se ele era o menino alemão. Hugo negou, disse que não era ele e conversava com ela olhando para o chão para que ela não pudesse ver seu rosto.

Com esses acontecimentos, Hugo se identifica com Turley: "Eu sei o quão ameaçador é ter o seu nome gritado desta forma por uma voz invisível. Seu próprio nome como o pior insulto do mundo" (p.16).

Assim como aconteceu com Turley, Hugo também teve a sua identidade, seu nome, o perseguindo e o lembrando de quem ele era e de suas origens. A tentativa de escapar de sua identidade estava começando a fracassar. Além de não conseguir escapar de seu nome, Hamilton conta que a tensão começou a aumentar no porto. A voz que gritava o nome de Dan Turley era de Tyrone, um protestante da cidade de Belfast, na Irlanda do Norte. Turley e Tyrone começaram a viver enfrentamentos.

Na Irlanda do Norte o conflito entre católicos e protestantes se acirrava. As notícias contavam casos de explosões de carros-bombas, atentados terroristas, confrontos nas marchas por direitos humanos e greves de fome. Dan e Tyrone passaram a trocar insultos e coisas suspeitas começaram a acontecer no porto. Alguns barcos de Turley desapareceram e foram encontrados no mar, danificados. As investigações policiais e as suspeitas dos trabalhadores do porto apontavam para Tyrone. Certa vez, Tyrone tentou atacar Turley com um remo. Até que finalmente, Tyrone foi encontrado morto, afogado, boiando no mar.

Hugo já não conseguia mais encontrar o distanciamento que desejava estando no porto. Ele se sentia parte do conflito e, querendo ou não, percebia que tomava a parte de Turley. Quando Tyrone foi encontrado morto, ele diz que o porto não era mais o seu lugar. Aquele foi o sinal para que ele e seu amigo Packer partissem.

> *Nós não conseguíamos deixar de conectar a morte de Tyrone com o que estava acontecendo na Irlanda naquela época. Nós ouvíamos as notícias no rádio, cada dia ficando pior e às vezes parecia que estavam inventando novas formas de matar, um novo tipo de violência que nunca havia sido pensado antes. (...) Às vezes, pensávamos que a Irlanda do Norte fosse tão longe quanto o Vietnã, ou pelo menos queríamos que fosse. (...) Então percebíamos que estava ali, ao longo do porto, bem em frente aos nossos olhos (p. 227-228).*

Analisemos agora a relação do personagem de Hugo Hamilton com o porto. Para fazê-lo, partiremos da teoria literária de Bakhtin sobre os cronotopos. Bakhtin (2002) afirma, em seu livro *Questões de Literatura e Estética*, que na literatura há uma fusão indissociável entre tempo e espaço cuja função primordial é revelar o indivíduo histórico. A essa fusão, Bakhtin dá o nome de cronotopo.

Averiguemos, pois, o conceito de cronotopo bakhtiniano em relação a algumas das afirmações iniciais do personagem sobre o porto. Sua primeira afirmação, “ninguém me pergunta de onde eu venho”, faz referência a um lugar em que não há interesse pelo passado e por uma identidade de origem. Em seguida, quando Hugo apresenta seu projeto inicial para sua vivência no porto, ele afirma “esse é o porto do esquecimento”, “de não olhar para trás” e de dar “adeus ao passado”. Consequentemente, constatamos que há uma associação direta entre o local, o porto, e o tempo, o passado. No entanto, essa associação entre os elementos temporais e espaciais não se dá exatamente como nos moldes bakhtinianos, ou seja, pela representação do tempo e do espaço de forma afirmativa para a revelação da identidade de um personagem. Ao contrário, pelas palavras de Hamilton, o porto se constitui como um lugar para anular o tempo passado e negar as origens que determinam a sua identidade. Portanto, podemos dizer que a associação entre tempo e espaço e identidade se dá, no caso do protagonista, pela via negativa. Se tempo e espaço são elementos indissociáveis e Hugo almeja negar o tempo, podemos dizer que ele vê o porto também como um não-lugar em um não-tempo. Para confirmar essa perspectiva do não-lugar, no mesmo parágrafo em que apresenta seu projeto para o porto, ele afirma que lá dará “adeus às bandeiras e países”. Essa afirmação confirma a visão do porto como um não-lugar, ou seja, um lugar que não seja marcado pela história ou por uma identidade. Além disso, se o pressuposto bakhtiniano diz que a fusão entre tempo e lugar serve para revelar o individuo, podemos entender o porto como um não-lugar em um não-tempo que revela um não-individuo. Dessa forma, o projeto inicial do personagem para o porto se constitui na tentativa de escapar da sua história, através do não-tempo, e de sua identidade, através da não-identidade, em um não-lugar.

Tratando ainda desse parágrafo em que o protagonista apresenta seu projeto para o porto, percebemos que a busca pela negação de todos esses elementos, identitário, espacial e temporal, se dá por alguns motivos. Logo após afirmar que deseja dar “adeus ao passado”, Hamilton expressa também o anseio de dar adeus à “guerra” e ao “ressentimento”. Podemos entender que o desejo de Hamilton pelo não-tempo se dá devido ao passado, ou seja, o tempo em sua via afirmativa, ser marcado por guerras e ressentimentos. No trecho em que Hamilton afirma querer dar adeus “às notícias de assassinatos no rádio, aos funerais e ao choro”, ele se refere ao que seu pai chama de uma espécie de continuidade da Segunda Guerra

Mundial. Jack dizia que os quatro aliados continuavam fazendo o mesmo, como se não pudessem perder o hábito. Então, eram as tropas francesas na Algeria, as russas em Praga, as americanas no Vietnam e as britânicas na Irlanda do Norte (p.15). Esse era o presente que era noticiado nas rádios. Hamilton queria fugir do tempo, passado e presente, e das fronteiras que demarcam os lugares. A razão para isso ele explica em seguida: “a vergonha, a culpa e a mente cheia de dor” (p.9).

Para compreender melhor a relação de Hamilton com o porto, averiguemos a perspectiva teórica de Marc Augé sobre os não-lugares. Augé (1994) identifica que há, especialmente na supermodernidade, espaços que podem ser chamados de não-lugares. Esses são lugares não relacionais, históricos, identitários ou antropológicos. Os não-lugares tem por característica principal a transitoriedade e são significados conforme a sua função de uso, a citar, aeroportos e supermercados. São lugares que parecem não estar conectados com o passado; ao contrário, transmitem a sensação de eterno e constante presente. A vantagem que o não-lugar propicia é a sensação de libertação dos fatores determinantes da identidade. Segundo Augé, o não-lugar traz a sensação de inocência. A identidade da pessoa é associada somente a sua função momentânea, seja a de passageiro, motorista ou cliente. Em suma, o não-lugar permitiria ao indivíduo o escape da história e da identidade.

Assim como o cronotopo bakhtiniano, a teoria de Augé também faz a associação dos elementos tempo, espaço e identidade do indivíduo. Para Augé, o não-lugar, um espaço transitório e sem fixação, gera uma experiência com um tempo sem passado, com a sensação de eterno presente. Se para Bakhtin, a fusão entre tempo e espaço revelam a identidade do sujeito, a via negativa apresentada por Augé faz com que o não-tempo no não-lugar deixe de apresentar as características afirmativas da identidade, permitindo a existência da não-identidade.

Augé também explica a relação de não-identidade e inocência. Para ele, todo não-lugar exigirá de seus frequentadores a apresentação de sua identidade inocente em algum momento como passaporte de entrada para usufruir o benefício da desconexão com o espaço e o tempo. O autor exemplifica a questão a partir dos contextos de aeroportos e supermercados. Os indivíduos podem usufruir dos benefícios desses ambientes somente após apresentarem suas identificações. Este é o momento de tensão. Se o indivíduo não tem nenhum tipo de culpa, sua entrada no não-lugar é liberada e ele pode usufruir as “alegrias passivas da perda de

identidade” (p. 83). Se a culpa é identificada, o indivíduo é barrado. Portanto, segundo a perspectiva de Augé, podemos entender que a identidade é o fator mais importante para disparar a relação com o tempo e lugar em suas vias afirmativa ou negativa. Em outras palavras, se a identidade conseguir ser encoberta, especialmente pela não existência de culpabilidade passada, é possível haver o não-lugar e o não-tempo. No entanto, se a identidade é revelada, o lugar e o tempo voltam a ser históricos, antropológicos e relacionais e o individuo é forçado a se posicionar.

A teoria de Augé explica exatamente o que o personagem de Hamilton almeja viver, a experiência de um não-lugar em um não-tempo e com uma não-identidade. A descrição inicial sobre o porto confirma as características apresentadas por Augé. O narrador apresenta o porto como um local em que ninguém permanece, todos estão de passagem, estão cumprindo uma função momentânea e não tem fixação ou raiz. Neste lugar limiar e transitório, Hugo acreditava ser possível, viver fora do tempo histórico, seja ele passado ou presente. Finalmente, a identidade de Hugo nesse não-lugar seria somente funcional, ou seja, a de um mero pescador desconhecido. Esse desejo é confirmado pela passagem em que Hamilton afirma que no porto “todos tinham uma nova identidade”. Ao tratar essa nova condição, o narrador explica que o porto chegava a ser um “lugar ficcional” em que ele tinha uma nova identidade associada somente à função básica humana de respirar.

No entanto, aos poucos o personagem de Hamilton percebe que essa configuração de não-lugar não é possível de ser realizada em sua totalidade. E o fator disparador dessa percepção, assim como proposto por Augé, é justamente a revelação da identidade.

Na primeira experiência narrada por Hugo como pescador-ajudante, o acontecimento que chamou sua atenção e que estremeceu a possibilidade de sucesso de seu projeto foi a perseguição de Dan Turley através de seu nome. Após esse evento, Hugo afirma: “eu sei que não há nenhum lugar para se esconder da sua memória e do próprio nome*”.* Podemos perceber através dessa afirmação que o projeto inicial de Hugo começa a falhar. Novamente, há a associação de lugar, tempo e identidade. Ele percebe que ao ouvir o nome de Turley sendo gritado desde a encosta, a possibilidade de um lugar em que não haja o tempo, a memória, e nem a identidade, o nome, deixa de existir. No trecho seguinte, o personagem confirma que o fator fundamental para que não haja o tempo e o lugar está no nome: “ele vem

atrás de você, te seguindo pelas ruas, no ônibus ou até no barco. Seu nome te persegue como uma maldição" (p.11). Observemos que através da escolha das palavras contidas nessa afirmação, Hamilton coloca o nome como um elemento em movimento e que o segue em espaços de transitoriedade como as “ruas”, o “ônibus” e o “barco”. Portanto, percebemos que o nome, ou a identidade como entendemos, é um elemento que nos acompanha até nos não-lugares, como colocado por Augé. O nome, ou a identidade, é o elemento mais difícil de escapar, segundo Hamilton.

Pouco tempo depois, uma situação semelhante vem a acontecer com o personagem de Hamilton. Ele teve o seu nome gritado por sua mãe no porto. No momento do acontecimento, a primeira coisa que Hugo se lembra é justamente da sua história de vida. Ouvir seu nome, ou lembrar-se da sua identidade, imediatamente o faz lembrar-se do tempo, do passado e dos lugares associados a ele. Ao ter a sua identidade lembrada, ainda que somente para si mesmo, quando sua mãe grita seu nome; Hugo se lembra das suas viagens à Alemanha, da sua família e da língua do país de sua mãe. Finalmente, ao ignorar o chamado de seu nome, Hugo afirma estar “apagando o país de sua mãe do mapa”. Portanto, ao ignorar a sua identidade está também ignorando o lugar de origem da sua família, o lugar, e a sua história alemã, o tempo.

Após vivenciar uma situação parecida com a de Turley, Hugo se identifica com ele e afirma: “eu sei o quão ameaçador é ter o seu nome gritado desta forma por uma voz invisível. Seu próprio nome como o pior insulto do mundo" (p.16). Hugo reconhece o potencial ameaçador do nome, ou da identidade, como fator para desvelar a história e atrelá-lo a um lugar.

Augé explica que a revelação do nome ocorrerá, em algum momento, no não-lugar. Lembramos que para o autor, o benefício da não-identidade só é possível para aqueles cuja identidade é dada por inocente. Ou seja, primeiro é necessário provar inocência para ter uma não-identidade no não-lugar. O projeto de Hamilton é problemático quando ele pensa ser possível primeiramente ter uma não-identidade e depois se tornar inocente no não-lugar. O fator que, conforme entendemos a teoria de Augé, derruba a possibilidade de existência do não-tempo e do não-lugar, não é exatamente a revelação da identidade, mas sim, a revelação da culpa que está atrelada a ela.

Observemos, então, as palavras que narrador utiliza para descrever o processo de revelação do nome de Turley e de seu próprio. No primeiro caso, ele diz

que o nome o “persegue como uma maldição” (p.11). No segundo, ele afirma que o seu próprio nome é “o pior insulto do mundo” (p.16). As palavras “maldição” e “insulto”, bem como toda a problemática envolvendo a questão do nome, parecem ecoar o projeto inicial de Hugo Hamilton sobre sua identidade, conforme apresentado na introdução dessa dissertação.

Como dito anteriormente, o problema inicial de Hamilton em relação ao seu nome está no fato de que sua identidade lhe foi atribuída pelo outro. Além disso, conforme discutimos a questão do nome de Hamilton com base na teoria bakhtiniana, sua identidade, seu nome, é composta também pelos nomes dos outros. É uma identidade individual, porém externa, hereditária e coletiva. Entendemos que é justamente o fator identidade e o caráter social e hereditário contido nela que Hugo Hamilton opõe à inocência. Sabemos, também, que carregar sua história irlandesa e alemã, como parte dos signos hereditários de seu pai e sua mãe que formam o seu nome, é o que Hamilton chama de “pecado original” (p.1). O nome, para o personagem de Hugo Hamilton, parece ser um grande símbolo de sua identidade e história e da culpa contida nelas.

Portanto, as palavras “maldição” e “insulto” ecoam a percepção inicial que Hugo Hamilton tem de seu nome, de sua identidade e história, como um “pecado original”. Além disso, lembramos também que o personagem teve sua identidade associada ao nome de Adolf Eichmann, como descrito no capítulo anterior. Essa associação trazia a ele a experiência negativa que essas palavras proporcionam. O grito do seu nome ecoa uma grande cadeia enunciativa negativa em sua história de vida.

Para complementar a visão de Augé a respeito da culpa, retomemos o pensamento de Judith Butler. Quando Hamilton diz conhecer o potencial ameaçador que é ter “seu nome gritado desta forma por uma voz invisível”, podemos entender que esse grito se constitui em si como uma ameaça, como uma acusação. Para Butler (2005), o fator mais relevante para que o indivíduo venha a pensar e definir sua identidade é justamente a necessidade de responder a uma acusação. No contexto desse capítulo, a acusação é simplesmente ter de assumir o próprio nome. Ouvir alguém gritar o seu nome ou ter alguém perguntando para ele “você é aquele menino alemão?” era o suficiente para que Hamilton sentisse o peso de culpa histórica contida em sua identidade de modo a retirá-lo da experiência com o não-tempo e o não-lugar.

Consequentemente, qual é a experiência de culpa que a revelação do nome trouxe à tona? Como é que a revelação do nome acabou com a tentativa de vivência do não-lugar?

Primeiramente, analisemos a situação de Dan Turley. A revelação do nome de Turley se deu por parte de uma pessoa que o conhecia anteriormente a sua estada no porto de Dublin. Tyrone, o protestante vindo de Belfast, inseriu Turley de volta ao contexto histórico da Irlanda de Norte na década de 70[38]. O narrador não conta se Turley e Tyrone tiveram qualquer problema um com o outro antes de virem para o porto. Só sabemos que ambos se conheciam e que pertenciam a grupos sociais rivais e em conflito naquele momento histórico.

A culpa revelada através do conhecimento do nome e identidade de Turley não necessariamente tem a ver com uma culpa individual, com algo feito por ele no passado. Essa pode ser somente o que Nietzsche chama de culpa histórica. Retomando o pensamento do filósofo alemão, a culpa histórica para Nietzsche (1887) é uma dívida para com os antepassados de uma comunidade. É uma obrigação moral e jurídica para com os sacrifícios feitos pelos ancestrais para a manutenção daquela comunidade. É essa necessidade de pagar a dívida que continua alimentando às realizações atuais da comunidade.

A descrição de Nietzsche se encaixa perfeitamente ao contexto do conflito entre Dan Turley e Tyrone no porto de Dublin. Ainda que nesse período na Irlanda do Norte estivesse ocorrendo os *Troubles*, em que população católica reivindicava igualdade de direitos civis, Turley e Tyrone no porto não estavam lutando por esses motivos. Não havia uma razão concreta e imediata para os enfrentamentos entre os dois a não ser o pagamento da “dívida histórica” conforme citada por Nietzsche. Em parte, já que desconhecemos as razões anteriores ao porto para levar ao confronto dos dois, Turley e Tyrone estavam lutando somente para manter a obrigação moral com os antepassados de suas comunidades. Era uma luta impulsionada pela culpa histórica.

Hugo acompanhou de perto esse confronto. Apesar de não ter tido de fato sua identidade revelada e nem ter tido de arcar com a culpa atrelada a ela, ele se identificava e se reconhecia na figura de Turley. Ele via um homem que queria escapar de seu passado e de sua identidade e que teve, através da revelação de

---

[38] Retomar a nota de rodapé sobre os *Troubles* na página 12.

seu nome, de lidar com o peso e o posicionamento que a culpa histórica contida em seu nome lhe trouxe. Da mesma maneira, ele sentia que também teria de se posicionar em relação ao nazismo, ao passado colonial irlandês, a sua origem mista e, também, aos conflitos na Irlanda do Norte. Esse fato representava a falência definitiva do projeto do porto para o personagem de Hamilton.

No trecho final em que Hugo comenta a sua última percepção em relação ao porto, ele afirma esse reconhecimento: "nós não conseguíamos deixar de conectar a morte de Tyrone com o que estava acontecendo na Irlanda naquela época". Ele percebe que o porto deixou de ser o não-lugar e voltou a ser um lugar histórico, antropológico e identitário. O porto voltou a ganhar as fronteiras de "países e bandeiras". E a sua identidade passou a estar inserida nesse contexto.

Ao ver a falência do projeto do não-lugar, Hugo decide ir embora. Essa atitude pode nos mostrar a incapacidade do personagem de se posicionar e de lidar com a culpa histórica atrelada a sua identidade. Ao querer partir mais uma vez, nos parece que o personagem de Hamilton ainda quer fugir ou tentar encontrar o projeto de não-lugar em outro contexto. No entanto, apesar de partir, o personagem demonstra que a experiência com o porto lhe trouxe certo ganho de amadurecimento em relação as suas questões identitárias e existenciais.

Ao perceber que seu desejo de distanciamento dos problemas que estavam ocorrendo na Irlanda do Norte como se fossem tão longínquos como os do Vietnã não era possível, o personagem demonstra ter adquiridos algumas compreensões. A primeira delas, a de que não há fuga e nem escapatória para os conflitos históricos relacionados à sua identidade. A segunda, a de que é necessário encarar o problema e a sua complexidade. Ainda que Hugo não tenha conseguido ficar, esse amadurecimento o permitirá avançar em relação as suas questões identitárias.

4.3 Exílio

Hugo Hamilton inicia o capítulo 20 de seu segundo livro de memórias dizendo que aquele era o momento de dar "adeus ao porto e a mente cheia de dor" (p. 227). Ele e seu amigo Packer decidiram deixar o país e ir para a Inglaterra. Eles conseguem um emprego temporário por três meses na empresa Ross Foods em Norwich. O plano era ficar neste trabalho e depois ir para Londres. Para Hugo, Londres representava uma grande liberação já que lá ninguém se importaria com quem eles eram ou com o que faziam.

Na Ross Foods, eles dormiam no alojamento da própria fábrica, com centenas de camas com colchões de palha, em um galpão de madeira cujo calor de manhã era insuportável. Junto com outros irlandeses, eles formavam um grupo dentro da empresa. Hugo observava que os irlandeses reclamavam das condições e da carga de trabalho excessiva. Esse era o momento em que se referiam aos ingleses de forma pejorativa e se lembravam da história.

O narrador conta que havia muitos trabalhadores de Uganda. Os ugandeses ligavam para casa e falavam sobre como a Inglaterra era um lugar grandioso. Eles pareciam não se importar com o fato de também terem sido colonizados por ela e não se incomodavam de estar trabalhando para aqueles que no passado ocuparam seu país. Eles só queriam juntar dinheiro para mandar para suas famílias.

Um dia, um grupo de irlandeses decidiu ir para o bar mais próximo. Depois de uma noite de diversão, eles voltaram bêbados e um rapaz começou a golpear as paredes do alojamento. Hugo e outros irlandeses o escutaram xingando os ingleses, como se quisesse se vingar do passado colonial.

No dia seguinte, o gerente da fábrica convocou a todos os funcionários e disse que se o culpado não fosse encontrado, todos os trabalhadores seriam demitidos. Os ugandeses exigiram que os irlandeses se posicionassem porque não poderiam perder seus empregos. Os irlandeses concordaram que esse era um problema anglo-irlandês e que os ugandeses deveriam ser deixados de fora. Então, os irlandeses que causaram a confusão perguntaram se alguém gostaria de se voluntariar para assumir a culpa e assim poderiam dar um bônus a essa pessoa, a qual perderia seu emprego no lugar dos outros.

Hugo e Packer, que ficaram no alojamento naquela noite e não fizeram parte da confusão, pensaram em se voluntariar. Packer dizia que eles conseguiriam bastante dinheiro e estariam livres para ir para onde quisessem. Hugo receava ter de voltar para casa:

> *Eu digo para ele que gosto de trabalhar na Ross Foods e que prefiro ficar. Eu nunca mais quero voltar para casa porque aqui eu posso ser eu mesmo: um condutor de empilhadeira (p. 253).*

Então, Hugo e Packer decidem assumir a culpa. O gerente diz que eles terão de pagar pelos danos, o que seria feito, na realidade, pelos outros irlandeses. Além disso, o gerente lhes informou que nunca mais poderiam trabalhar na Ross Foods. Apesar de não ter encontrado resistência por parte de seus funcionários, o gerente

queria saber o motivo que os levou a praticar o ato de vandalismo. Hugo alega que o gerente queria justiça.

A partir desse momento, o narrador descreve que se inicia uma espécie de interrogatório:

> *É como um interrogatório, só que ao contrário. É uma tortura ficar sentado em seu escritório fingindo ser culpado, com medo de que a qualquer momento ele descubra que somos inocentes. (...) Quando você é culpado você pode levantar sua mão e assumir. Vai, me coloque na prisão. Execute-me, ou algo assim. Se você é culpado, você pode ficar limpo, assumir o crime e aceitar a punição (p.254-55).*

Então, o gerente pergunta, fitando Hugo firmemente nos olhos: “por que você fez isso? (...) É algo contra os Britânicos?" (p.255). Hugo e Packer dizem não enfaticamente. Hugo percebe que o gerente procura por uma verdade e ele pensa sobre a ideia de assumir uma culpa que não era dele. Ele se lembra de como sua mãe foi envergonhada depois da guerra e como ele estava envergonhando a si mesmo naquele momento. Hugo fez uma reflexão sobre ser colocado em julgamento mais uma vez:

> *Eu percebo o quão estranho é isso, quando a pessoa é colocada em julgamento, como é o juiz quem declara que não vai cometer o mesmo crime. É o juiz que vai a julgamento. Quando os nazistas foram julgados em Nuremberg, o mundo fez a promessa de não cometer os mesmos crimes novamente. (...) Não é o criminoso que está em julgamento agora, mas o mundo (p.255).*

Ao serem inquiridos novamente, Packer alega que o motivo era as muitas ervilhas que tinham de lidar todos os dias no trabalho. Eles riem. O gerente se sente ofendido e diz não compreender os irlandeses. Depois de serem demitidos, ele e Packer vão embora para Londres, para "um mundo livre e inocente" (p.256).

No último capítulo de seu segundo livro de memórias, Hugo afirma que escapou do guarda-roupa. Ele e seu amigo Packer estão em Berlim. Ele arranjou emprego no depósito de uma editora. Ele diz:

> *Quando você é jovem, você pode mudar sua identidade. Você pode escapar da sua família e mudar o seu nome, deixar o seu país e ir viver em uma nova cidade e não contar para ninguém de onde você vem. Você pode se disfarçar como um ator e escolher o que lembrar e o que esquecer. Mas há sempre alguma coisa que te revela, alguma parte de você que não pode ser escondida. Não são só as coisas obvias, como o seu sotaque, sua língua ou sua aparência. É a sua forma de olhar para o mundo, o seu ponto de vista. Não há como disfarçar isso. Aparece como uma ruína na paisagem (p.258).*

Hugo vai morar em um apartamento com outros jovens alemães. Nesse contexto, ele começa a enfatizar sua identidade irlandesa porque não quer ser considerado um alemão de verdade como os outros. Ele acha que é saudade de casa, como seu pai e sua mãe sempre sentiram. Ele considera a possibilidade de ficar mais tempo na Alemanha e, para isso, deseja tirar a dupla nacionalidade.

Os companheiros de apartamento discutem a respeito. Alguns imploram para que ele não se torne alemão porque teria de pensar, dormir e até respirar em alemão. Outros dizem que um passaporte não faria diferença porque a verdadeira identidade aparece mais cedo ou mais tarde. Uma das garotas disse que queria aprender irlandês e pertencer a um povo que nunca feriu ninguém, uma minoria, oprimida e que ainda não atingiu sua plena independência.

Hugo juntou todos os documentos enviados por sua mãe e enviou às autoridades concernentes. Sua mãe entendeu que seu filho queria viver no exílio a partir de então. Ele recebeu a resposta de que não poderiam conferir-lhe um passaporte alemão sendo que sua mãe não tinha um passaporte alemão válido. Hugo decidiu poupar a sua mãe de rever a própria questão de sua nacionalidade e disse que ficaria do jeito que estava: “speckled” (p.263).

Observamos que a experiência do personagem de Hugo Hamilton fora de seu país natal possui três momentos principais. O primeiro deles diz respeito a sua estada na Inglaterra. Para analisar esse primeiro momento, percebemos que algumas características centrais da teoria de Marc Augé sobre os não-lugares estão presentes na sua autoidentificação. Assim, é possível dizer que ao chegar à Inglaterra, o personagem ainda deseja encontrar o anonimato e liberdade que ele traz. Ele consegue um emprego temporário o que demonstra a tentativa de vivenciar a transitoriedade. Quando confrontado com a possibilidade de deixar o emprego para partir para Londres com Packer, ele diz que não quer voltar para casa porque lá na Ross Foods ele podia ser ele mesmo, um condutor de empilhadeira. Com essa afirmação, Hamilton demonstra encontrar a liberdade de ser em uma identidade funcional e não histórica.

No entanto, há algumas características de sua vivência na Inglaterra que diferem do não-lugar. Por mais que o personagem tente transformar a Inglaterra em um lugar transitório, o fato de estar em um país, e não em um porto, dificulta a situação. Um país como a Inglaterra, com o seu longo passado colonial com a Irlanda, não poderia ter suas características identitárias ou históricas ignoradas ou

apagadas tão facilmente. Além disso, na empresa em que trabalha há um grande grupo de empregados irlandeses. Esse fato traz a história à tona. O trabalho de imigrantes irlandeses em postos de trabalho baixos na Inglaterra, de certa forma, ainda remonta às estruturas de dominação e supremacia colonial inglesa. Esse, inclusive, foi o motivo disparador da confusão na empresa e responsável por Hugo e Packer saírem. Na narrativa, o funcionário que cometeu o ato de vandalismo insultava os ingleses. Quando todos os funcionários foram convocados para que se posicionassem diante do fato e assumissem a culpa por ele, os ugandeses e irlandeses assumiram que aquele era um problema interno e histórico. Ainda que Hamilton e Packer aleguem não ter problemas com a história e querer fugir dela, é a história que os coloca na posição de conflito e os retira da Ross Foods.

O narrador explica que o gerente da fábrica em que trabalhava queria justiça e, para tal, queria saber o verdadeiro motivo que os levou a cometer o ato de vandalismo. A busca pela justiça leva o personagem de Hamilton a um novo julgamento em sua história de vida, semelhante àquele feito quando criança no episódio de Eichmann. Esse novo julgamento modifica a relação que ele tem com a culpa.

Primeiramente, sabemos que Hugo receia embarcar no projeto de Packer de assumir a culpa pelo ato de vandalismo que não praticaram. Ele receia perder a posição de uma identidade funcional, como um condutor de empilhadeira anônimo, por uma identidade histórica, em que ele teria de se posicionar como um vândalo revoltado contra o colonizador de seu país para o qual estava trabalhando e sendo explorado. Hugo tem medo que, ao deixar a identidade funcional de lado, ele deixe a experiência com o não-lugar e a inocência que ele gera. Ao assumir a culpa pelo ato de vandalismo, ele passará a ter uma identidade histórica, na qual as questões de nacionalidade importam e terá de lidar com a culpa, pontual e histórica.

Quando Hamilton decide assumir a culpa junto com Packer, ele faz uma reflexão sobre a situação. Ele relata a péssima sensação de ter de assumir uma culpa quando se é inocente. Então, ele começa a identificar algo de libertário e positivo em se ser culpado. Ele diz: "se você é culpado, você pode ficar limpo, assumir o crime e aceitar a punição" (p.254-55). Essa afirmação é bastante nova dentro do processo do personagem em lidar com a culpa, individual e histórica. Pela primeira vez ele parece estar se alinhando com o pensamento que sua mãe costumava transmitir-lhe: "não há sentido em tentar ser inocente. Você só poderá se

tornar inocente, se você admitir a sua culpa. Você só pode crescer se aceitar a sua vergonha" (2003, p.293).

No entanto, o problema de Hugo ainda recai sobre ter de assumir uma culpa que não é dele, assumir ser culpado quando é inocente. Nesse momento, o gerente o interpela com a pergunta: "por que você fez isso? (...) É algo contra os Britânicos? (p.255)". Para analisar essa pergunta, retomemos o pensamento de Judith Butler. A filósofa ressalta que o indivíduo busca definir sua identidade quando está diante da interpelação de um agente que tem o poder de julgar e aplicar um castigo. É diante da pergunta "foi você quem fez isso?" que o indivíduo se torna um ser autonarrativo e procura definir quem ele é. Ainda que o personagem tenha sempre lidado com a questão da culpa, é com essa pergunta por parte de seu chefe que ele faz uma nova reflexão sobre a situação de culpado. A partir dessa nova reflexão, Hugo entende que o julgamento, bem como a necessidade de se declarar culpado, é muito mais uma necessidade do outro, daquele que não praticou o crime, do que do culpado. Além disso, Hugo entende que quem necessita dizer que não é culpado é o juiz; quem deseja construir uma identidade de inocente é aquele que acusa.

Analisemos, agora, a relação da culpa com o não-lugar. Augé nos propõe que só poderão usufruir dos benefícios do não-lugar aqueles que não têm culpa. Hamilton parecia estar buscando uma experiência com o não-lugar em sua estada na Inglaterra. Ao assumir a culpa, ele supostamente teria de perder esses benefícios. No entanto, o personagem alega que ao assumir a culpa, ser demitido da Ross Foods e partir é que ele se sentiu inocente. Portanto, há nesse julgamento uma transformação da experiência da culpa para o personagem de Hamilton.

Pensemos agora nesse episódio de julgamento da Ross Foods em relação à culpa histórica. Ainda que Hugo estivesse admitindo um feito individual de um companheiro de trabalho bêbado e revoltado que cometeu um ato de vandalismo, ele também estava admitindo a culpa histórica em relação ao seu passado ancestral dos irlandeses. Hugo e Packer foram convidados pelo grupo de irlandeses a assumir a culpa e a atuar como "bode expiatório" de todos. Quando o gerente os interroga, ele pergunta se o ato foi cometido por terem algo contra os britânicos. Ao término do interrogatório, quando eles dizem que o problema foram as ervilhas, o gerente diz não compreender eles, os irlandeses. Portanto, a relação histórica está o tempo todo permeando o julgamento do ato de vandalismo. Contudo, pela primeira vez,

Hamilton parece assumir a culpa, individual e histórica, e encontrar nela a sua inocência e liberdade.

Há, portanto, na experiência do julgamento uma transformação da relação do personagem de Hugo Hamilton com a vida fora de seu país. Se a princípio detectamos algumas características da busca pelo não-lugar em sua estada na Inglaterra, percebemos que com o julgamento, ele deixa de vivenciar o não-lugar. Ao assumir a culpa pelo ato de vandalismo e viver o julgamento, ele passa a encarar, talvez pela primeira vez em sua narrativa, a sua identidade histórica e a relação dela com o lugar histórico. Ele percebe que se assumir culpado pode também trazer a liberdade que almeja. Dessa forma, podemos dizer que o julgamento elimina a experiência com o não-lugar. Nesse momento inicia-se o terceiro momento da jornada de Hamilton no exterior: o exílio.

Para explicitar melhor o que entendemos por essa experiência com o exílio, tomemos como base as reflexões de Edward Said a respeito. Said (2001) explica que o exílio é uma “fratura incurável entre um ser humano e seu lugar natal, entre o eu e o verdadeiro lar" (p. 46). O exilado é aquele que é forçado para fora de sua terra e que para ela não deseja voltar. Segundo o autor, o exílio não é uma escolha, ou nascemos nele ou ele nos acontece.

Para Said, o exílio também não pode ser definido sem a sua relação com o nacionalismo. Portanto, a sensação e experiência de rompimento do exílio só existe quando há uma percepção de pertencimento à pátria natal. O nacionalismo é uma “declaração de pertencer a um lugar, a um povo, a uma herança cultural" (p.49). O exílio, por sua vez, é “fundamentalmente um estado de ser descontínuo” (p.50).

Said enfatiza os efeitos negativos e positivos da experiência do exílio. Para ele, há sempre a dor mutiladora da separação da terra natal e também a angústia que sucede à eterna sensação de deslocamento e de impossibilidade de pertencimento. No entanto, o pensador propõe que o exilado, amadurecido na sua condição, percebe que as pátrias são sempre provisórias e as fronteiras que dão segurança também se tornam prisões. O exilado, como estrangeiro em todos os lugares, ganha a possibilidade de experimentar o novo e o diverso. Quando consciente, sabe da justaposição dos pontos de vista sobre a experiência e reduz o julgamento rígido e tradicional. O importante, para Said, é que a experiência com o exílio não se torne banal, ou seja, viver como se tudo fosse temporário, trivial, sem qualquer conexão e compromisso.

Reflitamos sobre a experiência do exílio de Hugo Hamilton segundo a perspectiva de Edward Said. Primeiramente, se considerarmos o exílio tal como proposto por Said, como um rompimento entre o lar verdadeiro e o eu, podemos perceber que esse fato se dá na vida do personagem muito antes de sair efetivamente de seu país. Desde a infância, ainda que morando na Irlanda onde nasceu, Hugo nunca pode vivenciar as características descritas por Said como uma relação genuína de uma pessoa com a sua terra natal. Ele nunca pode compreender bem o significado da palavra lar e a relação de pertencimento a ele. Sabemos, retomando as discussões do segundo capítulo dessa dissertação, que ele considerava que sua casa era um país diferente do país de fora de casa. Se os pressupostos fundamentais para a definição de uma pátria são a sensação de pertencimento a um lugar, um povo, uma língua e uma herança cultural; Hamilton jamais pode ter essa sensação. O fato de ter nascido em uma família com uma herança cultural mista, entre inglês, alemão e irlandês, bem como a diversidade de línguas com as quais conviveu desde a infância, faz de Hamilton um exilado de nascença.

O personagem parece ter conhecido conscientemente a sua condição de exilado na infância quando teve a identidade de seu avô paterno revelada no episódio do guarda-roupa. Foi naquele momento que ele descobriu a complexidade de sua identidade hereditária e também as diferenças incompatíveis entre elas. Essa pode ser uma das razões pelas qual Hamilton se refere ao exílio como o momento em que está finalmente saindo do guarda-roupa. Apesar do conhecimento de sua condição de exilado de nascença, é só experimentando o exílio real que Hugo consegue refletir e amadurecer essa sua condição.

Segundo as possibilidades de efeitos do exílio apresentadas por Said, é possível dizer que a princípio, Hugo Hamilton incorre naquilo que Said chama de banalização. Hugo parece aproveitar a condição de exilado para manter-se sempre na situação de temporariedade e desconexão. Parece haver em sua experiência do um elogio à condição do exilado. Desde que começa seu afastamento de casa, ele demonstra querer se manter sempre em fuga. O medo de se fixar e de refletir sobre a sua própria experiência de exilado se assemelha ao que Said chama de falta de amadurecimento da condição do exilado.

É importante lembrar também que essa provável fuga do personagem e esse elogio à condição de exilado estejam atrelados à memória muito dolorosa com a

experiência de pátria e lar. A relação fundamental entre nacionalismo e exílio como apresentada por Said é política e nos ajuda a compreender a dificuldade de Hamilton em encarar e amadurecer sua história e identidade. Se o nacionalismo, como apresentado por Said, é uma valoração positiva em relação à dor do exílio, para Hugo essa valoração se dá de forma contrária. O histórico pessoal com o nacionalismo fervoroso e violento do pai e com o nazismo por parte da família da mãe fez o personagem não usufruir do lado bom do apego à terra natal e à pátria e desejar pelo deslocamento como seu local de salvação.

Parece haver na trajetória de Hugo no exílio um processo de amadurecimento progressivo. Para tal, podemos observar uma diferença entre a primeira estada do personagem fora de seu país natal, na Inglaterra, e a sua segunda estada, na Alemanha. Na Inglaterra, ele demonstrava ainda estar preocupado em fugir da sua velha condição, a regras de sua casa e de seu pai. O seu desejo ao estar no novo lugar era escapar de uma velha situação e não de perceber uma nova condição. Em outras palavras, era o desejo de fugir e não de encarar a complexidade da sua relação com a nacionalidade e o exílio. Ainda na Inglaterra, ele continua reforçando seus velhos objetivos de não ter uma história e não ter uma identidade. Ele diz a Packer que ele gosta de estar trabalhando na Ross Foods justamente por não ser nada além de um condutor de empilhadeira. A identidade que Hamilton deseja é uma identidade funcional. Em nenhum momento ele reflete sobre a questão de ser irlandês, ou alemão ou até sobre o lado britânico de sua própria família. Em pouco tempo, no entanto, esses objetivos fugitivos de Hamilton fracassam. Seu desejo de fugir da história é novamente impedido de ser realizado pelo fato da história bater a sua porta. O conflito entre o grupo de irlandeses com quem trabalhava e a fábrica inglesa logo o relembra da experiência nacional e histórica que quer esquecer.

Said enfatiza que para que as boas características do exílio sejam vividas, a saber, a diversidade e a compreensão mais abrangente do mundo, é necessário viver um processo de conscientização dos apegos e das dores que a experiência do exílio traz; e não a rejeição deles. Esse processo de conscientização de sua condição é o que Hugo parece começar a viver quando chega à Alemanha. De alguma forma, estando na Inglaterra, Hugo ainda estava muito conectado a realidade de seu país. Por viver em um grupo de irlandeses e ver o conflito histórico de Inglaterra x Irlanda ao seu redor, as condições de afastamento necessárias para que ele sinta e também interprete a própria experiência com o exílio ainda eram

insuficientes para ele. Já na Alemanha, Hugo entra em contato com um estranhamento maior. Ele convive com outros jovens alemães, se compara a eles e percebe que não quer ser igual. Ele quer enfatizar sua identidade irlandesa como uma forma de marcar sua diferença. No entanto, Hugo tampouco deseja voltar para casa. Pelo contrário, ele deseja ficar na Alemanha mais tempo e obter a sua nacionalidade alemã. Finalmente, quando percebe que não conseguirá obtê-la devido ao problema com os documentos de sua mãe, Hugo decide assumir a sua condição de nascença: ser "speckled".

Portanto, há uma grande mudança por parte do personagem na Alemanha em relação ao exílio. Se em todas as suas tentativas de escape até então, Hugo sempre pensou em não ser, na não-identidade, em não assumir nada do que é e ter somente uma identidade transitória e funcional; na Alemanha, ele passa a perceber as suas peculiaridades e diferenças em relação aos demais. Hugo começa a notar as características de suas identidades nacionais e passa a se posicionar diante delas, assumindo uma ou outra de acordo com o contexto.

Said afirma que o exilado é sempre excêntrico, ou descentrado, e sente a sua diferença como um tipo de orfandade; o exilado insiste em seu direito de se recusar a pertencer. Dessa mesma forma, Hugo quer enfatizar a sua diferença em relação aos outros jovens alemães. Quando por fim descobre que não poderá obter a nova nacionalidade, ele passa a viver exatamente o que Said chama de orfandade, a experiência de não ter uma pátria-mãe, de não ter o seu lugar no mundo, de não pertencer, de ser um "speckled people", como seu pai dizia, parte da Irlanda e parte de algum outro lugar.

Finalmente, Hamilton encerra o capítulo sobre o exílio e o seu segundo livro de memórias com a seguinte passagem:

> *Talvez você tenha de viver encoberto por um tempo antes que possa encontrar sua verdadeira identidade. Agora eu quero pertencer ao mesmo país de Bob Dylan e Dostoievsky e Fassbinder. Eu quero estar no mesmo guarda-roupa que John Lennon e John Hamilton, marinheiros de olhos suaves. Eu assumi a identidade de meu avô. Lhe dei seu nome e sua vida de volta. Eu caminho de volta para NeuKölln como se a cidade inteira se tornasse um porto. É o porto de Berlim e posso ouvir o som do mar em Sonnenallee. Consigo ouvir o movimento das ondas batendo embaixo dos barcos. O som dos remos caindo por entre os bancos. Eu posso sentir o toque do solo firme embaixo dos meus pés (p.263).*

Percebemos por essa passagem a recusa final do personagem ao pertencimento a uma pátria. Ele diz querer pertencer ao país de três expoentes

culturais de três países diferentes, respectivamente, Estados Unidos, Rússia e Alemanha, curiosamente os países mais envolvidos coma Guerra Fria, em plena atividade em seu tempo. Ele diz querer se juntar a John Lennon e Hamilton, os marinheiros proibidos por seu pai. Aliás, Hamilton diz assumir a identidade de seu avô, um marinheiro e encerra a passagem descrevendo o porto e os barcos no mar como um solo firme.

Assumir a identidade de um marinheiro é assumir a identidade de um viajante. Daquele que está sempre navegando, que não tem uma Terra, mas está sempre viajando entre elas. O marinheiro é aquele que tem uma terra natal, talvez um lar para onde possa voltar. No entanto, ele nunca passará muito tempo nele porque sua condição principal é estar no mar, é estar em viagem. A identidade do marinheiro que Hamilton deseja assumir é uma grande representação da identidade do exilado.

5. Conclusão

O percurso identitário do personagem de Hugo Hamilton inicia-se a partir do desconhecimento do mundo. Ele afirma que ao nascer nada sabia sobre onde estava e nem sobre quem era. Seus pais lhe conferiram uma identidade, composta por seus nomes, suas línguas e nacionalidades, a qual estava também inscrita no contexto maior do mundo anglofônico de Dublin da década de 50. Assim, o personagem descobre ter uma identidade e história hereditária. No entanto, essa descoberta não caracteriza em si uma motivação para a trajetória de transformação identitária do personagem. Essa motivação é conhecida através do desejo do personagem de encontrar inocência ao se livrar de sua identidade e história hereditárias. Esse desejo é o projeto que determina o ponto de partida deste trabalho de dissertação.

No primeiro capítulo, nos propomos a entender e complexificar esse desejo como projeto de transformação identitária. Segundo as perspectivas filosóficas apresentadas, compreendemos que a identidade inicial do personagem de Hugo Hamilton não é inata, individual e racional como propõe a teoria de Descartes. É uma identidade formada por marcas externas que foram impressas no personagem, o que se assemelha a proposição de Locke. No entanto, essas marcas não se originam na experiência empírica dos sentidos com os objetos sensíveis, mas na relação histórica com signos linguísticos. Concluímos, então, que a identidade hereditária de Hamilton é constituída por um processo histórico, dialógico e sociológico conforme nos mostram os propostos da teoria bakhtiniana.

Avaliamos o desejo do personagem de encontrar inocência ao se livrar de suas identidade e história herdadas. Através da comparação com o pecado original, entendemos que pesa sobre a identidade e história hereditárias do personagem a sensação de separação e culpa. A separação entre suas identidades marca as diferenças, as quais, segundo Stuart Hall, são fundamentais para o processo de formação da identidade. Além disso, avaliamos a importância do sentimento de culpa no processo de transformação identitária do autor. Concluímos que, segundo os filósofos Judith Butler e Friedrich Nietzsche, a culpa estaria no centro do processo de autodefinição do indivíduo que ao tentar se livrar das acusações e leis morais que lhe são impostas pelos outros se torna um ser autonarrativo.

Na segunda parte do primeiro capítulo, buscamos apresentar o contexto histórico e teórico que constitui a herança identitária nacional irlandesa e alemã. Mostramos que as várias concepções sobre nação e nacionalismo apresentadas trazem uma herança identitária e agregam à experiência de culpa histórica as noções de homogeneidade, exclusão e ressentimento, como explicado por Hobsbawm. Além disso, Anderson nos mostra a relação indissociável entre língua e nação, bem como a construção da nação como comunidade imaginada. Em via contrária, Arendt traz o caráter positivo do nacionalismo e problematiza a questão do abandono da identidade nacional como um dos possíveis apagamentos das características singulares dos indivíduos. No final desse capítulo, expomos algumas das discussões atuais sobre a identidade irlandesa e alemã. Entendemos que há como parte da culpa histórica dessas identidades e como desafio futuro para elas, a conciliação das diferenças na Irlanda, devido ao seu passado colonial, e a superação da culpa do nazismo por parte da Alemanha. Nesse aspecto, as memórias de Hamilton podem contribuir através do registro de sua história pessoal e singular, para a expansão do conjunto de saberes que compõem essas identidades nacionais e para novas formas de encará-las.

A partir do segundo capítulo, mostramos como o personagem vai ganhando gradativamente o conhecimento do mundo ao seu redor. Esse conhecimento o leva a descoberta das complexidades e dificuldades de sua identidade. No subtítulo *A Descoberta das Diferenças*, há uma ruptura com a aparente homogeneidade de seu ambiente familiar em que as nacionalidades irlandesa e alemã conviviam em harmonia. Hugo descobre a identidade de seu avô paterno, John Hamilton, e percebe que há na sua família diferenças incompatíveis e que a complexidade que compõe a sua identidade é formada por oposições, silenciamentos e segredos. Por parte de sua herança alemã, há uma família destruída pelas guerras, contrária ao nazismo e com uma forte tradição de resistência a ele. Em meio aos vieses alemão, irlandês e britânico de sua herança identitária, o personagem de Hamilton se vê impedido de fazer uma escolha, identificar-se e excluir parte de quem ele é. Ele busca por um novo tipo de identidade em que ele possa lidar com essa herança de forma satisfatória.

No segundo subtítulo, *Língua, Cultura e Violência*, o personagem de Hamilton começa a entrar em contato com a experiência da culpa, individual e histórica. Ele percebe que sua herança identitária irlandesa é essencialmente composta pelo

projeto autoritário e violento de família-nação de seu pai. Além disso, há uma guerra entre as línguas que fazem parte de sua herança identitária na qual a língua inglesa era a língua proibida e a língua irlandesa também podia ser violenta. Hugo descobre a culpa histórica que a moral nacionalista o apregoa. Segundo essa perspectiva, a culpa histórica irlandesa era constituída pela ideia de dívida com os ancestrais na luta contra o colonizador. De acordo com a moral nacionalista de seu pai, Hugo teria de cumprir o seu papel em continuar o trabalho daqueles que um dia morreram para que ele pudesse viver na Irlanda de seu tempo.

Na parte final do primeiro capítulo, sob o subtítulo de *A Resistência à Culpa Histórica*, o personagem sente a forte presença da culpa histórica o acusando. Ele sabe que terá de lidar com a herança identitária do nazismo e provar a sua inocência. Esse é o momento em que Hugo começa a fazer experimentações em busca de uma transformação de sua identidade. Ele tenta assumir a identidade nazista que lhe é atribuída, a de Adolf Eichmann. A partir dessa experiência, ele faz reflexões e chega a um início de moral própria.

Com as experiências vividas pelo personagem no término desse capítulo, podemos dizer que Hugo percebe que tem dois tipos de dívida com seus antepassados. Por parte da sua herança identitária irlandesa, há uma culpa histórica ligada à posição de vítima. Dessa forma, sua dívida histórica está relacionada com manter-se como vítima acusando seu agressor, o colonizador inglês. Por outro lado, há por parte de sua herança alemã, a culpa histórica pelos feitos do nazismo e a posição bem marcada como agressor. A dívida histórica de sua parte alemã é justamente pagar pelos males do nazismo. O personagem percebe que há uma complexidade em sua relação com a culpa histórica contida nas suas identidades e histórias herdadas. Há na sua relação com a culpa, ambas as posições de agressor e vítima. No entanto, ainda que haja a tentativa de transparecer a divisão clara entre as duas posições, a culpa histórica irlandesa como vítima e a alemã como agressora, Hamilton é engenhoso em tentar mostrar ao leitor que essa divisão não é clara dessa forma. Ainda que no contexto social, haja a posição de vitimização e a dívida com os ancestrais que lutaram contra o colonizador, na maneira em que o pai de Hugo coloca o projeto nacionalista para sua família, percebemos que há também a posição de agressor. O contrário também ocorre na posição de culpa histórica alemã. Apesar de haver um consenso geral de que os alemães são culpados pelos atos cometidos pelo nazismo e que detêm a posição de agressores, há no caso

específico da família de Hamilton, um histórico de resistência ao nazismo. Hamilton nos mostra como a sua família alemã, bem como o próprio povo alemão, foi também vítima do nazismo. Dessa forma, há em ambas as suas identidades hereditárias as posições de vítima e de agressor, variando segundo posicionamentos individuais e sociais. Portanto, diante da complexidade de posicionamentos da culpa histórica herdada, Hugo decide buscar formas de compreender, escapar e reformular essa experiência.

No terceiro capítulo, a primeira forma que apresentamos de Hugo lidar com sua bagagem identitária e com as diferenças e culpa trazida por ela é através da arte. Entendemos que a arte tem um papel de conforto e de purgação para o personagem. No encontro com a música, a arte lhe proporciona uma esperança de distanciamento de sua realidade e uma sensação de leveza. Há, também, na relação de Hugo com a pintura a busca por refúgio caracterizada pela tentativa de anulação da agressão ao esconder o instrumento de tortura no quadro da mulher holandesa. Apesar de perceber que esse refúgio é momentâneo, o personagem necessita dele para que possa reinterpretar sua herança identitária. Na encenação da peça de teatro e na cena de contato com a pintura de João Batista, o personagem busca resignificar a experiência de culpa nos papéis de agressor e vítima. A arte funciona como um meio de entrar em contato com os conteúdos do inconsciente do personagem. Na cena da peça, o personagem tenta eliminar o papel dos agressores dentro dele, representado pela morte do personagem Arnulf. Na cena do quadro de João Batista, há a tentativa de averiguar o momento anterior à condenação como se houvesse a possibilidade de suspendê-la. Vemos que há nessa cena, e também na peça teatral, a expressão da arte como purgação da culpa histórica do personagem em que ele busca alcançar a liberdade de espírito de forma simbólica.

A partir de então, Hugo inicia um processo de fuga. Em sua tentativa de se livrar da culpa histórica e de suas identidades no porto, ele deseja fugir de quem ele é e de onde veio. Ele tenta a possibilidade de viver uma não-identidade em um não-lugar a fim de escapar da história. Essa tentativa é fracassada. Aos poucos, Hugo percebe que não será possível fugir. Ele tem de encarar a experiência com a culpa e resolver como se posicionar diante de suas identidades e histórias hereditárias.

O principal elemento que faz Hugo refletir sobre a sua experiência com a culpa é o julgamento. Hugo é confrontado com cenas de (auto) julgamentos várias

vezes ao longo de sua trajetória. A primeira é aquela em que Hugo é chamado de Eichmann e apedreja o cachorro. Nessa cena, Hugo vivencia uma experiência de julgamento diferente daquele vivido pelo coronel alemão, conforme proposto por Hannah Arendt. Hugo se mantém constantemente reflexivo sobre sua situação. Além disso, algo inusitado acontece em seu julgamento. O personagem sabia que estava sendo condenado e punido por sua culpa histórica alemã. No entanto, ele havia tentado assumir a identidade nazista e apedrejou o cachorro. Ele sabia que tinha culpa pelo que fez na sua atitude individual com o cachorro, mas aqueles que o estavam julgando e condenando não sabiam o que ele fez. Estavam punindo-o por uma culpa coletiva e histórica, não individual. No entanto, Hugo sabia que estava sendo punido pelas duas coisas e se mantinha refletindo sobre o seu verdadeiro julgamento, o do cachorro. Só o cachorro e ele sabiam o que havia acontecido. O único que poderia culpá-lo e puni-lo de verdade era o cachorro. No entanto, não foi isso o que ele fez. O cachorro o perdoou. Essa reversão da pena do julgamento é muito relevante. Hugo não foi julgado do ponto de vista jurídico, por um juiz e por uma comissão externa que em nada tinha a ver com ele ou com ter sido vítima de seus atos. Ele foi julgado pelo cachorro, sua vítima, e este o perdoou por seu ato. Houve nessa cena uma identificação entre Hugo e o cachorro e uma percepção de que as posições de agressor e vítima são circunstanciais e que se faz necessário quebrar o círculo vicioso. O perdão do cachorro iniciou um processo de liberação dentro de Hugo.

O segundo julgamento do qual Hugo participa é configurado pelo episódio do roubo do instrumento de tortura. Há nesse episódio, na realidade, dois julgamentos. O primeiro é o julgamento dos meninos que bateram no irmão de Hugo. Os meninos foram punidos pelo Padre K e foram açoitados. Frank, que era vítima dos meninos, também foi punido igualmente. O segundo julgamento ocorre quando Hugo rouba o instrumento de tortura. O Padre K deseja encontrar o culpado, interroga todos os suspeitos e, por fim, não consegue punir ninguém já que todos se uniram para assumir a culpa. Percebemos nesse episódio uma relação curiosa com a culpa. Na primeira condenação, Frank era inocente e foi punido da mesma forma que os culpados. Hugo considerou isso uma injustiça e por isso roubou o instrumento de tortura. No segundo julgamento, ele era culpado, mas não se pronunciou. Os colegas que decidiram assumir a culpa eram inocentes e lutaram para não ser punidos. No final, a suspensão da culpa só aconteceu porque todos a assumiram.

O terceiro julgamento ao qual Hugo é exposto é o do não-lugar. Sabemos que o julgamento que ocorre no não-lugar diz respeito à revelação da identidade. Ainda que a identidade de Hugo não tenha sido efetivamente revelada e julgada no não-lugar, por identificação com Dan Turley, ele vive um processo de autojulgamento. Ao ver as consequências que Dan Turley vive ao ter a sua identidade revelada por Tyrone, alguém que conhecia seu passado e que partilhava com ele de uma mesma experiência de culpa histórica, Hugo percebe que não é possível escapar da dívida histórica. Essa é uma experiência de julgamento indireta, mas que o faz refletir sobre a impossibilidade de fuga da culpa de suas identidades e história.

Finalmente, Hugo é colocado em julgamento no episódio de vandalismo na empresa em que trabalhou na Inglaterra, na Ross Foods. Nesse julgamento, Hugo é totalmente inocente por sua parte individual. No entanto, ele e seu amigo Packer decidem assumir a culpa pelo grupo de irlandeses. No contexto coletivo, há a relação de culpa histórica. Nessa cena de julgamento, Hugo experimenta ser julgado por ser completamente inocente em seu ato individual. Ele também experimenta ser julgado por aquele que por seu pai colocava como agressor. No contexto desse episódio, o inglês era agora a vítima do vandalismo, enquanto os irlandeses eram os agressores. Diante dessa complexidade, Hugo reflete e chega à conclusão de que julgar é necessário para aquele que não cometeu o ato julgado. Estamos, na realidade, sempre julgando a nós mesmos, buscando nos inocentar, quando ser culpado é uma questão de posição momentânea de sujeito.

Há no contexto dos julgamentos de Hugo uma grande complexidade de posições. No primeiro julgamento, Hugo era culpado pelo ato e descobre inocência em ser perdoado. No segundo, ele não aceita a condenação do irmão por ser inocente, rouba o instrumento de tortura, é culpado, mas escapa da condenação porque os outros assumem a sua culpa. No terceiro, ele não é julgado, mas se identifica com o julgamento do outro. No quarto e último, ele é inocente, mas se faz culpado para poder desfrutar da sua inocência. Os julgamentos trazem a Hugo a percepção de que ser culpado ou inocente é uma condição relacional. Ele também entende que o julgamento externo pouco diz sobre a possibilidade de liberação ou transformação da experiência com a culpa. O verdadeiro julgamento é o autojulgamento, especialmente em face daquele que participou do ato. É no encontro entre agressor e vítima, ambos refletindo sobre a dinâmica de seus feitos, que a liberação da culpa pode produzir uma transformação ética e moral. O

resultado final de todos os julgamentos aos quais Hugo é exposto é a compreensão da culpa como responsabilidade de todos. Ao contrário do pensamento de Nietzsche de que a culpa é resultante da imposição da moral externa e alheia, Hamilton parece nos mostrar que a culpa, seja baseada na moral externa ou interna, é relacional e partilhada por todos. Porém não é porque a culpa é partilhada por todos que ela nos torna inocentes, mas a inocência só é conquistada através da reflexão contínua.

Parece-nos que a grande consequência da trajetória identitária do personagem de Hugo Hamilton seja conhecer a complexidade de sua identidade e de sua relação com a culpa, histórica e individual. Podemos dizer que Hugo, ao conhecer e se propor experimentar as diferenças de suas identidades hereditárias, irlandesa, alemã e britânica, bem como as posições de agressor e vítima contidas nelas, vivencia aquilo que Sousa Santos chama de "ecologia de saberes". O personagem de Hamilton se permite atravessar a fronteira da ignorância, o "pensamento abissal" que separa claramente as identidades nacionais que herdou. Ele se permita conhecer os vários pontos de vista que estão contidos dentro de si. Ao invés de se identificar e excluir posicionamentos de sujeito contidos em seu histórico identitário como proposto por Stuart Hall, Hugo prefere fazer o possível para buscar uma identidade em que ele possa vivenciar e integrar o máximo possível de sua bagagem identitária. Segundo as palavras do próprio autor, "a identidade é uma história que contamos para nós mesmos" e, ao contrário da tentativa de seu pai de contar uma história "que não envolvesse as pessoas do outro lado da rua", ele quis contar a história expandida (Izarra; Prudente, 2013, p. 55-56).

O que possibilita a Hugo esse autoconhecimento é a permanente reflexão de sua identidade, conforme proposto por Arendt, e a tentativa de responder a pergunta com a qual é constantemente interpelado, foi você quem fez isso?, você é culpado por isso?, como sugerido por Butler. É também ao se permitir viver as consequências de seus próprios atos e se manter reflexivo diante da possibilidade de criar uma moral própria, como proposto por Nietzsche, que Hugo consegue enfrentar a experiência com a culpa.

Finalmente, Hugo não consegue encontrar a sua inocência ao se libertar de suas identidades e histórias hereditárias. O personagem não se livra de sua herança identitária, mas a reformula através da compreensão da diversidade de quem ele é. No final de sua narrativa, quando Hugo assume a condição de exilado em Berlim, ele faz questão de se posicionar em diferentes momentos com as diferentes

heranças da sua identidade, analisando continuamente as consequências que isso lhe trará. Hugo somente encontra sua inocência quando entende quem ele é em sua complexidade e quando assume a culpa que lhe é imputada. Ele segue o conselho de sua mãe e aceita que é somente quando assumimos a nossa culpa, aquela que é efetivamente nossa ou aquela que nos atribuem, que podemos ser livres**.** Nesse contexto, Hugo entende que somos todos culpados e isso nos faz inocente.

6. Referências Bibliográficas

ALCOFF, Linda. Who's Afraid of Identity Politics?. In: MOYA, Paula; HAMES-GARCÍA. *Reclaiming Identity: Realist Theory and the Predicament of Postmodernism.* Los Angeles: University of California Press, 2000.

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism.* New York: Verso, 1994.

ARENDT, Hannah. (1958) *The Human Condition*. Chicago: University of Chicago, 1998.
_____. *Responsibility and Judgment*. New York: Random House, 2003.
_____. (1973) *As Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia da Letras, 2012.
_____. (1963) *Eichmann em Jerusalém.* São Paulo: Companhia da Letras, 2013.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares – Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade.* Campinas: Papirus, 1994

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética – a Teoria do Romance*. São Paulo: Hucitec, 2002.

BENOIST, Alain. *On Identity.* Disponível em: http://www.alaindebenoist.com/pdf/on_identity.pdf. Acesso em: 21 set, 2013.

BÍBLIA SAGRADA. Rio de Janeiro: Alfalit, 2002.

BOHAN, Christine. *Censored: the 274 Books and Magazines still Banned in Ireland Today.* The Journal, 21 de maio de 2012. Disponível em: http://www.thejournal.ie/censored-the-274-books-and-magazines-still-banned-in-ireland-today-455034-May2012/. Acesso em: 18 de junho, 2014.

BROWN, Terence. *Ireland: a Cultural and Social History 1922-2002.* Londres: Harper Perennial, 2004.

BUTLER, Judith. *Giving an Account of Oneself*. New York: Fordham University Press, 2005.
COOPER, Duncan. *Immigration and German Identity in the Federal Republic of Germany from 1945 to 2006.* Zurique: LIT, 2010.

DAVIDSON, Eugene. *The Trial of the Germans*. Missouri: Macmillan, 1966.

DESCARTES, Réné. *Obra escolhida.* São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.

EAGLETON, Terry. *Conquering History*. The Guardian, February 4th 2006. Disponível em: http://www.guardian.co.uk/books/2006/feb/04/featuresreviews.guardianreview3. Acesso em: 21 set, 2013

ELEY, Geoff; PALMOSKI, Jan. *Citizenship and National Identity in Twentieth-century Germany*. California: Stranford, 2008.

ENRIGHT, Anne. *The Grant Book of the Irish Short Story*. London: Grant Books, 2011.

ERIN GO BRAGH. Disponível em: http://www.ravenswoodleather.com/images/products/1386.jpg. Acesso em: 25 set, 2013.

FORDHAM, Michael. *Junguian Psychology: a Study in Analytical Psychology*. New York: Wiley, 1978.

GIBBONS, Luke et al. Challenging the Canon: Revisionism and Cultural Criticism. In: DEANE, Seamus (Ed.). *The Field Day Anthology of Irish Writing.* Derry: Field Day Publications, 1991, 3 vols.

GOODBY, John (Ed.). *Irish Studies - The Essential Glossary*. London: Arnold, 2003.

GORDON, Terry J. Fascism and the Female Form: Performance Art in the Third Reich. In: HERZOG, Dagmar. *Sexuality and German Fascism.* Texas: Berghahn, 2005.

GOUEZ, Aziliz. *Interview with Hugo Hamilton*. Rencontre Européenne. N. 11, Hugo Hamilton, October 2008.

GREGORY, Lady (1913). Our Irish Theater. In: Harrington, J.P., *Modern Irish Drama*. Nova Iorque: W.W.Norton, 1991.

GUENTHER, Irene. *Nazi Chic? Fashioning Women in the Third Reich*. Oxford: Berg, 2004.

HAMILTON, Hugo. *The Speckled People*. New York: Harper Collins, 2003.
_____. *The Sailor in the Wardrobe*. London: Harper Perennial, 2006.
_____.*Speaking to the Walls in English*. Disponível em: http://www.powells.com/essays/hamilton.html. Acesso em: 21 set, 2013.

HALL, Stuart. The Spectacle of the 'Other'. In: _____. *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices.* London: Sage, 1997
_____. Who Needs Identity? In: du GAY, P., EVANS, J. and REDMAN, P (Eds.). *Identity: a Reader*. IDE: Sage Publications INC, 2000. Pp. 15-30, 155-2.
_____. Old and New Identities, Old and New Ethnicities. In: KING, A. D. *Culture, Globalization, and the World-system: Contemporary Conditions for the Representation of Identity.* Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000.
_____*. A Identidade Cultural da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARTE, Liam. 'Tomorrow we will change our names, and invent ourselves again': Irish Fiction and Autobiography since 1990. In: BREWSTER. Scott; PARKER, Michael. *Irish Literature since 1990.* Manchester: Manchester University Press, 2009.

HEGEL. Fenomenologia do Espírito – tradução comentada. In: KOJÈVE, Alexandre. *Introdução a Leitura de Hegel*. Rio de Janeiro: Contraponto, EDUERJ, 2002.

HOBSBAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismo.* São Paulo: Paz e Terra, 1990.

HYDE, Douglas (1892). The Necessity for De-anglicizing Ireland. In: PIERCE, D. (Ed.) *Irish Writing in the 20th Century.* Cork: Cork UP, 2000.

IZARRA, Laura P. Z.; PRUDENTE, Patricia de Aquino. *Interviewing Hugo Hamilton*. ABEI Journal 15 (2013): 51-63. Ed. Munira H. Mutran and Laura P.Z. Izarra. São Paulo: Humanitas.

JOYCE, James. *O Retrato do Artista Quando Jovem.* São Paulo: Objetiva, 2006.
JUNG, Carl (1937). Psychology and Religion. In: Hull, R.F.C. (Trad.) *Collected Works of C. G. Jung.* (vol. 11) Princeton: Princeton University Press, 1958

KATTAGO, Siobhan. *Ambiguous Memory: The Nazi Past and German National Identity.* Westport: British Praeger Publishing, 2001

KYBERD, Declan. *Inventing Ireland: the Literature of the Modern Nation*. London: Vintage Books, 1996.

KILLEEN, Richard. *A Short History of Modern Ireland*. Dublin: Gill &Macmillan, 2003.

LEE, Hermione. *A Tale of Two Tongues*. The Guardian, Saturday 25 January 2003. Disponível em: http://www.guardian.co.uk/books/2003/jan/25/featuresreviews.guardianreview1. Acesso em: 21 set, 2013.

LOCKE, John (1690). *An Essay Concerning Human Understanding*. Oxford: Claredom Press, 1975.

LONGMAN. *Dictionary of Contemporary English.* Harlow: Pearson Education Limited, 2001.

MAIER, Charles. *The Unmasterable Past: History, Holocaust, and German National Identity*. Boston, Harvard University Press, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich (1887). *A Genealogia da Moral*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

ORLOW, Dietrich. *The Nazi Party 1919-1945*: *A Complete History*. Nova Iorque: Enigma Books, 2010.

O'NEILL, Joseph R. *The Irish Potato Famine*. Edina: Abdo Publishing Company, 2009.

O'TOOLE. Fintan. Green, White and Black: Race and Irish Identity. In: LENTIN, R. *Emerging Irish Identities Seminar.* Dublin: Trinity College Dublin, November 1999.
_____. *Irish Society and Culture in the Twenty-First Century*. ABEI Journal, number 11, November 2009. São Paulo, Brazil.

PAWLEY, Margaret. *The Watch on the Rhine: The Military Occupation of the Rhineland*. Londres: I. B. Tauris, 2007

PÓIRTÉIR, Cathal. *The Great Irish Famine*. Cork: Mercier Press, 1995.

RANDOLPH, Jody Allen. *Close to the Next Moment – Interviewing from a Changing Ireland*. Manchester: Carcanet, 2010.

REILLY, Kevin; KAUFMAN, Strephen; GODINO, Angela. *Racism: a Global Reader.* Nova Iorque: M. E. Sharpe, 2003.

REILLY, James R. *Conacre: a System of Land Rental in Pre-Famine Ireland.* Disponível em: http://www.attymass.ie/historical_documents/famine/conacre.pdf. Acesso em: 21 Set, 2013.

SAID, Edward. *Reflexões Sobre o Exílio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SAMMARTINO, Annemarie. Culture, Belonging and the Law. In: ELEY, Geoff; PALMOSKI, Jan. *Citizenship and National Identity in Twentieth-century Germany*. California: Stranford, 2008.

SANTIAGO, Homero. *Pensamento e Extensão*. São Paulo, 2005. P. 8-9.
_____. *Pensamento e Extensão.* São Paulo, 2006. P. 40-43.
_____. Análise do Discurso do Método. In: Descartes, René. *Discurso do Método.* São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul.* São Paulo: Cortez, 2010.

SANTRY, Claire. *Irish Last Names: a Short History.* Disponível em: http://www.irish-genealogy-toolkit.com/Irish-last-names.html. Acesso em: 6 Out, 2013.

SCHLEUNES, Karl. A. *The Twisted Road to Auschwitz: Nazi Policy Toward German Jews, 1933-1939*. Illinois: Illini Books, 1990.

SCHULZE, Mathias (Ed.). *German Diasporic Experience: Identity, Migration and Loss.* Canada: Wilfrid Laurier University Press, 2008.

SENIOR, Hereward. *Constabulary: The Rise of Police institutions in Britain, the Commonwealth and the United States.* Toronto: Dundurn Press, 1997.

SILVA. Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e Diferença – A Perspectiva dos Estudos Culturais*. Petropolis, RJ : Vozes, 2007

STACKELBERG, Roderick. *Hitler's Germany: Origins, Interpretations, Legacies*. Londres: Routledge, 1999.

STEIN, George H. *The Waffen SS: Hitler's Elite Guard at War, 1939-1945*. Nova Iorque: Cornell University Press, 1966.

SZANAJDA, Andrew. *The Restoration of Justice in Postwar Hesse, 1945-1949.* Plymouth: Lexiton Books, 2007.

TABERNER, Stuart (Ed.). *Recasting German Identity: Culture, Politics and Literature in the Berlin Republic.* Suffolk: Candem House, 2002.

TONE, Theobald Wolfe (1791). An Argument on Behalf of the Catholic of Ireland. In: MOODY, T.W.; MCDOWELL, R.B; WOODS, C.J. (Eds.). *The Writings of Wolfe Tone 1763-98.* Vol. I. Oxford: Claredon, 1998

VOLOSINOV, V.N. *Marxism and the Philosophy of Language*. New York: Seminar Press, 1973.

YEATS, William Butler (1899). The Literary Movement in Ireland. In: PIERCE, D. (Ed.) *Irish Writing in the 20th Century.* Cork: Cork UP, 2000.

WEBER, Jurgen. *Germany, 1945-1990: A Parallel History*. Monique: CEU Press, 2004.

WILLS, Claire. *The Neutral Island: A Cultural History of Ireland During the Second World War*. Londres: Faber and Faber, 2007.

WIKIPEDIA. *Kempen*. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Kempen,_Germany. Acesso em: 21 set, 2013.

_____. North Rhine-Westphalia. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/North_Rhine-Westphalia. Acesso em: 21 set, 2013.

7. ANEXOS

ANEXO A – Bandeira da Irlanda “Erin Go Bragh”

Disponível em: http://www.ravenswoodleather.com/images/products/1386.jpg. Acesso em: 25 set, 2013.